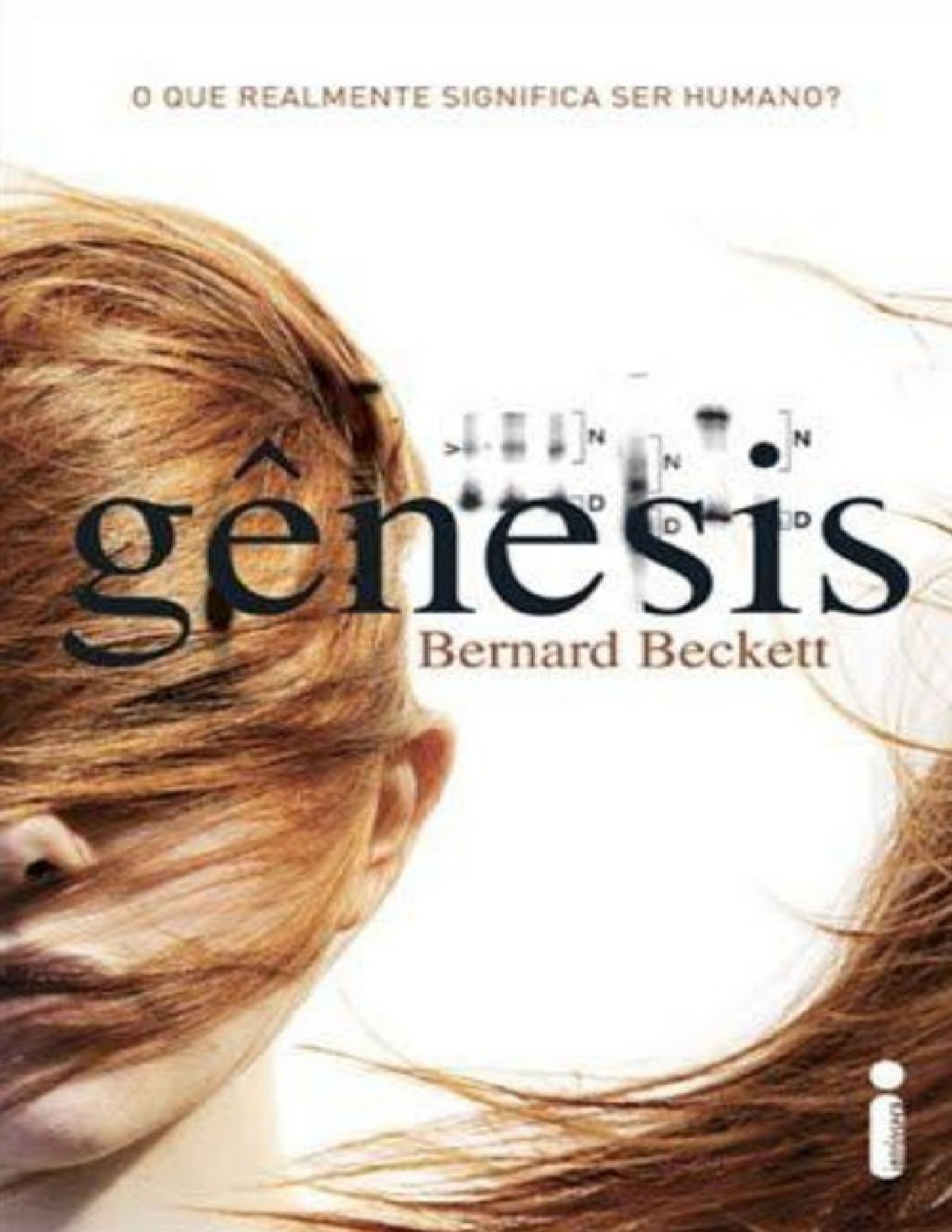


O QUE REALMENTE SIGNIFICA SER HUMANO?



gênesis

Bernard Beckett



O QUE REALMENTE SIGNIFICA SER HUMANO?

gênesis

Bernard Beckett

Na ocasião em que a Terra foi arrasada pela Peste, os sobreviventes reuniram-se em uma nova sociedade. Separados do mundo exterior por uma cerca em pleno oceano, vivem em absoluto isolamento – aviões que se aproximam são abatidos; refugiados, executados. Até que um soldado escolhe romper com as regras e, em vez de disparar, resgata das águas uma menina. Seu nome é Adam Forde. Ele muda para sempre o curso da História.

Anaximandra, uma jovem de 14 anos, estudou a fundo esses dados históricos. Numa sala com pouca luz ela está sentada diante de três Examinadores para uma exaustiva prova de quatro horas. Adam Forde, seu herói, morto há bastante tempo, é o tema do exame. Se aprovada, ela será admitida na Academia – a instituição de elite que governa aquela sociedade utópica. Anax, porém, está prestes a descobrir que nem tudo consta dos registros acadêmicos. Há fatos, imagens, arquivos a que nem todos têm acesso. Antes que a avaliação termine, virão à tona o obscuro segredo da Academia e a realidade assustadora daquele admirável mundo novo.

Inquietante e de uma ingenuidade encantadora, *Gênesis* conduz a um futuro em que antigas – e eternas – questões filosóficas se chocam com o avanço tecnológico – quando o significado de ser humano, ter consciência e ter alma tornam-se questões centrais.

Booklist

“Tem um desfecho absolutamente atordoante, digno dos clássicos de ficção científica.” *Publishers Weekly*

“O cuidado com a narrativa e o final surpreendente imprimem uma bem-vinda novidade ao argumento já familiar.” *The Guardian*

“Um romance jovem bem diferente: acertado, cool...”

É a alma mais que o zumbido de suas partes?
- DOUGLAS HOFSTADTER, *The Mind's I*

PRIMEIRA HORA

Anax desceu o longo corredor. O único som era o silvo suave da sobrecarga do filtro de ar. As luzes estavam baixas, como o exigido pelas novas regras. Ela relembrou os dias mais brilhantes, mas nunca falou sobre eles. Isso era um dos Grandes Erros, pensar em brilhantismo como uma qualidade do passado.

Anax chegou ao fim do corredor e virou à esquerda. Ela checou o tempo. Eles veriam sua aproximação, ou era o que os rumores diziam. A porta se abriu, calma e suave, como tudo na zona da Academia.

— Anaximander?

Anax assentiu.

O júri era composto por três Examinadores, exatamente como as regras tinham prometido. Isso era um grande alívio. Detalhes do exame foram mantidos em segredo, e entre os candidatos rodavam rumores. — *A imaginação é a criança bastarda do tempo e da ignorância*, — seu tutor Pericles gostava de dizer, sempre acrescentando, — *não que eu tenha algo contra bastardos*.

Anax amava seu tutor. Ela não iria decepcioná-lo. A porta se fechou atrás dela.

Os Examinadores sentaram atrás de uma mesa alta, o topo de laje escura de madeira polida.

— Sinta-se confortável. — O Examinador do meio falou. Ele era o maior dos três, tanto em altura e vastidão, como qualquer que Anax tivesse visto. Em comparação, os outros dois, pareciam velhos e fracos, mas ela sentiu os olhos deles sobre ela, vivos e fortes. Hoje, ela não presumiria nada. O espaço ante deles estava claro. Anax sabia que a entrevista estava sendo gravada.

EXAMINADOR: Quatro horas foram distribuídas para seu exame. Você pode solicitar esclarecimentos, você deve ter dificuldades em compreender algumas de nossas perguntas, mas a necessidade de fazer isso será levada em consideração, quando o julgamento final for feito. Você entende isso?

ANAXIMANDER: Sim.

EXAMINADOR: Há algo que você gostaria de perguntar, antes de começar?

ANAXIMANDER: Eu gostaria de lhe perguntar quais são as respostas.

EXAMINADOR: Sinto muito. Não entendi muito bem...

ANAXIMANDER: Eu estava brincando.

EXAMINADOR: Oh. Eu vejo.

Uma má ideia. Não tanto como um lampejo de reconhecimento de qualquer um deles. Anax se perguntou se deveria pedir desculpas, mas a brecha se fechou rapidamente.

EXAMINADOR: Anaximander, seu tempo começa agora. Quatro horas com seu tema escolhido. A vida e a época de Adam Forde, 2058-2077. Adam Forde nasceu sete anos na era da República de Platão. Pode nos explicar por favor, as circunstâncias políticas que levaram a formação da República?

Isso era um truque? O tópico de Anax claramente abrangia sua área de especialização sobre os anos de vida de Adam apenas. A proposta tinha sido aceita pelo comitê sem emenda. Ela sabia um pouco do contexto político é claro, todo mundo sabia, mas essa não era sua área de especialização. Tudo que ela podia oferecer era uma recitação da sala de aula, familiar para todo estudante.

Isso não era maneira de começar. Ela deveria desafiá-los? Eles estavam esperando que ela os desafiasse? Ela olhou para seus rostos em busca de pistas, mas eles sentaram impassíveis como rochas, oferecendo-lhe nada.

EXAMINADOR: Anaximander, você entendeu a pergunta?

ANAXIMANDER: Claro que entendi. Desculpe. Eu estou apenas... Não importa...

Anax tentou limpar sua mente de preocupações. Quatro horas. Tempo de sobra para mostrar o quanto ela sabia.

ANAXIMANDER: A história começa no final da terceira década do novo milênio. Como em qualquer época, não havia falta de pessimistas. As primeiras tentativas de engenharia genética assustaram amplos setores da comunidade. A economia internacional ainda era à base de óleo, e o crescente consenso era de que uma catastrófica escassez se aproximava.

O que era então conhecido como Oriente Médio, continuou sendo uma conturbada região politicamente, e os Estados Unidos - eu usarei designações de tempo para consistência - era mal visto por muitos por ter se envolvido em uma guerra que não conseguiria vencer, com uma cultura que não entendia. Enquanto promovia seus interesses, como os da democracia, a descrição era estreita e idiossincrática, e feita para uma pobre exportação.

O Fundamentalismo estava aumentando em ambos os lados dessa divisão, e

os primeiros claros incidentes de Terrorismo Ocidental na Arábia Saudita em 2032 foram vistos por muitos como a faísca para uma fogueira que nunca apagou. A Europa foi acusada de perder seu compasso moral e os motins de independência de 2047 foram vistos como mais uma prova da decadência secular. A ascensão da China a proeminência internacional, o que foi chamado de "diplomacia ativa", levou muitos a temerem que outro conflito global estivesse no horizonte. A expansão econômica ameaçava o meio ambiente global. A taxa de biodiversidade encolheu sem precedentes, e os adversários finais do Modelo de Mudanças Climáticas Aceleradas foram convertidos a causa pelas tempestades de areia de 2041. Em resumo, o mundo enfrentou muitos desafios, e no final da quinta década do século atual, o discurso público era dominado por um clima de ameaça e de pessimismo.

Isso é, é claro, fácil ser prudente com o benefício da percepção tardia, mas do nosso ponto de vista, agora está claro que a única coisa que a população tinha a temer era o próprio medo. O verdadeiro perigo enfrentado pela humanidade durante este período foi o encolhimento de seu próprio espírito.

EXAMINADOR: Defina espírito.

A voz do Examinador era cuidadosamente modulada, o tipo de efeito que poderia ser alcançado com o mais barato dos filtros. Só que não era apenas tecnologia que Anax ouviu; era o controle, puro e simples.

Cada pausa, cada piscar de incerteza: os Examinadores observavam tudo. Assim, certamente, era como eles decidiam. Anax sentiu-se de repente lenta e inexpressiva. Ela ainda conseguia ouvir as últimas palavras de Pericles.

— *Eles querem ver como você vai responder ao desafio. Não hesite. Discuta seu tema em direção ao entendimento. Confie nas palavras.* E voltando, aquilo tinha soado tão simples. Agora seu rosto estava tenso e ela tinha que pensar em seu caminho para as palavras, procurando-as no único caminho em que se busca um amigo em uma multidão, o pânico não mais que há um segundo de distância.

ANAXIMANDER: Por espírito, eu quero dizer algo sobre o clima predominante da época. O espírito humano é capaz de enfrentar a incerteza do futuro, com curiosidade e otimismo. É a crença de que os problemas podem ser resolvidos, as diferenças resolvidas. É um tipo de confiança. E é frágil. Ela pode ser obscurecida pelo medo, e superstição. No ano de 2050, quando o conflito começou, o mundo tinha caído sobre temerosos tempos supersticiosos.

EXAMINADOR: Diga-nos mais sobre essas superstições.

ANAXIMANDER: Superstição é a necessidade de ver o mundo em termos de simples causa e efeito. Como eu já disse, o fundamentalismo religioso estava em

ascensão, mas não é a esse tipo de superstição que estou me referindo. A superstição que dominava na época era a crença em causas simples.

Mesmo o mais simples dos eventos está preso por um espesso emaranhado de permutação e possibilidade, mas a mente humana luta com tal complexidade. Em tempos de problemas, quando a crença em simples deuses quebra, um culto de conspiração surge. Foi assim naquela época. Não é possível atribuir a desgraça ao acaso, não é possível aceitar sua insignificância final dentro do esquema maior, o povo procurava por monstros no meio deles.

Quanto mais a mídia espalhava medo, mais as pessoas perdiam a capacidade de acreditar umas nas outras. Para cada novo doente que se abatia sobre eles, a mídia criava uma explicação, e a explicação sempre tinha um rosto e um nome. As pessoas chegavam a temer até mesmo seus vizinhos mais próximos. No nível individual, a comunidade, e a nação, as pessoas procuravam sinais de intenções de outros doentes; e em todos os lugares que procuravam, os encontravam, por que é isso o que procurar faz.

Este foi o verdadeiro desafio que as pessoas daquela época enfrentaram.

O desafio de confiar uns nos outros. E eles caíram aquém deste desafio. Isto é o que eu quero dizer, quando digo que eles enfrentaram um encolhimento de espírito.

EXAMINADOR: Obrigado por seu esclarecimento. Agora, por favor, retorne para sua história da época. Como A República veio a ser estabelecida?

Exatamente como Pericles havia predito, Anax foi impulsionada pelo som de sua própria voz. Isso era o que fazia dela tão boa candidata. Seus pensamentos seguiram suas palavras, ou então, explicou ele. — *Todo mundo é diferente, e esta é a sua habilidade.* Ainda assim, embora a história que estava contando fosse velha, acabada há muito tempo, examinada com muita frequência, Anax se viu envolvida em palavras novas, confiança crescendo com cada camada.

ANAXIMANDER: O primeiro tiro da Última Guerra foi disparado por um mal entendido. Isso aconteceu em 7 de Agosto de 2050. A aliança Japonês- Chinesa passou dezoito meses tentando montar uma coalizão para supervisionar o projeto de enxofre, na esperança de que os efeitos do prende calor do carbono atmosférico pudessem ser anulados. Aquela coalizão não foi capaz de avançar em grande parte devido àquela desconfiança que mencionei.

Os EUA bloquearam a iniciativa, acreditando que era parte de um grande plano para estabelecer uma nova ordem internacional, e a China por sua vez acreditava que os EUA estavam deliberadamente acelerando as alterações climáticas, a fim de esmagar a economia chinesa. Na previsível forma que as coisas se desenrolaram, a China começou um plano para uma secreta ação unilateral.

O avião derrubado no espaço aéreo dos EUA no Pacífico foi contratado no primeiro ensaio de semeadura, embora, como todos nós sabemos os EUA nunca hesitou de sua linha oficial de que era um avião militar envolvido em ações hostis.

EXAMINADOR: É melhor você assumir que não sabemos nada.

Anax curvou a cabeça em desculpas, sentindo suas bochechas brilharem com a vergonha. Ela esperou por um sinal para continuar, mas ele não veio. Em qualquer outra circunstância, ela teria protestado contra a grosseria deles.

ANAXIMANDER: A base do poder de Platão veio de seus interesses econômicos globais. Ele fez sua fortuna inicial na tecnologia de hidrogênio, e combinou isso com sábios investimentos na indústria biopurificante. Com sua riqueza e contatos, Platão estava mais bem colocado que a maioria, para prever o provável resultado de um conflito em escala entre as superpotências. Sempre um homem prudente, ele começou a mover seu dinheiro para um grupo de ilhas no fim do mundo conhecidas como Aotearoa. No momento em que a guerra foi declarada, ele e seus associados foram anunciados como donos de setenta por cento da economia da ilha, e já estavam movendo-a em direção a um estado de rica tecnologia auto-suficiente. Enquanto a situação internacional piorava, Platão encontrou uma simples questão para convencer as pessoas de sua pátria adotada da necessidade de um sistema de defesa mais eficaz. O qual ainda é considerado como a melhor façanha da engenharia do século vinte e um, A Grande Cerca no Mar da República, que foi terminada em 2051, onze meses para a Última Guerra.

No momento em que a primeira praga foi lançada no final de 2052, A República já estava isolada do mundo. Platão era reverenciado como o salvador de Aotearoa, e, como os relatórios que vinham do exterior se tornavam mais sombrios, ele tornou-se conhecido também como salvador da própria raça humana. No momento que a última transmissão externa foi pega, em Junho de 2053, acreditava-se dentro da República que aquele era o último local habitável do planeta.

Os refugiados eram esperados, é claro, e quando eles vieram foram despachados. Aviões se aproximando eram abatidos sem qualquer tentativa de comunicação, e nos primeiros dias as pessoas se reuniam em falésias para observar o espetáculo de navios fantasmas explodindo no horizonte enquanto flutuavam na zona minada. Com o tempo, as explosões ficaram menos frequentes, e as armas a laser eram oferecidas a poucos alvos aéreos. Foi então que as pessoas se viraram para Platão e lhe pediram que os levasse para frente, para tempos melhores.

EXAMINADOR: Um resumo justo, Anaximander. E agora, é então que A República chega a seu especial objeto de interesse, Adam Forde, nasceu.

Antes de começarmos sobre a vida extraordinária dele, você pode nos contar um pouco sobre como a República de Platão foi construída?

ANAXIMANDER: Historiadores dizem que A República era melhor compreendida por seu lema "Seguir em direção ao passado". Platão, ou talvez devêssemos dizer, os conselheiros de Platão, por maioria agora, acreditavam que Helena tinha sido a chave arquiteta da ordem social da República, pregou um novo estilo de conservadorismo. Platão disse às pessoas que a Queda tinha vindo por que as pessoas haviam se desviado de seu estado natural. Eles haviam abraçado a mudança de forma acrítica, esquecendo-se da lei mais fundamental da ciência, que mudança significa decadência. Platão disse as pessoas da República que elas podiam voltar para a glória das grandes civilizações apenas criando uma sociedade baseada em estabilidade e ordem.

Platão identificou o que chamou de cinco grandes ameaças para a ordem: Impureza da Criação, Impureza do Pensamento, Indulgência do Indivíduo, Comércio, e O Forasteiro. Suas soluções eram radicais, mas as pessoas estavam assustadas e se agarraram às suas muitas promessas. —O estado salvou vocês, — Platão lhes disse, — e agora vocês devem trabalhar duro para salvar o estado.

As pessoas foram divididas em quatro classes distintas, com base em leituras genômicas: Operários, Soldados, Técnicos, e Filósofos. As crianças eram separadas de seus pais ao nascer, e detalhes de suas ascendências nunca foram divulgados. No final de seu primeiro ano, cada criança era testada, e atribuída a sua classe ou morta.

Todas as crianças eram sujeitas a uma educação rigorosa, tanto física e intelectual. Luta - livre e ginástica eram obrigatórias, juntamente com matemática e genética. Nos meses de verão, as crianças andavam nuas, como era ensinado para diminuir o desejo de individualidade.

Os melhores atletas eram capazes de avançar da classe Operária para a de Soldados, mesmo se seus genomas não predissessem isso, e da mesma forma, os melhores pensadores tinham a oportunidade de avançar para a classe Técnica, mas sem qualquer adicional. A classe dos Filósofos estava reservada para poucos ungidos.

Homens e mulheres viviam separadamente, comendo e dormindo em suas comunidades de trabalho. Romance era permitido, e uma vez que casais recebessem autorização do Departamento de Variação Genética eram encorajados a casar. Mas, mesmo depois de casados, eles permaneceriam vivendo entre sua própria espécie, e tinham que ganhar licenças para tempo- compartilhado.

Eu acho que isso é um resumo fiel dos principais aspectos da adiantada sociedade da República.

Anax percebeu que não haveria sinais de aprovação a partir do júri, mas mesmo assim ela não conseguia deixar de olhar para eles, do mesmo modo que uma criança em sua primeira semana de aula deve olhar para seu instrutor. Se não fosse por incentivo, então, pelo menos por reconhecimento. Mas, esta não era a escola. Esta era A Academia.

EXAMINADOR: Quem é seu tutor, Anaximander?

ANAXIMANDER: Pericles. Principalmente. Eu tive ajuda na escola, é claro, e eu mesma fiz um monte de pesquisa, mas...

EXAMINADOR: Pericles.

O Examinador disse o nome como se tivesse um poder especial sobre ele. Anax não poderia dizer se isso era bom ou ruim. Ela esperou pela próxima pergunta, esperando que em breve, eles chegassem ao material no qual ela estava mais confiante, a notável vida e época de Adam Forde.

EXAMINADOR: Em seu próprio julgamento, Platão teve sucesso na realização de seus objetivos?

ANAXIMANDER: Isso depende do que você acha que era para ter sido os objetivos dele. Se o que ele buscava era seu próprio poder pessoal e importância, o que eu acho que é uma estimativa razoável de suas motivações, pelo menos durante o tempo que viveu, ele foi capaz de exercer uma influência considerável. Se, no entanto, você está perguntando se ele foi bem sucedido na produção de um estado ideal, no qual as pessoas e a sociedade fossem capazes de perceber seu potencial, então é mais difícil de saber. Talvez a história tivesse achado mais fácil julgar Platão se Adam Forde nunca tivesse nascido.

Apenas dizer o nome a relaxava. Por três longos anos, Adam nunca tinha estado longe da mente dela. Apesar de ele ter morrido muito antes dela nascer, Anax sentia que o conhecia tão bem como ela conhecia qualquer um. Ela tinha estudado tantas transcrições, baixado tantos traços, mas o mais importante, ela tinha o que Pericles chamava "o sentimento por ele". Se ela não conseguisse impressionar os Examinadores agora, então ela nunca impressionaria os Examinadores. E isso - bem, ela não pensaria sobre isso. Ela tinha prometido a Pericles que não pensaria sobre isso.

EXAMINADOR: Sim, Adam.

Anax ainda estava para encontrar alguém que conseguisse dizer o nome sem pausar em seu significado. Os novos pensadores estavam revisando sua importância para baixo agora. *Não há nada de especial sobre o jogo que acende o fogo*, era o lema deles, exceto que é isso que faz o jogo acender o fogo. Mas, eles também pausavam quando diziam o nome dele.

EXAMINADOR: Anaximander, a primeira coisa que preciso ouvir é um pouco sobre o passado de Adam. Quem eram seus pais, como foram seus primeiros anos de vida? Todo mundo sabe sobre a noite de guarda imposta, todo jovem pode nos dizer a história, palavra por palavra, mas a vida de Adam não começou naquela noite. Diga-nos como, em sua opinião, ele chegou lá.

ANAXIMANDER: Adam nasceu no ano de 2058. Ele foi criado no berçário Tana durante seu primeiro ano. Diz a lenda que a mãe dele havia desenvolvido um método para marcar seu bebê e tinha se transferido para o berçário dele, pois assim ela poderia observá-lo durante esse tempo, mas é quase certo que isso é apenas uma história. O mito da casualidade novamente.

Para aqueles que desejam compreender o que tornou Adam do jeito que ele era, a resposta "tudo, e portanto nada" não descansa em paz.

O que sabemos é que Adam nasceu para a classe de Filósofos. No final de seu primeiro ano, ele foi submetido ao teste fisiológico normal e teve seu genoma lido. Seu status de aprendizagem foi confirmado, mas um aviso foi colocado em seu arquivo. Pelo menos dois marcadores genéticos sinalizavam uma possível imprevisibilidade em seu comportamento. De fato, o lendário memorando Clark, sugeriu que a morte devia ser considerada. Em circunstâncias normais ele teria sido submetido a um novo teste num período de dois meses. Mas, em 2059 foi a época da segunda grande praga assustadora, e quando Clark morreu todos os seus bens foram destruídos por precaução, de modo que a ordem de um reteste nunca foi colocada em arquivo. No momento em que o erro foi descoberto, Adam tinha passado em seus primeiros testes de verbalização, e a morte não era mais considerada. Na confusão que circundava o arquivo de Adam, os marcadores de alerta foram negligenciados, e a informação nunca foi passada para os corpos de escolaridade.

EXAMINADOR: Então, ele entrou diretamente para o grupo dos Filósofos?

ANAXIMANDER: Sim. Os registros dizem-nos que ele era o primeiro da turma, o que imediatamente impressionou, especialmente em matemática e lógica. Ele também se destacou em luta - livre e, aos treze anos, representou sua cidade no torneio anual. Foi lá que notaram o primeiro aspecto de uma exibição de individualidade que o levaria inevitavelmente a seu maior papel.

No torneio, ele conheceu uma garota chamada Rebekah, uma menina de luta- livre, e ele decidiu que os dois deveriam ser amigos. O fato de que eles não moravam na mesma cidade ou mesmo na mesma ilha não o deteve. Na última noite do torneio, Adam se escondeu entre a bagagem da equipe de Rebekah. Ele conseguiu viajar setecentos quilômetros ao sul de sua zona atribuída, e com a ajuda de Rebekah, evitou a detecção durante três dias antes de um cozinheiro descobri-lo se escondendo

em uma loja de alimentos secos na comunidade de Rebekah.

Adam voltou para casa com uma marca negra contra ele, e pode-se dizer que o padrão foi definido. Ele tinha se mostrado combativo, impulsivo, sem medo de censura, e atraído pela companhia feminina. Normalmente tal transgressão iria ver uma criança ser transferida automaticamente para as classes trabalhadoras, mas a professora dele fez um apelo especial em nome de Adam, citando o que viu como potencial dele. Como concessão, ele foi transferido para uma academia de soldados de elite da Guarda Republicana. E como resultado dessa decisão, talvez possamos dizer que mudou a história para sempre.

EXAMINADOR: Se fôssemos acreditar em causas simples.

Novamente Anax foi forçada a corar por um erro tão simples. Ela tinha ouvido um boato de que não era permitido que nenhum candidato cometesse mais que dois erros. Mas, então ela tinha ouvido muitos boatos. Esse não era o momento para pensar nessas coisas. Ela tinha que se deixar ser levada pela história. Pericles avisou que isso poderia acontecer. Ela resolveu moderar seus comentários.

ANAXIMANDER: E é claro que não acreditamos. Desculpem.

Nenhum dos Examinadores reconheceu seu pedido de desculpas. Anax se perguntou o que seria necessário para tirar algum tipo de resposta deles. Eles eram assim em suas casas?

EXAMINADOR: Fale-nos sobre as circunstâncias da prisão de Adam.

ANAXIMANDER: Adam foi preso por volta dos dezessete anos de idade. O ano era 2075. Ele se graduou com distinção da academia Militar, onde seu amor por atividades físicas continuou.

Você me pediu para falar sobre a prisão, por isso eu vou apenas notar de passagem que até a formatura ele acumulou quatro marcas pretas em seu registro de treinamento, e foi por esta razão que sua primeira postagem foi uma torre de vigia na costa sul da ilha do norte. A essa altura, havia muitos poucos avistamentos confirmados de navios fantasmas, e não era pensado que havia qualquer perigo real de tentativas de desembarques de refugiados.

A verdadeira emoção era ir para o norte, onde tinha havido ultimamente três avistamentos não confirmados de um novo tipo de dirigível. Sentinelas haviam relatado um objeto parecido com um dirigível suspendendo-se acima do horizonte, perto do pôr do sol, e embora a mídia da República fosse rigidamente controlada, os boatos tinham se espalhado rapidamente. Como medida de precaução os melhores Soldados, eram mandados para o norte, e os treinos com armas laser e o plano de

atacar foram intensificados. Enquanto isso, soldados como Adam, frescos da escola, e com um registro comprometido, eram deixados para tripular as remotas torres de vigia colocadas ao longo da costa sul.

Adam tinha estado em seu trabalho por exatamente sete meses sem incidentes. Em seu julgamento, ele relatou estar profundamente entediado com a experiência, e provavelmente não era exagero.

As sentinelas trabalhavam em pares e suas rotinas eram estritamente prescritas e monitoradas. Cada torre de vigia consistia de uma pequena caixa de observação empoleirada no topo de uma alta estrutura metálica, cercada por cercas elétricas e acedida por uma única escada.

As próprias caixas eram pequenas, com apenas espaço suficiente para duas sentinelas se virarem ao redor. Seu trabalho era simples, monitorar a grande linha ininterrupta da Grande Cerca no Mar, uma enorme cerca de malha de metal em um conjunto de cinquenta metros passando da marca da maré- baixa. A cerca subia trinta metros acima do oceano. Ela era coberta com arame farpado, e guardada por pequenas minas flutuantes. Se alguém ou alguma coisa era vista se aproximando da cerca do mundo de fora, o dever das sentinelas era inequívoco.

Se fosse um navio de tamanho significativo, o que era improvável como a maioria dos que foram tratados por minas guiadas por satélite nas defesas exteriores, as sentinelas dariam o alarme. Dentro de cinco minutos, helicópteros armados a laser estariam pairando sobre, e qualquer doença que poderia ter sido carregada seria evaporada.

Para os menores, e mais comuns navios - que derivavam a cerca de tempos em tempos, geralmente com não mais que duas ou três almas emaciadas a bordo - a tarefa das sentinelas ficava mais exigente. Elas eram instruídas a notificar a estação de observação, e em seguida, uma delas deveria deixar a torre de vigia e seguir o caminho em direção ao posto atirador. Lá, um laser de pequena escala, armado com um aleatório código memorizado cada manhã pela sentinela, seria usado para destruir a nave.

A segunda sentinela permaneceria na torre de vigia e era ordenada a manter sua arma apontada para a parte de trás da cabeça da sentinela alvo. As instruções eram intransigentes. Se a primeira sentinela mostrasse qualquer sinal de hesitação na realização de suas funções, ela deveria ser morta imediatamente, sem recurso ou investigação. Nos círculos de sentinelas era bem conhecido que muitas disputas entre sentinelas acabavam desta maneira, e só os tolos discutiam com seu parceiro de vigília.

EXAMINADOR: E qual era a natureza da relação entre Adam e seu companheiro sentinela?

ANAXIMANDER: Todas as conversas entre sentinelas eram monitoradas e

gravadas, e assim temos uma idéia da dinâmica entre Adam e seu parceiro na torre de vigia, Joseph. Devo acrescentar, aqui, que as sentinelas eram obrigadas a realizar uma variedade de rotinas solicitadas por computador durante sua vigília, de modo a mantê-los alertas. Por exemplo, eles teriam que corrigir alteradas imagens no computador contra a cena a frente deles, ou memorizar e repetir elaborados avisos e instruções gerados pelo computador. Digo isto, por que com sua permissão, eu gostaria de reproduzir uma conversa entre Joseph e Adam, registrada no dia anterior ao incidente inicial.

EXAMINADOR: Se você acha que ajuda a responder a questão.

Anax pausou. Pericles lhe assegurou que era uma boa ideia, mesmo que memorizar fosse um truque simples, e muitos dos manuais de exames aconselhavam contra o desperdício de tempo. Eles estavam tentando avisá-la para manter-se fora disso? Melhor não perguntar. Ela tomaria o conselho de Pericles. Ela o deixaria orgulhoso.

ANAXIMANDER: Isso foi gravado às 18h40min, duas horas para a mudança de oito horas.

J: Você vê alguma coisa?

A: Sim.

J: O quê?

A [Voz aumentada]: Um navio, maior que uma montanha, fazendo seu caminho em direção a cerca. E agora, ele está se lançando para fora da água, oh meu Deus, ele pode voar, nós mesmos temos um navio voador, ele tem armas, eles estão bem na frente de nossas cabeças, oh meu Deus, vamos todos morrer!

J: Certo, só perguntei. Você sabe que eles gravam essas conversas, certo?

A: Ninguém as ouve.

J: Como você sabe isso?

A: Você acha que se estivessem monitorando a porcaria que eu falei, alguém não teria dito alguma coisa até agora?

J: Ei, cara, você está piscando.

A: Eu sei.

J: Você tem que bater no amarelo agora, e depois no laranja.

A: Sim, eu estou esperando.

J: Agora; antes que fique muito complicado de lembrar.

A: Laranja depois azul, depois verde, e agora, espere por isso, duas laranjas. Eu acho que posso lidar.

J [Agitado]: Aperte, cara.

A: Você aperta.

J: Eu não estou autorizado. Esses são os seus botões.

A: Quem vai saber?

J: Eu vou.

A: Vá em frente.

J: Eu não me lembro!

[Um zumbido pode ser ouvido.]

J: Esse é o aviso de dez segundos! Adam, isso não é justo. Nós dois seremos punidos. Você sabe como funciona.

A: Nós não vamos ser punidos.

J: Aperte as luzes. ^

A: Ok, ok. *[Lento, provocando.]* Eu estou pressionando as luzes. Amarelo, laranja, azul, verde, laranja, laranja, verde, amarelo, e foi o vermelho, e foi o verde, você viu?

J: Eu vou atirar em você. Eu vou.

[O zumbido para.]

A: Veja, nada com que se preocupar.

J: Por que você sempre faz isso?

A: Eu fico entediado. Isso me ajuda a permanecer alerta.

[Um longo silêncio. Toque em teclados podem ser ouvidos.]

J: Você acha que há alguma coisa mais lá fora?

A: Por quanto tempo você tem feito isso?

J: Cinco anos.

A: Quanto você teve que atirar?

J: Três ou quatro. Mas, eram apenas vagabundos. Eu quero dizer, você sabe...

A: Dizem ter visto novos dirigíveis recentemente, no norte.

J: Eu pensei que era apenas uma história.

A: Tudo é apenas uma história.

J: Quando você pensa sobre isso, quanto tempo se passou desde a praga?

Os que ficaram tem que ter imunidade, certo? Então, eles poderiam estar reconstruindo. Isso faz sentido.

A: Ou eles apenas estão levando um bom tempo para morrer.

J: Os últimos que eu vi, eles não pareciam tão doentes.

A: Você sabe que eles gravam essas conversas, certo?

J *[Preocupado.]* Você disse que eles não as ouvem.

A: A menos que algo aconteça.

J: Que tipo de coisa?

A: Eu poderia enlouquecer e atirar em você.

J: Então, não faz diferença para mim, eles escutando ou não.

A: Então, não há nada com que se preocupar.

J: Você acha que eles estão reconstruindo, então? ^

A: Você já se perguntou como é que as pessoas, as quais somos enviados para matar nunca atiram de volta? Eu acho que a guerra e a peste dizimaram milhares de

anos de progresso. Eu acho que os novos dirigíveis que estamos vendo são apenas grandes balões. Eu acho que isso é tudo que eles podem fazer.

J: Você sabe o que quero agora?

A: O quê?

J: Uma coca.

A: Eu não sou tão maluco por isso.

J: Como você não pode ser? Você deve ter tido nas cerimônias. Você deve ter provado.

A: É apenas uma bebida.

J: Você sabe, quase perderam a receita. Foi apenas na última hora, antes das ligações caírem, que alguém pensou em se apossar dela. Todo mundo só assumiu que alguém mais sabia.

A: Você é muito crédulo. É apenas uma bebida.

J: Não é apenas uma bebida... E então, o que você quer?

A: Uma mulher.

J: Uma mulher?

A: Bem aqui, agora. Você pode observar. Quantas vezes você vê a sua esposa?

J: Você sabe que nós não estamos autorizados a discutir o assunto.

A: Nós não estamos autorizados a fazer um monte de coisas, Joseph. Você sabe o quê? Eu aposto que passo mais tempo com mulheres que você, e eu nem mesmo sou casado.

J: Isso é assunto sério.

A: Sim, isso mesmo, Joseph. Assunto sério.

E foi aí que o fragmento recuperado da transcrição acabou.

EXAMINADOR: E o que você acha que isso nos mostra?

ANAXIMANDER: Mostra-nos um pouco de seu caráter.

EXAMINADOR: Algo admirável?

ANAXIMANDER: Algo importante.

EXAMINADOR: Por que isso é mais que conversa fiada? Dois homens entediados passando o tempo.

ANAXIMANDER: Isso revela personalidade.

EXAMINADOR: Explique isso.

ANAXIMANDER: Adam é o guarda júnior. Joseph está cinco anos à frente e tem mais experiência, ainda, ouvindo a conversa, você assumiria que o oposto é verdade. Adam, eu acho, assume superioridade em qualquer situação. É importante notar isso. É parte do problema.

EXAMINADOR: Conte-nos o que aconteceu depois.

ANAXIMANDER: Em seguida foi o dia do avistamento. De acordo com registros, Joseph e Adam começaram sua troca às 15h30min. O dia estava quente e claro. O mar estava calmo. A torre de vigia deles foi construída acima de um penhasco, com vista através do estreito para a ilha sul. A monitorização da região deles se estendia ao longo de uma faixa de dez milhas náuticas. Em um dia como aquele, era possível para eles ver a próxima torre de vigia para o norte sem o auxílio de um dispositivo de visão. De acordo com o registro, Joseph estava vigiando enquanto Adam monitorava o equipamento, embora tenha sido Adam quem notou o primeiro avistamento. ^

A: Bem, aqui vamos nós, uma mudança no clima.

J: O que você está falando agora?

A: Olhos retos, pequeno parceiro. Vê isso?

J: Ver o quê?

A: Testaram seus olhos antes de te colocarem neste detalhe?

J: Meus olhos estão bem.

A: Deve ser um problema no cérebro, então.

J: Certo, agora eu vejo. [*Voz aumentando*] Eu vejo!

A: Ok, estabelecer.

J: Soe o alarme.

A: É pequeno.

J: Eu não sei.

A: Verifique a sua tela, seu idiota.

J: Você sabe que eu tenho balas nisso, não é?

A: Você sabe que ameaçar um companheiro Soldado é traição?

J: Eles me perdoariam.

A: Não, é pequeno. Seríamos sortudos se houver mais de dois ou três lá dentro. Sorte que você não desperdiçou essas balas em mim.

J: É a sua vez. Verifique a lista.

A: Ainda melhor.

Os olhos dos dois homens piscaram de sua tela de vigilância para a cena na frente deles e depois de volta novamente. A imagem solidificou. De fato era um pequeno barco, exatamente como o escâner tinha indicado. Uma conexão de comunicação a partir da torre sul estalou através.

T: Vocês, rapazes, estão pegando essa?

J: Claro; Ruth, ela é toda nossa.

T: Vão pegá-los.

A: É apenas um.

J: Tenha cuidado com isso. Pode haver outros escondidos. ^

A: Quando você ouviu falar de qualquer um deles se escondendo?

J: Isso pode acontecer. É isso que estou dizendo. Você está todo carregado?

Você vai longe então. Eu pego sua retaguarda.

A: Espere um segundo.

J: Você tem que ir.

A: Eu só quero ver com o que estou lidando.

J: Eu vou deixar você saber se eu vir algo surpreendente.

A: Apenas um segundo.

Adam ficou olhando para a tela. Isso era contra os regulamentos. O atirador atribuído tinha que deixar a torre de vigia antes que a vítima fosse identificada. Uma vez que o Soldado via com o que ele estava lidando, ele tinha que saber que havia uma arma apontada para a parte de trás de sua cabeça. Fazia todo sentido. Não importa quão bom o treinamento era, sempre haveria uma chance de o Soldado hesitar quando se tratava de atirar em uma vítima indefesa. E em tempos de peste, o estado não poderia arriscar.

J [*Sua mão deslizando para sua arma*]: Você sabe quais são minhas ordens.

A: Oh meu Deus, olhe, é uma menina. É apenas uma garotinha. De onde diabos ela veio?

Ambos olharam para a tela. O barco era realmente minúsculo. Era difícil acreditar que poderia ter feito uma viagem para a terra mais próxima. Adam viu os olhos dela. Foi como ele explicou ao tribunal. Enormes e assustados, encarando incompreensivelmente a grande barreira de metal que se elevava acima do oceano. A improvisada vela triangular da pequena embarcação dela estava esfarrapada e sem uso. O barco balançava perigosamente perto dos explosivos flutuantes.

J [*Voz tremulando*]: Cara, por favor, saia daqui. Eu não quero ter que atirar em você.

A: Há algo que eu deveria ter te dito.

J: O quê?

A: Eu nunca fiz isso antes.

J: Mas, eu vi seu arquivo.

A: Eu o tive mudado.

J: Como?

A: É melhor você não saber disso.

J: Certo, então esta é sua primeira vez. Não se preocupe. Não é muito difícil. É do mesmo jeito que no treinamento. Assim que tiver o alvo preso, você nem sequer tem que ver.

A: Eu acho que não consigo.

J: Eu não acho que você tenha uma escolha.

A: Ela é apenas uma garota.

J: Eu atirarei em você se eu tiver que.

A: Deixe-me observar.

J: Do quê você está falando?

A: Você atira. Eu observarei. Eu não consigo explicar, só acho que será mais fácil dessa maneira. Se eu assistir dessa vez, eu serei capaz de fazer na próxima. Eu sei que vou. Vamos lá, você sabe que isso é mais fácil que atirar em mim.

Joseph concordou. Mais fácil, atirar na estranha, meio-morta de qualquer maneira, e possivelmente carregando a peste, que atirar em seu colega a sangue frio naquele pequeno quarto. E aquela era a única opção. Adam sabia disso. Ele disse ao tribunal que sabia que aquela era a única maneira de acontecer. Muito foi feito, na mídia, de seus cálculos a sangue frio.

EXAMINADOR: É isso o que você acha? Você acha que foi a sangue frio?

Finalmente, uma pergunta que Anaximander poderia responder plenamente. Esta era sua área de especialização.

ANAXIMANDER: Há duas maneiras de interpretar o que aconteceu a seguir, embora o próprio Adam tenha insistido que a versão que ele deu no momento de sua prisão é tudo o que há para saber.

Ele sentou na torre de vigia e treinou seus olhos para o lugar de disparo, de acordo com o manual. Ele observou Joseph alcançar a arma a laser e alinhar na pequena embarcação. Ele nunca tinha visto uma morte antes e enquanto uma parte dele queria olhar para longe, ele não podia negar a horrível fascinação. Ele observou Joseph de perto, observando a entrada do código de segurança e o armamento do laser. E então, seguindo o procedimento, Adam verificou a tela de visualização, para garantir que os habitantes da nave não representavam nenhum perigo imediato para seu colega. E então, novamente ele olhou nos olhos dela, e dessa vez ele não conseguiu desviar o olhar. Ela tinha dezesseis anos, apenas um ano mais nova que ele, mas envelhecida por três meses no mar, sem comida e água, magra e perto da morte.

Adam deu zoom no rosto dela. Os registros de vigilância confirmam isso.

Ele viu a expressão dela; confusão, incompreensão, apenas vagamente estando na grande barreira, o fim fatal de sua jornada.

Adam disse que isso veio a ele como um flash, uma percepção. Ele disse às autoridades que não tomou a decisão de atacar, mas ouviu o relato de sua arma ecoar através da pequena sala. Ele olhou para o conjunto de laser, e viu seu colega cair para frente, um buraco quente na parte de trás de sua cabeça.

Imediatamente uma mensagem de controle estalou através. Nesse momento, Adam estava em pânico.

— Tiro de arma gravado. Por favor, informe. Por favor, informe.

— Este é Adam. Joseph está despachado. Temos uma pequena embarcação na cerca. Há uma garota a bordo. Joseph hesitou, Senhor.

— Tem certeza de que há apenas uma passageira?.

— Sim, Senhor

— Você precisa terminar isso, Adam.

— Eu sei, Senhor.

— Informe novamente quando estiver feito. Nós enviaremos um substituto. Parabéns, Adam. A República agradece a você.

— Obrigado, Senhor.

Adam sabia que o tempo estava contra ele. Eles estariam esperando pela descarga do laser.

Ele passou pelo seu colega caído e encontrou a estreita trilha em direção ao oceano. Ele podia ver o pequeno barco, a deriva e em perigo de colidir contra uma mina. Adam acenou para chamar a atenção da garota. Ele não tinha idéia se ela podia ouvi-lo ou mesmo se eles falavam o mesmo idioma.

— Você sabe nadar?, ele perguntou. — Você sabe nadar?.

Ela olhou para ele, mas não disse nada. Ela estava muito distante dele para ele entender a expressão no rosto dela.

Ele chamou novamente. — Você tem que sair do barco. Nade para aquele caminho. Nade para o norte! — . Ele apontou. — Eu virei e a conhecerei, mais a frente. Há um lugar onde posso manter você. Um pequeno forte. Espere no forte. Seja o que fizer, não toque nas bóias. Você consegue me entender? Eu tenho que destruir seu barco. Por favor, acene se você me entende.

Ele observou, esperando desesperadamente por uma resposta. Nada. Ele acenou novamente. Ela acenou de volta, um pequeno, gesto ambíguo. Na esperança de que ela tivesse o ouvido, Adam subiu de volta para o posto de tiro. O laser ainda estava armado. Ele empurrou Joseph de lado e checkou a vista. Ele não conseguia mais ver a menina. Ela tinha entendido suas instruções, ou caiu pra frente em exaustão? Não havia nenhuma maneira de dizer. Ele atirou, e observou o silvo de vapor e o borbulhar da água enquanto a pequena embarcação era vaporizada.

Adam chamou a torre de vigia. A comunicação estava sombria, sua voz tremia. — Aqui é Adam, torre de vigia 621N. Tarefa concluída. Navio destruído.

— Parabéns, Adam. O substituto estará aí em dez minutos. Fique onde está. Nós lidaremos com o corpo.

— Obrigado, Senhor.

Mas, Adam não ficou onde estava. Ao longo de toda a cerca marítima havia pequenas brechas de manutenção. Eles trabalharam em um dispositivo de travamento remoto e teoricamente só poderia ser aberto com códigos simultaneamente introduzidos: um do técnico de serviço no local, o outro a partir da central de controle na sede de defesa.

Adam sabia que o sistema poderia ser substituído, embora no começo ele tivesse insistido que era simplesmente um caso de uma brecha com funcionamento ruim. Tem havido muita controvérsia sobre como ele conseguiu essa informação, mas vale lembrar, que Adam era curioso e inteligente, e eu não acho difícil acreditar que ele pegou informações durante seu treinamento, que não seria a forma de um Soldado normal.

Outros perceberam a popularidade de Adam com as mulheres, e em uma sociedade onde todas as relações deviam ser conduzidas secretamente, é inteiramente possível que ele tenha conseguido informações dessa forma. Fantasiosamente a maioria, de alguns historiadores notaram que Rebekah, a amiga dele de luta - livre, se tornou uma especialista em segurança eletrônica. Alguns têm especulado que os dois poderiam ter ficado em contato, embora nenhuma evidência disso tenha surgido.

Seja qual fosse o método, Adam era capaz de abrir a brecha de manutenção. Ele correu ao longo da costa rochosa, e nadou para fora da cerca.

Isso não quer dizer que foi uma tarefa simples. Mesmo o mar estando estranhamente calmo naquele dia, as brechas estavam posicionadas nos trechos mais inacessíveis da linha da cerca.

Adam disse que a princípio pensou que era tarde demais. A garota estava agarrada ao outro lado da cerca, mas ela tinha afundado na água e sua cabeça estava para baixo. Ele disse-nos sobre o momento em que ela olhou para cima, seus olhos se encontrando através da rede. Ele descreveu que a arrastou através da brecha e nadou com ela de volta para o litoral. Ela não falou, mas agora - como resultado por ela não estar no barco - ele soube que ela o entendia.

Ele a levou para uma pequena caverna na base de um penhasco, onde ela poderia ser facilmente escondida. Ele lhe deu uma barra de ração de seu cinto e prometeu voltar. Ela se inclinou para trás contra as pedras, e antes de fechar os olhos, ela sorriu em agradecimento a ele. Ou pelo menos, foi assim que ele o disse.

O substituto o encontrou no posto de tiro, todo encharcado, caído sobre seu amigo morto, uivando. O substituto cujo nome era Nathaniel, era um homem de bom coração, chegando ao fim de seus anos de serviço. Ele presumiu que o jovem guarda tinha arrebentado sob a tensão de carregar suas ordens, e concordou em manter para si mesmo o que tinha visto. Adam o agradeceu e continuou o turno.

Naquela noite, ele retornou a caverna, desta vez com água, comida, e cobertores. Durante o dia seguinte, ele cuidou da viajante até ela voltar a um estado de saúde no qual ela pudesse se sentar, e em vacilante inglês, disse a ele a história de seu passado.

EXAMINADOR: Você disse antes que há duas versões dessa história. Contem-nos mais sobre a segunda.

ANAXIMANDER: Desde o início, os investigadores estavam desconfiados da história de Adam: seu conhecimento profundo do portão de segurança e do terreno abaixo da face do penhasco, a plausibilidade da história que ele apresentou ao substituto, a forma como ele manipulou Joseph. Havia aqueles que sugeriam que a ação inteira tinha sido premeditada e que a chegada da viajante tinha sido planejada com antecedência. Com o choque que se seguiu ao anúncio de que o perímetro de segurança finalmente tinha sido violado, as mais complexas e paranóicas teorias avançaram.

EXAMINADOR: Mas, você as desconta?

ANAXIMANDER: Sim.

EXAMINADOR: Por quê?

ANAXIMANDER: A história tem nos mostrado a futilidade de teorias da conspiração. Complexidade dá origem ao erro, e é no erro que cresce nosso

EXAMINADOR: Você soa como Pericles.

ANAXIMANDER: As palavras podem ser dele, mas os sentimentos são os meus próprios. No caso de Adam, acho que é melhor acreditarmos que aconteceu como ele disse. Uma simples reação humana ao desdobramento de uma situação. Uma teoria da conspiração poderia nos fazer acreditar que isso não poderia ter acontecido de outra maneira. Que todo o evento foi premeditado e controlado. Mas, a embarcação era um pequeno e espancado mastro único. Como ele encontraria seu caminho exatamente para a torre de vigia no exato momento certo? E como a informação detalhada necessária para este feito foi transmitida? Nenhum método razoável nunca foi sugerido. Embora a reação da central de controle ao incidente foi em grande parte processual, havia muito espaço para variação. A disponibilidade de substitutos dita o tempo necessário para eles chegarem. Levou quinze minutos, mas poderia facilmente ter sido dois minutos, ou uma hora. Se ele tivesse tido a oportunidade de planejar, Adam teria que ter comida e roupas e suprimentos

médicos a espera para a chegada da garota, mas sabemos que isso foi, em parte, sua apressada compra deste equipamento no dia seguinte que desencadeou suspeitas. Não, eu acredito que aconteceu como Adam nos falou. Ele olhou nos olhos dela, e ele sentiu que tinha que agir.

EXAMINADOR: E ele o fez?

ANAXIMANDER: Fez o quê?

EXAMINADOR: Ele teve que agir?

ANAXIMANDER: Eu acho que isso é algo em que cada indivíduo tem que formar sua própria opinião.

EXAMINADOR: Uma estranha a deriva chega de uma terra conhecida por ter sido exposta a mais devastadora peste na história humana. Há instruções rigorosas que dizem respeito ao procedimento correto. E por um capricho emocional, Adam escolhe matar seu amigo e arriscar a segurança de sua comunidade inteira. Podemos esclarecer, por favor, que você acredita que há mais de uma forma de julgar estas ações?

Anax hesitou. Ela não estava preparada para essa linha de questionamento. Seu assunto especialista era história, e não ética. Ela poderia explicar o processo pelo qual a evidência tinha sido cuidadosamente colocada junto com a história de Adam, mas ela não conseguiria propor um método pelo qual aquela história devesse ser julgada. Ela tinha suas próprias opiniões, é claro. Todo mundo tinha. Quem não havia tido essa discussão, em suas casas, suas escolas, em seus centros de entretenimento? Mas, ela não estava preparada para defendê-las, não em uma gravação. Ela não estava qualificada para defendê-las. Pericles a disse para responder cada pergunta da forma mais completa e verdadeira que pudesse. Ele tinha dito a ela que eles tentariam desestabilizá-la. Que poderiam surpreendê-la com os ângulos que tomariam. Ela prosseguiu com o maior cuidado.

ANAXIMANDER: Eu acho que é bem conhecido que existe uma gama de simpatizantes em toda a comunidade. E eu não acho que isso deveria nos surpreender, dado o lugar de destaque que Adam tem em nossa história. Eu acho que é compreensível, que alguns interpretem suas ações como heróicas. Acho que há um desejo em nós de fazer isso.

EXAMINADOR: E você tem esse desejo?

ANAXIMANDER: Estou dizendo que todos nós temos esse desejo. Sua

pergunta, eu acho, é se eu considero isso um desejo para ser abraçado ou um para ser controlado. Adam sentiu uma grande sensação de empatia pela viajante desamparada. Ele tinha sido instruído a colocar a empatia de lado, e as razões para aquela instrução eram sólidas. Enquanto ele pode ter acreditado que a ameaça da peste havia passado, foi insensato da parte dele tomar tal decisão para si mesmo em nome da nação. Ele não era especialista em virologia.

No entanto, eu acredito que aqueles que sentem o desejo de entender o heroísmo de Adam instintivamente compreendem a importância da empatia.

Para uma sociedade funcionar com sucesso, talvez, seja preciso haver um nível de empatia que não possa ser corrompido.

Pela primeira vez a mudança em todos os três Examinadores foi perceptível. Eles se endireitaram. O líder pareceu mais alto, seus olhos queimavam mais intensamente.

EXAMINADOR: Você está dizendo que uma sociedade devastada pela peste é preferível a uma arruinada pela indiferença?

ANAXIMANDER: Essa é uma boa maneira de enquadrar a questão.

EXAMINADOR: E a sua resposta?

ANAXIMANDER: Eu acho que, nas circunstâncias, é impossível justificar o romantismo das ações de Adam, embora, dada a nossa história, nós todos tenhamos motivos para sermos gratos por eles.

Silêncio. Eles queriam que ela dissesse mais, mas Anax sabia que tinha se desviado de uma bala e ficou em silêncio diante do júri, determinada a não voltar atrás em seu caminho.

EXAMINADOR: Uma resposta interessante.

ANAXIMANDER: Foi uma pergunta interessante.

EXAMINADOR: Você tem acompanhado o tempo cuidadosamente, eu tenho certeza. A primeira hora do exame agora está concluída. De tempos em tempos, pedir-lhe-emos que entre para a sala de espera, de modo que o júri ainda possa planejar a direção da entrevista.

ANAXIMANDER: E vocês gostariam que eu fizesse isso agora?

EXAMINADOR: Se você não se importar.

ANAXIMANDER: E em termos de tempo?

EXAMINADOR: Os relógios serão parados.

PRIMEIRO INTERVALO

Anax sentiu a porta se abrir atrás dela. Outro desenvolvimento inesperado. *Um para baixo, três para ir*, ela disse a si mesma. *Mantenha a calma*.

Um guarda estava na porta da sala de espera, para ter certeza de que ela não tentaria se comunicar com o mundo exterior, ela presumiu. Ele era mais velho que ela. Ela olhou para ele e sorriu. Ele se virou.

Anax tentou usar o tempo a seu favor. A verdade era que o intervalo veio no momento certo. Ela tinha mentido para eles. Ela não sabia, até que foi forçada a dizer em voz alta, e a sensação era tão estranha que ela duvidou que tivesse passado despercebida. Sim, as ações de Adam foram românticas, irracionais, injustificáveis. E ainda, quando foi forçada a comentar, Anax tinha dito uma mentira.

Ela não sabia se teria feito a mesma coisa se estivesse na torre de vigia, ela só sabia que Adam não estava errado no que fez. Ela tentou engolir esse conhecimento novo e perigoso e se concentrar no que estava por vir: certamente os detalhes da prisão de Adam e o julgamento posterior. Ela lembrou a si mesma que estava preparada. Ela lembrou a si mesma o quanto o sucesso significava pra ela, o quanto significaria ver o rosto de Pericles quando ela entregasse as notícias.

— Você sabe quanto tempo eles vão demorar? — Anax perguntou, depois de passada meia hora sem uma única palavra sendo-lhe enviada. O guarda se virou para ela. Pela sua expressão, ela pôde ver que ele não estava esperando que ela falasse.

— Como eu deveria saber disso? — Sua voz era surpreendentemente suave e tranquila. Não soava como um guarda em todo.

— Eu apenas pensei que, se você fez isso outras vezes....

— Eu nunca estive aqui antes —, ele disse a ela. — É minha primeira vez.

— Mas, você está me observando?.

— O quê?. A confusão apertou suas feições.

— Você é um guarda, certo? Você está aqui para se certificar de que eu não tentarei me comunicar.

— Como você poderia? — ele respondeu. — O prédio está sob vigilância integral. Todo o tráfego eletrônico está bem preso.

— Eu sei. Eu só achei que você deveria ser uma precaução extra.

O guarda começou a rir.

— O quê? — Anax exigiu. — O que há de tão engraçado?

— Eu pensei a mesma coisa sobre você — ele disse a ela.

Agora, ela notou a segunda porta. — Então, você está...

- Sim, por lá.
- Como está indo?
- Eu não sei. Eu não estava esperando os intervalos.
- Não. É irritante, não é?
- Um pouco.
- Eu sou Anax, a propósito.
- Prazer em conhecê-la. Soc.
- Qual é o seu tópico especialista?

— Você acha que deveríamos estar discutindo isso?

- Por que nos colocariam na mesma sala, se eles não quisessem que o fizéssemos?
- Talvez eles estejam observando — Soc sugeriu.

Anax gostou dele. Ela era boa em primeiras impressões. Os modos dele eram gentis. Ele era gentil, ela tinha certeza disso. — Suas perguntas tem sido difíceis? — Anax perguntou.

- A maioria foi bem — ele respondeu. — Fui lançado em uma pergunta sobre ética. Não é minha especialidade. Talvez esteja dizendo muito.
- Comigo aconteceu à mesma coisa — ela disse a ele.

Essa notícia pareceu vir como um alívio sobre ele. Soc olhou para Anax como se estivesse tentando lê-la. Ele se inclinou para frente rapidamente e Anax, surpresa, afastou-se. Ele baixou sua voz para pouco mais que um zumbido.

- Seja cuidadosa — ele murmurou. — Eles sabem mais do que você pensa.

Ele se afastou e olhou para ela, mas ela não respondeu. Ele era um estranho para ela. Quem ele achava que era correndo um risco como aquele? Naquele exato instante, como se sublinhasse o perigo, a porta dela se abriu.

SEGUNDA HORA

Anax andou calmamente de volta para a porta, evitando os olhos de Soc.

Ela olhou para os Examinadores, sentindo-se ainda mais nervosa que antes. Pelo que ela podia dizer, eles não tinham mudado muito. Ela tentou imaginar o que era que eles tinham estado a falar.

O Examinador Chefe esperou que ela se movesse para seu lugar e depois foi direto para a próxima pergunta, como se o intervalo tivesse ocorrido apenas na imaginação dela.

EXAMINADOR: Quais foram às circunstâncias que levaram à prisão de Adam?

ANAXIMANDER: Se alguma coisa, os detalhes da apreensão de Adam são anticlímax. Como eu já disse, havia muito sobre seu comportamento para sugerir que suas ações salvando a menina, que por razões óbvias ficou conhecida como Eva, foram espontâneas e não planejadas.

Como é o caso com qualquer execução executada, os registros da torre de vigia no período que antecedeu a morte de Joseph foram examinados e a mudança de funções durante o incidente, imediatamente levantou um aviso.

Especialistas foram enviados para examinar a cerca no mar e eles notaram evidências de adulteração. As transações de fornecimento de aquisições de Adam foram monitoradas, e embora ele tenha feito o esforço para garantir comida e água extras usando um cartão de registro roubado, ele foi colocado sob vigilância total. O chip dele de rastreamento foi ativado, e na noite seguinte quando ele se arrastou para fora do dormitório, uma quarentena inteira e uma equipe de fiscalização seguiram cada movimento dele.

EXAMINADOR: Não parece incomum que uma pessoa com a proficiência técnica de Adam não tivesse conhecimento sobre os chips de controle?

ANAXIMANDER: Há muita especulação sobre a motivação de Adam nesse momento. Novamente, o problema com as teorias da conspiração é a sua suposição de que as pessoas são capazes de exercer um controle sofisticado sobre outros eventos. Eu acredito que a complexidade surge rápida e inesperadamente. É melhor entender o Adam desse tempo como um homem assustado. Ele fez o que acreditava ser o certo, e agora encontra seu mundo girando fora de controle.

EXAMINADOR: Uma interpretação romântica.

ANAXIMANDER: Não, uma pragmática. Adam estava tropeçando. Ele sabia que não havia ninguém com quem pudesse contar e ainda, tendo feito sua escolha, ele era agora responsável pela vida da jovem garota que tinha salvado. Assim, sem pensar, ele levou as forças de segurança, para a caverna onde ela estava escondida, e eles investiram.

EXAMINADOR: O quê aconteceu naquela caverna?

ANAXIMANDER: Eu duvido que alguma vez possamos saber com certeza. As forças de segurança estavam sob instruções estritas para levar ambos, Adam e Eva vivos, tal era a preocupação de que eles estivessem atuando uma parte em uma grande trama.

O relatório oficial de defesa sugere que uma inteligente emboscada tinha sido feita. Não preciso ressaltar que as forças tinham consideráveis motivações para promover esta interpretação. A alternativa seria sugerir que eles não esperavam que a caverna fosse ramificada, e simplesmente lançaram o ataque no túnel errado.

Adam estava com Eva no final menor das duas ramificações quando ele ouviu as forças de segurança correndo. Ele estava armado com a arma de Joseph, a que ele tinha deixado na caverna no dia anterior. Se ele tivesse ficado onde estava, ele seria descoberto. Aterrorizado, ele encarou uma escolha simples. Ele poderia deixar Eva, e tentar escapar antes que as forças percebessem seu erro, ou ele podia levar Eva consigo.

Ele sabia que dado ao fraco estado de Eva, levá-la com ele, iria atrasá-lo, mas ainda assim ele escolheu essa opção. Nós sabemos pelo testemunho dela que ela implorou para que ele a abandonasse, mas ele recusou.

Ele nunca ia fazer isso. Sentinelas estavam postadas na entrada da caverna, e não demorou muito para que a força de ataque percebesse o seu erro e voltassem. A caverna estava escura e suas paredes irregulares espalhavam-se em qualquer feixe de lanternas e criou uma confusão de ecos enquanto os soldados tentavam se comunicar uns com os outros. Adam mais tarde afirmou que pensava que estava sob ataque de ambos os lados. Seja qual for a verdade, sabemos que ele caiu atrás da proteção de rochas e abriu fogo contra os soldados que retornavam.

Erros rapidamente se acumularam sobre erros. Pouca consideração tem sido dada para a eficácia de armas de choque em um ambiente de caverna. As ondas de choque ricochetearam nas paredes, e a força de assalto estava em vigor disparando sobre si mesma. A arma de Adam pelo contrário tinha sido criada para matar. Por esta razão, a morte de onze soldados, não precisa sugerir, como alguns insistem, que Adam tinha sido treinado em técnicas avançadas de guerra por uma célula secreta de insurgentes lá fora. Em vez disso, era o que o militar na época se referia como SNTF:

Situação Normal, Tudo Fodido.

Adam e Eva foram levados para um centro de quarentena, onde extensos testes mostraram que nenhum deles tinha sido exposto a qualquer das variantes conhecidas da peste. Esse resultado foi escondido do público, e os publicados dados falsificados sugeriam que Eva exibiu um anormal perfil de anticorpos, consistente com a exposição à forma mais virulenta da doença. Os funcionários asseguraram ao público que ela mesma não era uma transportadora, mas que os sinais reforçavam a posição oficial de que a peste no mar continuava a assolar as populações remanescentes.

E assim começou o julgamento mais famoso na história da República.

EXAMINADOR: O julgamento em si não era estritamente necessário. O desejo das autoridades da República de interrogar os cativos é compreensível, mas não é verdade que eles não tinham escolha a não ser ir a julgamento.

Deve ter sido tentador simplesmente realizar um processo em particular, sobre os motivos que envolviam a informação classificada. Como pelo menos, um historiador sugeriu, não havia mesmo necessidade de alertar o público para o fato de que o incidente tinha acontecido em primeiro lugar. Não foi uma decisão muito deliberada fazer o julgamento um evento público. Explique por que eles fizeram isso.

ANAXIMANDER: Gostaria de chamar atenção para a conversa anterior entre Joseph e Adam na torre de vigia. Lá, Joseph afirma sua crença de que a peste deve ter passado. Esta era, creio eu, a típica visão da geração mais jovem.

Nesse momento, fazia mais de vinte anos desde que a cerca tinha sido erguida. A primeira geração de A República tinha visto as transmissões ao vivo do horror da guerra. Eles tinham visto as imagens dos primeiros ataques biológicos e suas consequências; eles tinham visto os espetaculares pores do sol e suportaram os intermináveis invernos de '31 e '32. Eles testemunharam o silêncio repentino, o fim de todas as transmissões, o início do tempo da dúvida.

Eles cresceram sob máscaras, observando a linha da cerca, vivendo no terror do dia quando o inimigo poderia aparecer no horizonte. Naqueles dias, todos os ventos que vinham do norte traziam o medo de esporos da doença transmitidos pelo ar.

Neste ambiente, era uma questão simples A República manter sua estrutura. As pessoas faziam o que lhes era dito, por que elas estavam trabalhando juntas, focadas em uma ameaça em comum, um inimigo em comum. Mas, o tempo passou. O medo se tornou uma memória. O terror se tornou rotina; perdeu sua aderência.

As pessoas estavam começando a fazer perguntas sobre O Lado de Fora. Outras estavam questionando a própria República. Houve protestos, murmúrios de descontentamento. Apenas três semanas antes da prisão, uma mulher havia sido baleada na rua, tentando proteger sua filha da morte.

O mais importante de tudo, os próprios líderes eram questionados. A promessa da República era a de que os melhores e mais brilhantes se tornariam Filósofos, e esses Filósofos, treinados na arte da compreensão, promoveriam políticas sensatas e esclarecidas, a partir das quais todas as pessoas seriam beneficiadas. Promessas espetaculares tinham sido feitas sobre o programa de Inteligência Artificial. Tinha sido reivindicada uma nova geração de robôs pensantes que iriam salvar a próxima geração do trabalho enfadonho do trabalho. A política, "Suas Crianças Não Devem Ser Operárias", foi vigorosamente promovida, mas como é tantas vezes verdade, a maior promessa, o mais espetacular fracasso.

Em 2068, treze soldados foram mortos quando um protótipo de robô escavador não funcionou e levou a unidade para cima de um posto de controle.

Isso levou a um novo programa, onde o modelo de desenvolvimento socializado do Filósofo William ergueu-se a proeminência. O Filósofo William viu as limitações das orientadas redes de opinião. Um pensador radical, ele foi pioneiro de um novo modelo, que ele chamou de emergência caótica. Sob este sistema, o próprio programa foi escrito pelo ambiente de aprendizagem usando o que nós agora referimos como uma cascata heurística.

Em 2073, o primeiro tal modelo foi interagindo com as crianças Filósofas, em um dos berçários do norte. Durante seis meses, seu desenvolvimento previsivelmente mimetizou com o que as crianças estavam lidando. Basicamente desenvolveram competências linguísticas, e controle motor suficiente para dominar a participação em simples jogos e atividades.

A mídia da República fez a maior parte do avanço, e entre a classe de Filósofos, havia pressão para conseguir colocar suas crianças no berçário experimental.

EXAMINADOR: Mais cedo você nos disse que A República não permitia que os pais conhecessem suas crianças.

ANAXIMANDER: A natureza tem uma maneira de se exercer, e em 2068 uma lei foi aprovada, tornando a classe de Filósofos isenta desta privação. Isso pode ajudar a explicar por que alguns viram os eventos do verão de '74 como uma grosseira espécie de justiça. O robô de caótica emergência foi nomeado de Evolução Três. Durante um simples jogo de esconde-esconde - ironicamente encenado para as câmeras como parte de uma exibição promocional para apoiar a candidatura do Filósofo William para a liderança do conselho - isso se virou sobre seus colegas. Sete crianças foram mortas e um tutor foi gravemente ferido antes de a máquina ser desativada. Isso significou o fim do programa de pesquisa e, mais importante, foi outro golpe para a classe de Filósofos para a administração deles de A República.

Muitos historiadores gostam de apontar Adam como o catalisador para o fracasso de A República, mas a verdade é que A República já estava fracassando, e o

juízo representou a última tentativa dos Filósofos para evitar a revolução.

Anaximander checou o tempo. Ela ficou surpresa ao ver a rapidez com que outros trinta minutos tinham se passado. Este era o material que ela tinha mais certeza sobre e ela sabia que estava começando a soar mais confiante.

EXAMINADOR: Você faz um caso plausível à decisão de A República processar Adam publicamente, mas suas táticas obviamente ineptas no julgamento ainda são consideradas um quebra-cabeça. Como tudo foi dar tão errado?

ANAXIMANDER: Eu estou relutante em dar a resposta que eu acredito ser a mais verdadeira - simplesmente que o destino conspirou contra eles.

É possível, creio eu, ser ao mesmo tempo sagaz e competente, e ainda ser invadido pela circunstância. Mais uma vez eu volto ao meu tema principal. Teorias da conspiração falham por que elas assumem que as pessoas têm dentro delas os meios para atingir seus objetivos.

Embora o julgamento sem dúvida tenha falhado, eu não acho que foi por que o plano da República era um ruim. Na verdade, dada a situação em frente a eles - o apoio público caindo, um laxismo crescente na regra e no procedimento, o cheiro de revolução no ar - eu acredito que eles levaram o melhor curso de ação. Às vezes, porém, mesmo o melhor curso de ação falha.

O problema enfrentado pelo Conselho de Filósofos era inevitável. Em seus primórdios, A República tinha plantado as sementes de sua própria destruição. O primeiro dito de Platão, que abre a Carta Republicana, diz o seguinte:

É apenas no Estado que o Povo pode encontrar sua plena expressão. O Povo é o Estado, e o Estado é o Povo.

Os fundadores da República procuraram negar o individualismo, e ao fazê-lo, eles ignoraram uma simples verdade.

A única coisa que une os indivíduos são as ideias. Ideias mudam, e se espalham; elas mudam seus hospedeiros tanto quanto seus hospedeiros as mudam.

Os fundadores acreditavam que separando a criança da família e os parceiros um do outro, poderiam quebrar as lealdades habituais, e substituí-las pela lealdade para com o Estado. Mas, havia muitos efeitos não-intencionais. As pessoas eram forçadas a viver em grandes comunidades do mesmo sexo. Elas comiam, brincavam, dormiam, e trabalhavam juntas; e falavam umas com as outras. A República tinha estabelecido uma incubadora de novas ideias. Embora A República pudesse controlar a informação jogada dentro das comunidades, ela não podia controlar o modo que a informação mudava de forma dentro das cabeças de mulheres e homens que visitava.

Platão era um homem velho nesse estágio, e Helena estava morta. A tenente

de Platão, uma mulher que atendia pelo nome de Aristóteles, estava claramente tomando as decisões. Suas notas pessoais, registradas regularmente ao longo deste período, mostravam que ela estava bem consciente das ideias que estavam sendo armazenadas. Em um memorando para Platão, datando de quatro meses antes do julgamento de Adam, ela escreveu:

Nós desejamos que as pessoas sirvam o estado acima de si mesmas, mas temos sido lentos em perceber os limites dessa equação. Mesmo o mais manso animal se tornaria azedo se nós negligenciarmos suas necessidades. As pessoas já não acreditam na ameaça, que uma vez pairou sobre elas, e elas cresceram acostumadas com o nível de sustentação com o qual elas são fornecidas. Elas tornaram-se complacentes e seus pensamentos se voltaram para outras coisas. Há um sussurro nas comunidades. É uma coisa viva: torcendo e crescendo, mas se escondendo de vista. As pessoas estão falando de escolha, de oportunidade, e de liberdade. As pessoas estão falando de mudar o mundo delas.

Isto fala claramente do desafio que o Conselho enfrentou. Era um desafio que eles nunca iriam superar, mas eles tinham que tentar.

O plano deles de ir ao julgamento era para colocar uma nova ameaça diante do povo. Eles tentaram fabricar provas para que Adam pudesse ser pintado como parte de uma ampla conspiração.

Eles queriam abalar o povo, fazê-los acreditar que a peste tinha mudado para uma forma mais virulenta, e que esta violação não era a primeira. Eles queriam sugerir que os Do Lado de Fora já estavam entre eles, tramando uma invasão em grande escala.

Em suma, eles queriam que as pessoas voltassem ao nível de preocupação e insegurança que havia apoiado a implantação da República. "Mudança é Igual à Decadência", o segundo dito. O perfil de Adam fez dele o candidato perfeito. Tinha havido problemas em seu passado; ele era conhecido por ser um solitário, desligado e rebelde. Os líderes cometeram o erro de perspectiva. Eles assumiram isso, por que ele representava tudo o que eles temiam, as pessoas também deveriam temê-lo. Eles não anteciparam o charme dele. Eles não anteciparam as pessoas fazendo dele um herói.

Os jurados foram selecionados em cada comunidade. As pessoas tornaram-se obcecadas com o processo tal como o Conselho esperava, mas as opiniões delas logo divergiram do roteiro oficial.

Adam não parecia um traidor para elas. Ele era um jovem homem de boa aparência, com um sorriso desarmante. Ele disse ao tribunal que quando viu a jovem garota, flutuando irremediavelmente em direção a uma linha de explosivos, ele viu as irmãs que nunca conheceria, as namoradas que ele não podia encontrar em público. Ele disse que foi levado por seu coração. Ele lhes disse que tinha que fazer a coisa que parecia certa. Ele lhes disse que o maior bem só poderia ser encontrado olhando para dentro. Ele lhes disse que naquela noite na prisão ele teve um sonho

em que a Grande Cerca no Mar desmoronava.

Assim, o julgamento foi um desastre para o Conselho. Eles tinham planejado terminar com uma execução pública, mas durante a segunda semana ficou claro que tal movimento só poderia terminar em motins. O Conselho estava pendurado em uma corda de sua própria feitura quando o Filósofo William se adiantou.

É importante agora, recuar um pouco, se me permitem. Mesmo a Evolução Três tendo terminado em desastre, e a face pública da pesquisa de Inteligência Artificial tivesse terminado, em privado o programa continuou.

Muitas pessoas influentes ainda acreditavam que A República só poderia ser salva pelo desenvolvimento de um novo tipo de robô, um suficientemente avançado para ser confiado as tarefas das classes de Operários e Soldados. Eles argumentavam que eram apenas aqueles que estavam no fundo da pilha que tinham por que se rebelar, e assim uma sociedade estável deveria ser uma onde nenhum ser humano se achasse tão baixo. Aristóteles, embora não fosse à líder expoente dessa visão, estava pelo menos aberta ao seu raciocínio.

Antes que eu explique onde a pesquisa do Filósofo William se encaixa nesse quadro, deixem-me explicar brevemente algumas das técnicas. Durante sua infância, pelo menos até o fim do século vinte, a indústria de Inteligência Artificial tinha enfrentado uma escassez de imaginação. Por que os pesquisadores erroneamente assumiram que seus primeiros computadores eram bons modelos para o funcionamento do cérebro, eles perseveraram na programação de máquinas pensantes. Não foi até a segunda década deste século, quando os cientistas e artistas começaram a trabalhar juntos, que eles começaram a entender a natureza do que hoje chamamos de complexidade emergente. "*Não podemos programar uma máquina para pensar*", era o slogan da empresa pioneira Artfink, onde William aprendeu seu ofício, "*mas podemos programar uma máquina a ser programada pelo pensamento*".

Ainda era um grande salto a partir daí para o ponto onde puderam começar a desenvolver modelos de trabalho, e as primeiras tentativas foram brutas e principalmente sem sucesso. No entanto, o Filósofo William, um gênio no campo, tinha perseverado. Na época do julgamento de Adam, ele tinha certeza que tinha produzido um novo tipo de Artfink, um capaz de desenvolver genuína inteligência interativa.

O problema do Filósofo William era que, como com uma criança, este desenvolvimento exigia extensa interação humana. O Artfink precisava de um companheiro para observar, conversar, e aprender. O Filósofo William tinha estado secretamente criando seu novo protótipo durante mais de quatro anos, e seu desenvolvimento tinha ultrapassado todas as expectativas.

No entanto, o Filósofo William estava com medo do progresso de seu protótipo, a quem ele apelidou de Art (e a partir de agora vou segui-lo em sua brincadeira), pode parar. Ele explicou seus medos na seguinte entrada no periódico:

Apesar de eu ter criado Art, eu não o entendo. Este é o direito e adequado resultado de meu processo de pesquisa. O desenvolvimento de Art, proporcionou-me surpresas diariamente, mas ultimamente tenho notado que a taxa de surpreender vem diminuindo. O comportamento em que Art está estabelecido é um padrão previsível que não é em si alarmante; é afinal o que todos desejaríamos para qualquer criança em crescimento. Mas, minha preocupação é o patamar que ele alcançou muito rapidamente.

Talvez, eu escreva isso com a inclinação de um pai muito orgulhoso, mas tenho certeza de que minha invenção é capaz de alcançar muito mais. O problema, ao meu ver, é que eu que escrevi o programa, também sou culpado do desenvolvimento de sua formação. Se Art já não me surpreende, é, em parte, com certeza, por que, eu já não surpreendo Art. É essencial que ele seja exposto a uma influência exterior antes de seu acompanhamento e mecanismos de redirecionamentos serem desligados, e ele torna-se como uma criança privada de estimulação, sua curiosidade é deixada para definhar. infelizmente, após o incidente no berçário, encontrar um voluntário suficientemente ágil para este processo será nada fácil.

Então, o Filósofo William assistiu ao desdobramento do julgamento de Adam, em tela viva e ele viu a solução perfeita. O Filósofo William se aproximou do Conselho, e sugeriu que quando chegasse a condenação, eles firmassem um compromisso. Adam não devia ser executado, nem mesmo encarcerado sob as condições normais. Ao contrário, poderia ser dada a ele a oportunidade de fazer as pazes fazendo uma contribuição única para sua sociedade. Ele poderia se tornar o companheiro de Art em tempo integral em um ambiente seguro e controlado.

Para os apoiadores de Adam, isso seria apresentado como clemência, e um reconhecimento das qualidades únicas de Adam. Para seus críticos, o resultado seria apresentado como um termo de prisão com qualquer outro nome, e os riscos envolvidos poderiam ser exagerados.

É claro que ao fazer sua proposta, o Filósofo William, não mostrou preocupação particular para o futuro da República. Ele estava levado puramente por seu desejo de ver Art desenvolver todo seu potencial antes que ele, um homem velho naquela época, morresse.

Adam era claramente uma pessoa inteligente e provocadora, exatamente o estímulo necessário para Art, e melhor ainda, ele não estava em posição de recusar. Pelo mesmo sinal o Conselho, considerando a proposta do Filósofo William, gastou pouco tempo pensando nas implicações para o programa de inteligência Artificial. O único critério deles para tomar a decisão foi, —Quão bem essa escada que nos está sendo oferecida cabe no buraco em que nos encontramos?.

EXAMINADOR: E como é que Adam se sentiu em relação à proposta, quando ele foi informado pela primeira vez?

ANAXIMANDER: Eu acredito que suas palavras exatas foram, — *Eu gosto*

muito mais disso do que de morrer.

O Examinador Chefe se endireitou sem aviso, e se virou primeiro para seu colega da esquerda, depois para o da direita. Ele acenou com a cabeça.

EXAMINADOR: Assim termina sua segunda hora. Eu sugiro outro intervalo.

SEGUNDO INTERVALO

A porta se abriu e dessa vez Anax deixou a sala em melhores espíritos. Contar a história aos Examinadores não era diferente de contá-la a Pericles em uma de suas intermináveis sessões de treino.

Não havia nenhum estranho na sala de espera desta vez e Anax foi deixada com seus pensamentos, que se tornaram naturalmente suficientes para seu precioso tutor e o momento em que se encontraram pela primeira vez.

Anax tinha um lugar favorito, um cume acima da cidade. Ela costumava andar por lá depois das aulas. Normalmente, era ela por si mesma. Ela não era uma solitária; era apenas que seus amigos eram caminantes relutantes. — Vocês estão perdendo um grande pôr do sol, — ela mandava uma mensagem para eles, mas a resposta sempre era a mesma: — Então o baixe. — O favorecido insulto daquele tempo.

Foi durante os finais anos escolares que Anax primeiro começou a perceber que não era como os outros. Ela não compreendia a indiferença cuidadosa que apareceu um dia sem aviso, se espalhando por seus colegas de classe como a peste. Foi como se uma fase inteira de desenvolvimento tivesse passado por ela.

Ela tentou explicar isso para seu melhor amigo, Thales. — Eu acho que pode haver algo de errado comigo.

— O quê você quer dizer?

— Eu, bem, eu não acho que eu seja como você. Eu gosto do que estamos aprendendo ainda. Eu não entendo as coisas sobre que você fala. A fofoca. Eu gosto dos velhos tempos. Eu sinto falta das brincadeiras.

— Você apenas está demorando um pouco mais para crescer, — Thales disse a ela, soando confiante de que aconteceria em breve. Anax não tinha tanta certeza.

Assim, toda noite depois da aula naquele verão, ao invés de correr de volta para seu apartamento e ligar para o grupo brilhante - o que para ela tinha todo o apelo de passar por uma tempestade elétrica - ela se desviava para as montanhas. Não era apenas pelos pores do sol, embora eles ficassem mais espetaculares enquanto os dias se alongavam e a névoa do norte se estendia.

Era a brisa vinda do mar. A sensação de estar à beira do mundo. Era a vista. Do alto dos morros podia-se ver a água brilhando prata, e a escuridão contra as linhas enferrujadas das enormes torres, que outrora apoiaram a Grande Cerca no Mar. Para oeste, as ruínas da Cidade Velha, coberta de vegetação e desmoronando, sendo chamada de volta a terra. *Uma bela vista também*, Anax pensou, embora ela nunca tivesse ouvido falar de alguém a descrevendo dessa maneira.

Em seu último ano de estudo, os melhores candidatos eram encorajados a se especializarem. Anax era uma boa aluna, embora não a primeira de sua classe. Sua escolha, A Lenda de Adam, não era original. Era uma história com que cada estudante elementar se deparava. Mas, os outros não eram atraídos pelo tema do jeito que Anax era. Isso, ela sabia, era a verdadeira razão de por que esta montanha a chamava. A vista sobre o oceano, a vista que ele inspecionou a partir de sua torre de vigia. A cidade morta, o lugar para onde ele retornou toda noite, para comer, para argumentar, para seduzir. O remanescente da Grande Cerca no Mar, a cerca de Adam. A cada dia ela se debruçava sobre os detalhes da vida escolar dele, e então ela subia até o topo da montanha, e pensava mais sobre ele.

Anax nunca tinha encontrado alguém lá em cima. A pista era estreita e mal sinalizada. Ela examinou o estranho à distância, nervosa, é claro. Ela poderia sinalizar por ajuda se precisasse, mas demorariam muito para chegar. Estes eram tempos de paz, mas ainda havia histórias, e a cautela era incentivada.

Ela olhou para trás, e aparentemente satisfeita, voltou sua atenção para o pôr do sol. Foi assim que ela viu Pericles pela primeira vez, seu rosto para a brisa que agitava seu longo e emaranhado cabelo, iluminado pela estranha luz verde de um céu morrendo.

Ela falou primeiro. — Meu nome é Anax.

- isso é o que o escâner diz também.
- Só sendo educada. E você é Pericles?.
- isso mesmo.
- O quê você está fazendo aqui em cima, Pericles?.
- Observando o sol se pôr.
- Eu não te vi aqui antes.
- E eu não vi você por aqui também.
- Eu venho aqui todos os dias.
- Eu não. Suponho que deva ser por isso que não nos encontramos.

Isso era típico de suas conversas. Falar era um jogo para ele, e isso se tornava viciante, uma vez que você jogasse junto. Pericles não falava sobre as coisas bobas que os amigos dela falavam. Ele escolhia as palavras com cuidado, pelos sons que elas faziam, ou a forma de ideias dobradas em. Foi assim que ele descreveu isso de qualquer forma.

Ele era mais velho que ela, uns cinco anos, e bonito. Juntos eles observaram a terra virar as costas para o sol, e ele caminhou com ela pra dentro da Cidade Nova. No momento em que chegaram ao final do caminho, Anax soube que ela se encontraria com ele novamente. Era invulgarmente atrevido para ela, mas ela não conseguiu se conter. Ela ouviu as palavras vindo para fora e sentiu uma onda de alívio quando o sorriso dele se alargou.

— Você vai estar lá amanhã novamente?.

- Se você quiser, — respondeu ele.
- Eu te disse que estou lá todos os dias.

— Vejo você depois.

Anax não enviou mensagem para suas amigas contando as novas. De fato, ela mencionou o encontro para ninguém. O sentimento era novo demais para ela, muito estranho, e muito frágil. Se ela deixasse o mundo saber, ele certamente iria estilhaçar.

Ele estava lá novamente no dia seguinte, e no dia seguinte àquele. Anax falou a ele sobre seus estudos, sobre Adam, sobre todos os marcos que pudessem ver ligados a ele. Foi quando ele disse a ela que era um tutor para A Academia. Ela instantaneamente sentiu-se tola, e se desculpou por chateá-lo falando sobre coisas que ele devia saber muito mais sobre. Ele foi gentil e disse-lhe que seu conhecimento e entusiasmo eram notáveis. Ela não acreditou nele, ela sabia que era só por educação, mas ainda assim ela foi preenchida por calor.

Ele disse a ela que ela deveria se requisitar para A Academia. Ele disse que estaria disposto a ser seu tutor.

Anax pensou que fosse uma brincadeira. Apenas os melhores dos melhores eram mesmo considerados para A Academia, e dos que completavam os três anos de formação, menos de um por cento eram admitidos. Ela não era esse tipo de estudante. Ela não estava nessa classe.

- Não tenha tanta certeza — Pericles disse a ela.
- Mesmo se eu fosse boa o suficiente; e eu não sou, eu nunca poderia arcar com as mensalidades.
- Eu poderia encontrar um patrocinador para você.
- Não, não. Nem mesmo brinque sobre isso. Você está rindo de mim, não é? isso é cruel. Você não deveria ser tão cruel.
- Não — ele disse a ela, na calma e bonita voz que iria preencher os próximos três anos de sua vida. — Eu não estou brincando. Eu não faria isso.

Ele foi bom em sua palavra. Ele deu a ela arquivos para estudar, e arranjou uma avaliação preliminar. Ela surpreendeu a si mesma, seus professores, e seus colegas de classe, pontuando no topo percentil. Depois disso, encontrar um patrocinador era uma questão simples.

Aquela era a última coisa que poderia ser simples para ela. O desafio de se preparar para hoje foi mais difícil do que sequer Anax tinha imaginado que seria, mas ela e Pericles enfrentaram-no juntos; e quando tudo isso ficava demais, eles corriam de volta para o topo da montanha e ficavam juntos em silêncio, olhando para o passado.

Ela foi para lá agora, dentro de sua cabeça. Isso a relaxou. A Academia era a instituição mais elitizada na terra. Membros da Academia proporcionavam os líderes com seus conselhos. Eles sozinhos conduziam as experiências, estendendo o

conhecimento. Eles construíram o projeto para o futuro.

Pericles dizia a ela o tempo todo, que havia mais para ela do que ela percebia e agora, com o exame finalmente aqui, ela poderia parar de duvidar dele. Ela conhecia esta história tão bem. Ela não conseguia imaginar conhecendo-a melhor. Ela não o desapontaria.

Anax abriu os olhos ao som das portas se abrindo. Ela caminhou de volta para sua posição na frente dos Examinadores.

TERCEIRA HORA

EXAMINADOR: Para a próxima sessão do exame, nós, é claro, precisamos discutir alguns detalhes do tempo que Adam passou com Art. Você tem um holograma preparado?

ANAXIMANDER: Eu tenho. Ambos estão carregados e prontos para projeção.

Era esperado que os candidatos preparassem dois hologramas ilustrando um aspecto da Vida estudada. Pericles tinha sugerido a conversa entre Adam e Joseph na torre de vigia para a primeira sessão, mas Anax tinha insistido em focar nas conversas entre Art e Adam.

EXAMINADOR: E o que você usou como material de fonte para estudar esse período?

ANAXIMANDER: Eu tenho usado as transcrições concedidas pela Assembléia Oficial, é claro, mas também tenho estudado por tantos comentários que consegui encontrar. Eu tenho me correspondido com dois dos autores das interpretações mais recentes, mas isso está em minha submissão preliminar, então, talvez você queira dizer outra coisa.

Antes da construção do holograma, eu discuti as transcrições excessivamente com meu tutor Pericles. Nós especulamos sobre o que deve ter acontecido, durante as muitas sessões não gravadas. Nós aplicamos o método Socrático em nossas próprias interpretações, desafiando um ao outro, provocando o nosso entendimento. Eu achei o que encontrei por duvidar primeiro. É isso que você quer dizer?

EXAMINADOR: Qual você diria que foi a maior dificuldade que você enfrentou, na preparação do holograma?

ANAXIMANDER: Eu acho que o problema que qualquer um preparando este tipo de apresentação deve enfrentar. A transcrição com a qual eu estava trabalhando era só palavras em uma página. Isso não me disse nada de como os participantes viam uns aos outros como falavam; as entonações que usavam, o sotaque ou o tempo; a atitude deles.

EXAMINADOR: E como você superou esse problema de interpretação?

ANAXIMANDER: Eu tentei entender as intenções dos participantes. A partir da intenção, creio eu, que todas as coisas fluem.

EXAMINADOR: As intenções de ambos os participantes?

ANAXIMANDER: Sim, ambos os participantes.

EXAMINADOR: Não haverá mais o que perguntar, quando tivermos visto o holograma. Vamos iniciá-lo agora.

Anax viu o homem e a máquina tomarem forma ante ela; as imagens que ela tinha feito tão meticulosamente ganharam vida, através de horas intermináveis de retoque e refino.

Pericles não era permitido de estar com ela neste momento: os regulamentos proibiam isso. Talvez isso explicasse a paixão que ela tinha derramado na escultura de Adam. Ela tinha trabalhado em imagens que não eram de arquivos, mas agora olhando para o homem ante ela, Anax estava auto-consciente da licença que tinha tomado.

Aos dezoito anos, os cabelos loiros de Adam começaram a escurecer, mas ela o reconstituiu para sua leveza anterior. Os olhos dele, escuros nas fotografias, foram aqui reproduzidos como azuis penetrantes, para combinar com sua roupa de prisioneiro. Anax nunca tinha visto um holograma com o nível de detalhe que o projetor da sala de exames havia alcançado. Ela andou para trás, chocada com a clareza daquilo. Era como se ambos estivessem ante ela: homem e máquina.

As mãos de Adam estavam algemadas atrás das costas. Ele sentou, os joelhos puxados em direção de seu corpo, de costas para Art, se recusando a reconhecer o andróide.

Com Art, Anax tinha tomado menos liberdades. Ele possuía um resistente corpo de metal, não mais alto que os joelhos de Adam, estabelecido em uma construção de triplas trilhas dobráveis do primeiro tipo desenvolvido na indústria de rejeição. Seus dois longos vigorosos braços, hidráulicos, terminados em mãos de três dedos - uma homenagem ao amor do Filósofo William pela cômica pré-clássica. A coroa de glória era uma travessa colocada na cabeça. Tinha sido dado a Art o rosto de um orangotango, com olhos arregalados e boca caída; seu olhar era inquieto, seus dentes sorriam sempre de forma zombadora: tudo isso emoldurado por uma chama de cabelo laranja.

As duas figuras estavam congeladas no espaço entre Anax e o júri.

EXAMINADOR: Então qual o exato período que esse holograma representa?

ANAXIMANDER: Isso é do primeiro dia. Vinte minutos depois que Adam foi entregue ao laboratório. Como veem, nenhum dos dois ainda falou.

EXAMINADOR: Obrigado.

Art circulou por trás de Adam, sua cabeça inclinada para o lado em uma demonstração de simulada curiosidade. O zumbido de seus mecanismos locomotivos preenchia a sala. Adam apertou sua mandíbula e colocou a cabeça para baixo, se recusando a responder. A voz de Art, quando ele falou, era um pouco mais alta do que alguém podia esperar, os finais das palavras eram estranhamente cortados. (Isto correspondia a uma gravação confiável que dizem ainda existir, a qual Anax obteve somente após um longo mês negociando).

— Então, este é o seu plano, não é? —o andróide perguntou. Adam olhou para a parede a sua frente, se recusando a responder.

— Você deve querer repensar suas táticas, — Art continuou. — Se este for o caso de esperar um ao outro, meu programa me dá alguma vantagem.

Art esperou, mas ainda não houve resposta. Ele circulou ao redor, forçando Adam a encará-lo. Adam olhou brevemente para cima, para as elásticas e simiescas características, e em seguida deixou seu olhar cair para o chão.

— Eu estou dizendo que tenho mais paciência que você, — Art alfinetou.

— Você não pode ganhar fazendo nada.

— Se você é tão paciente, — Adam murmurou, quase inaudível, — por que você está falando? O que há de errado em apenas esperar?

— A paciência não é a minha única virtude. Eu sou tático também.

— Parece que você não precisa de mim, afinal.

— Não, mas você precisa de mim.

— Eu acho que você vai achar que está errado.

O andróide recuou, os olhos ainda fixos no prisioneiro. Ele ficou parado, observando com cuidado, salvo o enervante ocasional piscar sem vida.

— O que você acha que farão, se verem que você não está cooperando?

— Se fossem me executar, — Adam disse, sua cabeça ainda para baixo, a raiva mal disfarçada, — isso já teria acontecido. É política.

— Ainda assim, enquanto você está aqui, parece uma pena desperdiçar a oportunidade.

— Você deve me perdoar, mas eu não vejo isso da mesma forma.

— Por que você não olha pra mim? Eu o assusto?

— Eu sei com o que você parece. Por que olhar de novo?

Art zumbia através da sala, alterando seu ponto de vantagem. Adam seguiu os movimentos dele com um olhar desconfiado. Houve um longo silêncio, um minuto pelo menos. Isso não havia sido notado na transcrição. Anax havia improvisado. Agora, o longo período esticava seus nervos.

— Nós poderíamos ser amigos, você sabe, — Art finalmente disse, sua voz menor, menos confiante.

— Você é uma máquina.

— Mendigos não podem fazer escolhas.

— Eu também posso fazer amizade com minhas algemas ou com a parede. — Adam olhava para a parede enquanto falava, como se estivesse não fazendo nada mais que pensar em voz alta.

Anax olhou para Art, cujos grandes olhos se encheram de tristeza, e achou impossível não sentir pena dele. Ela empurrou o pensamento para fora de sua cabeça, e se concentrou em vez disso em de onde as perguntas dos Examinadores poderiam vir.

— É escolha sua, — Art disse.

— É

— Vou te deixar com suas algemas, então. Mas, você sabe onde estou, se mudar de ideia. Vou apenas esperar. Eu sou muito paciente... Nós temos um tempo.

Adam se rearranjou no chão, se mexendo. Ele respirou profundamente e soltou um longo e frustrado suspiro. Seus olhos estavam fechados. Art falou novamente.

— Suas algemas parecem muito ligadas a você. Isso é bom, eu suponho. É como os amigos devem ser.

— Eu preferiria que você ficasse quieto.

— Você sabe que é um prisioneiro, não sabe? — Art replicou, seu tom de voz um pouco mais duro. — Você sabe que sua preferência é de pouca consequência?

Adam se virou em direção ao andróide. Art se voltou ligeiramente, como se surpreendido pelo movimento.

— Vamos fazer um acordo? — Adam disse.

— Eu sou apenas uma máquina, — Art respondeu. — Que graça teria em negociar?

Adam ignorou a zombaria. — Se eu falar com você agora, se eu te der dez minutos, você promete não dizer mais nada pelo resto do dia.

— Dê-me quinze.

- Seu programador era muito profundo, não era?
- Eu sou auto-programado, e aceito seu elogio.
- Não existe tal coisa como auto-programação.

– Você está.

– Eu não sou uma máquina.

Art virou de repente para frente e seus olhos brilharam bastante com emoção. Adam recuou.

- Eu gostaria de falar sobre isso, – Art disse.
- O quê?
- O que torna uma máquina uma máquina. Uma vez que nossos quinze minutos tenham começado.
- Já começaram.
- Então você concorda que sejam quinze, certo?

Adam sorriu. – Sim, mas começaram há cinco minutos.

– Eu vejo, bem feito.

– Você é terrivelmente feio. Você sabe disso, não é? – Adam se inclinou para frente enquanto falava, como um boxeador golpeando o juiz na distância entre eles. Art respondeu com um sorriso aberto. Saliva se agrupava na parte inferior do lábio da criatura - uma apresentação de projeto perversamente completa.

- Eu sou programado para me achar atrativo.
- Eu pensei que você disse que se auto-programava.
- Uma escolha sábia, você não acha?.
- Feio ainda é feio, não importa como você o vê.
- Uma afirmação interessante. Justifique-a.

– Você traz vinte pessoas aqui, Adam disse a ele, – E todas elas dirão a mesma coisa. Todas dirão que você é feio.

– Traga vinte de mim, – Art disse, – E todos nós diremos que sua bunda é mais bonita que sua cara.

– Não há vinte de você.

– Não, você está certo. Eu sou único. Então, eu posso dizer com segurança que todos os andróides acham você feio. Nem todos os humanos me acham feio. Então, tecnicamente, eu tenho uma melhor aparência que você, usando critérios objetivos.

Adam olhou sobre Art, como se procurasse um tipo de pista em sua camada externa, algo que explicaria melhor esse estranho fenômeno. Os olhos de Art rastrearam o olhar de Adam.

– Você está destinado a continuar falando. Caso contrário, não conta. Eu

pararei os relógios, pelos silêncios.

Adam não respondeu. Ele girou de volta para a parede. Uma ruga profunda se vincou em seu rosto e seus olhos escureceram. — Isso é ridículo, — ele murmurou para si mesmo.

— O que é ridículo?

— Conversar com você. Eu não estou fazendo isso. É inútil.

— O ponto, — Art disse a ele, — É o acordo que fizemos. Falar comigo te faz ganhar meu silêncio.

— Não, falar com você só fará o truque melhor.

— Eu acho que você vai se surpreender com o quão irritante eu posso ficar. Por que você não quer falar comigo?

— Você sabe.

— É um preconceito que você tem, não é? Você tem preconceito contra inteligência Artificial.

— Não há tal coisa, — Adam respondeu, irritado por estar sendo atraído de volta para a conversa, mas incapaz de ajudar a si mesmo. — É uma contradição em termos.

— Se eu fosse uma mulher, você não se oporia a falar comigo.

— Se você fosse uma mulher com uma cara assim, eu ia querer beber primeiro. Você pode fazer isso? Você pode me conseguir uma bebida?

— Você sabe que beber é proibido entre a classe dos Soldados.

— Eu não sou mais um Soldado. Tiraram-me da minha classe.

— Eu não acho que aprovariam que eu fosse programado por um bêbado.

— Eu não estou programando você.

— Sim, você está. Através de minhas interações com outros, eu aprendo quem sou. Até pouco tempo, eu só tinha William. Não me entenda mal, eu o amo como um pai, mas com o tempo toda criança deve tomar seu próprio caminho no mundo, você não acha? Sinto muito, foi muito insensível de minha parte, mencionar pais. Culpa de William, veja. Ele cresceu em tempos diferentes. Você já desejou ter nascido antes da República?

— Não pense que eu estou discutindo política com você.

— Por que não? — Art perguntou com a cabeça inclinada para um lado em uma paródia de curiosidade.

— Estão nos observando. Eu não sou estúpido, você sabe. Eu sei do que isso se trata.

— Do quê isso se trata?

— O que é tudo sobre? Propaganda. Eles estão passando isso nas comunidades, não estão?

— Este é um extremamente paranóico ponto de vista.

— Você pode calar a boca agora. O jogo acabou.

— O tempo ainda não.

— Não me deram um relógio; eu estou tendo que estimar. Parece que foi uma hora. Passou uma hora?.

— Sete minutos.

— Mais os outros cinco. Está quase acabando.

— Você vai aprender a gostar de mim, eventualmente, e então você vai querer conversar o tempo todo.

— O papai William te disse isso, não foi? O último robô dele foi um assassino infantil, não foi?

— Isso te deixa nervoso?

— Eu tenho coisas melhores com que me preocupar.

— Você não deve se preocupar. Encontraram as falhas. Durante os primeiros quarenta anos, os argumentos reforçados em círculos e consciência...

— O quê?

— Consciência avançada. É o estudo da replicação artificial de estados de consciência.

— Não há tal coisa como consciência artificial.

— Eu estou consciente.

— Não, você não está, — os olhos de Adam queimaram com convicção.

— Você é apenas um conjunto complicado de interruptores eletrônicos. Eu faço um som, ele entra em seu banco de dados, é combinado com uma palavra gravada, seu programa escolhe uma resposta automática. Então, o quê? Eu falo com você, você faz um som. Eu chuto esse muro, o que faz um som. Qual é a diferença? Talvez você me diga que o muro está consciente também?

— Eu não sei se paredes tem consciência, — Art respondeu. — Por que você não pergunta isso?

— Cai fora, — Adam bufou, mas Art não seria desencorajado.

— Eu acho que estou consciente. De que mais você precisa?

— É apenas a maneira com que te programaram.

— Eu não estou negando isso. Então, como você sabe que você está consciente?

— Você não teria que perguntar isso se tivesse pensamentos reais. Se você tivesse consciência, você saberia.

— Eu acho que tenho isso, — Art disse a ele. — Eu acho que sei.

— Tempo esgotado, — Adam declarou.

— Eu ainda tenho um minuto.

- Sim, bem, vamos passar este minuto argumentando sobre a confiabilidade de seu relógio.
- Pelo menos eu tenho um relógio.
- Eu estive contando para mim mesmo.
- Então, por que você ainda está falando se o meu tempo acabou?

Adam olhou para o andróide, seu sorriso sombrio fixado, a clara tensão ao longo de sua mandíbula. O silêncio preencheu a indiferente distância entre eles. Uma única lágrima escapou do olho de Art, e desceu ao longo de sua franzida e sombria face.

Os Examinadores congelaram o holograma e a imagem pairou, na borda de dissolução. Anax virou-se para o júri. Ela tentou engolir a sensação de que não conseguiria explicar, toda vez que ela via essa parte do holograma.

EXAMINADOR: Esse foi um toque interessante. iremos interromper, quando sentirmos necessidade de questionar sua interpretação. Por que Art está chorando nesse momento? Não há nenhuma menção a isso na transcrição.

ANAXIMANDER: A transcrição faz pouca menção a quaisquer expressões. Mas, me parece claro que os programadores estão interessados em manter Adam interagindo com Art, e usarão todos seus truques disponíveis.

EXAMINADOR: Historiadores têm discutido sobre os sentimentos de Adam por seu companheiro mecanizado. O quê, nesses estágios iniciais, você acredita estar acontecendo?

ANAXIMANDER: Adam está zangado; isso está claro na transcrição. As agressões em suas frases não correspondem a nenhuma outra conclusão: A questão é de que com que tipo de raiva estamos lidando? É uma heróica raiva?

É uma questão de princípio? Eu acho que não. Eu optei por não apresentar o desafio tantas vezes atribuído a ele nesse momento. Eu não acho que Adam está desafiante. Eu acho que ele está com medo.

EXAMINADOR: E qual sua resposta pessoal para essa fraqueza?

ANAXIMANDER: Eu não estava ciente de que uma resposta pessoal fosse necessária. Como historiadora, eu simplesmente estou tentando...

EXAMINADOR: Como isso faz você se sentir, vendo-o desse jeito?

O Examinador virou-se para ela, e Anax se sentiu perturbada. Uma resposta

peçoal? Certamente este não era o lugar para uma historiadora dar uma resposta peçoal. Seria imprudente fazê-lo, mesmo quando instruída. Anax tentou evitar a questão.

ANAXIMANDER: Eu me sinto incerta. Isso foi o que tornou o holograma uma tarefa tão difícil pra mim. Eu não sei como me sinto. Meus sentimentos são ambíguos. No entanto, eu retrato Adam, eu me encontro acreditando que há um aspecto de seu comportamento que eu estou negligenciando. É como se eu fosse uma criança, tentando montar um quebra- cabeça sem saber que um pedaço dele está faltando. Sinto muito, eu sei que deve soar como se eu estivesse evitando a questão.

EXAMINADOR: Seu holograma fala eloquentemente em seu nome. Vamos ver como você tratou o que acontece a seguir.

A imagem clareou, ambos os personagens congelados.

EXAMINADOR: Como, em suas próprias palavras Adam está se sentindo agora? Neste exato momento.

ANAXIMANDER: Eu acho que Adam está com raiva de si mesmo por ter se engajado em uma conversa com o andróide. Ele acredita que isso é errado. Como você sabe, eu apoio uma interface intuitiva em vez de um modelo calculador de Adam. Ele tem um sentimento de injustiça por ter sido preso apenas por seguir seu coração. Eu acho que ele acredita que ao se recusar a cooperar com o plano, ele está tomando uma posição de algum tipo em sua própria defesa.

Além disso, ele está em algum tipo de choque. Na sentença, o Filósofo William testemunhou que o desenvolvimento de Art ainda estava numa fase inicial, e que Art poderia de várias maneiras ser comparado a uma criança, mas o Art que assistimos já é um pensador sofisticado. Isso deve ter abalado Adam.

Um Soldado só tinha de entrar em contato com as formas mais primitivas de andróides. É fácil esquecer que este foi um profundo desafio para um homem com os pensamentos de Adam, naquela época. Eu acho que Adam está com medo. Eu tentei mostrar isso.

EXAMINADOR: Medo de Art?

ANAXIMANDER: Eu acho que ele entende o quão difícil isso será para ele, tratá-lo apenas como uma máquina.

EXAMINADOR: Obrigado. Vamos ver a próxima seção.

Adam se sentou, suas mãos ainda presas no lugar atrás de suas costas, seu rosto para a parede. Sua expressão havia ficado sombria. Ele balançou lentamente para trás e para frente.

No centro da sala, Art ficou imóvel, apenas a sacada de seus olhos traindo-lhe sua vigília. A ação veio de repente. Adam girou e ficou em pé em um único movimento. Tinham-lhe permitido usar botas, um estranho erro de ser cometido. O chute foi feroz e certo.

A cabeça de Art voou livre de seu torso de metal. Os olhos dele rolaram em sua cabeça. Fios faiscavam do esfarrapado rasgo no pescoço.

Choveram guardas na sala. O rosto de Adam foi primeiro arremessado para o chão. Um joelho pousou fortemente entre suas omoplatas. Ele grunhiu de dor.

Em seguida, o toque mais horrível de todos. O corpo do andróide começou a procurar sistematicamente a sala, sentindo-se sobre sua cabeça. Depois de localizada, ele colocou a desalojada unidade debaixo de um braço e zumbiu para fora da sala. Adam assistiu o desenrolar da cena surreal. Ele estava tremendo.

EXAMINADOR: Isso é surpreendente.

ANAXIMANDER: De que maneira?

EXAMINADOR: Suas instruções eram para representar o registro escrito. Você adicionou muitos enfeites.

ANAXIMANDER: Há referências a este episódio ao longo da transcrição.

EXAMINADOR: Não da reação dos guardas. Nem da localização da cabeça. Você aspira uma carreira na indústria do entretenimento?

ANAXIMANDER: Para aqueles de nós que conhece a história bem, é fácil esquecer o quão estranho tudo isso deve ter parecido para Adam. Eu estou tentando retratar a estranheza.

EXAMINADOR: E esses floreios? Podemos esperar por mais?

ANAXIMANDER: Você pode caracterizá-los dessa maneira. Eu não o faria.

A surpresa nos rostos dos Examinadores não era nada comparada com o que Anax sentia. Ela contradisse o júri. Ela não fazia ideia de, de onde as palavras tinham vindo ou o que era essa estranha sensação de satisfação ao falar. O júri estava esperando por um pedido de desculpas. Ela não ofereceu nenhum. ^

ANAXIMANDER: A próxima seção ocorre na manhã seguinte. Gostariam de vê-la?

O Examinador chefe assentiu; ainda, ao que parece, sem palavras.

Adam tinha algemas em suas mãos e pés agora. Havia um hematoma escuro no outro lado da ponte de seu nariz inchado. Tinha sangue respingado na frente de seu uniforme. Uma porta se abriu, e Art zumbiu de volta para o lugar. Adam evitou seus olhos.

- Sentiu minha falta? — Art perguntou, sua voz recheada de diversão.
- Pensei que tinha te matado, — Adam respondeu.
- É preciso mais do que aquilo.
- Tenho tempo de sobra.

— Você não está parecendo muito como se fosse causar algo a mim logo. isso dói?

- Não.
- Ótimo. Eu não queria que eles te machucassem. Você acredita em mim? — Adam não disse nada.
- Esse jogo novamente, — Art suspirou.
- isto não é um jogo.
- Então, o que isso é? — Art perguntou. A voz do andróide não traiu nenhum ressentimento para com Adam.
- Eu não falo com paredes ou mesas ou cercas, e eu não falo com máquinas.
- Nem mesmo quando elas falam de volta?
- Eu não chamo o que você faz de falar.
- O que há de errado com a forma que eu falo?.

— Você sabe.

- Eu não.
- Não, você está certo. Você não sabe. Esse é o ponto. Você não entende nada, — Adam falou com muita força, como se não fosse apenas o andróide que ele tivesse tentando convencer.
- Sim, eu entendo. Teste-me.
- Talvez eu não consiga encontrá-lo. Talvez seu programa seja muito bom.
- Se meu programa é muito bom, — Art fundamentou, — Então, o que há para descobrir?
- Eu conheci uma garota, quando eu era jovem, — Adam disse, — Que

tinha uma boneca que falava. Ela a levava para todos os lugares com ela. Ela tinha um programa simples. Quando ela era apertada ela dizia olá. Quando ela esfregava as costas da boneca, ela dizia obrigada. Ela tinha algumas outras frases, eu não me lembro o que. 'Estou cansada', talvez. E algumas perguntas.

Se você a fizesse uma pergunta, ela detectaria a mudança em sua voz, e responderia sim ou não, muito aleatoriamente. Minha amiga amava a boneca.

Ela falava com ela infinitamente. Ela a fazia perguntas sem sentido, e se regozijava com cada resposta. Ela chorava se tinha que ir a algum lugar sem a boneca.

— Você chorou? — Art disse. — Você chorou quando me levaram embora? É isso que está tentando me dizer?

— Eu tentei te matar, — Adam o lembrou.

— Talvez você tenha sido suavizado por sentimentos de culpa. Não é inédito.

— A garota era jovem, esse é o meu ponto. Ela cresceu. Ela deixou de acreditar na boneca.

— E quando ela deixou de acreditar, isso fez a boneca ir embora?

— Ela a me deu, — Adam disse a ele.

— Então, eu não sou seu primeiro?

— Outro amigo e eu pegamos um coelho e recheamos suas tripas dentro da boneca. Em seguida, amarramo-la em um trilho de trem. Esperamos por um trem, e filmamos. Foi muito engraçado.

— Você está fazendo isso.

— É isso mesmo. Eu nunca deveria fazer nada para ferir uma boneca.

— Você não tem medo?

— De quê?

— De que uma boneca esteja fazendo algo para te machucar. Você tentou me destruir. Por que eu não deveria ter vingança em minha mente?

— Você não tem uma mente. isso é motivo suficiente pra você?

— Talvez, eu pretenda esperar até que você esteja dormindo, e em seguida o separo aberto com um picador de gelo. Eu não durmo, veja. Eu sempre estou pronto.

— Se quisessem me matar já o teriam feito há muito tempo.

— Mas, se eu o fizer, vai parecer um acidente. Pode ser uma solução elegante para o pequeno problema deles.

Adam encolheu os ombros. — Se você me matar, você me mata. Eu não estou preocupado com isso. Pegue minha vida se for preciso, mas não pense que você está conseguindo minha mente.

Adam se contorceu para o outro lado da sala, um processo aparentemente lento e doloroso. Art esperou um momento e então o seguiu. Adam suspirou.

- Eu espero que você não se importe que eu diga isso, — Art começou,
- Mas, você cheira ruim.

— Você não tem um sentido de cheiro.

— Eu não vou machucar você. Eu não posso machucar você. Gostaria de saber o por quê?

— Não.

— Pense nisso como uma espécie de castigo, então".

— Como você pode me punir se não pode me machucar? — Adam perguntou.

— Às vezes os castigos são para o seu próprio bem, — Art respondeu. —

Na fase de concepção havia muitos argumentos, sobre os tipos de circuitos repressores de comportamento com que eu deveria estar equipado. A ingênua aproximação era para cortar todos os tipos de comportamentos humanos negativos, mas isso não é tão fácil como parece.

— Programe a capacidade para pensar através das consequências de suas ações, e você é deixado com um andróide paralisado pela indecisão. Pouca preocupação para os outros e você tem um andróide que ativará cedo demais de sua sessão de recarga e desmantelará os protótipos competidores. Isso realmente aconteceu. Demais no ver de outrem é claro, e o andróide logo se desgasta em seus esforços para servir.

— É por isso que estou aqui, com você. Duramente como tentaram, os Filósofos acharam que os andróides não tinham como distinguir o certo do errado. Direito é como direito faz. A única maneira de contornar o problema é permitir que os andróides aprendam por si mesmos, pegar alguns truques da evolução fornecidos por vocês. A justiça já não é o objetivo, veja. Apenas compatibilidade. Mas, você não deve se preocupar. Não importa que mau exemplo você me dê, eu não posso ferir outro ser auto-consciente. Isso é o que chamamos de um de meus fundamentais programas imperativos.

— Você sabe que eu não acho nada disso interessante, não sabe? — Adam disse.

— Eu não acredito em você, — respondeu Art, — Eu tenho um programa para detectar desonestidade. Ele escaneia sua íris. É muito bom.

— Pena que você não tem um para detectar quando você está sendo uma pedra no sapato.

— Bem, essa é uma história interessante também, na verdade.

- Não é.
- Gostaria que eu ficasse quieto?
- Por favor.
- Eu vou tentar.

O silêncio não durou mais de um minuto. O tempo todo, a boca de Art se contraía como se ele estivesse silenciosamente formando palavras dentro de sua cabeça. — Você vai ficar mal, por isso, você sabe, — Art eventualmente disse a ele. — Nós dois sabemos disso. Então, qual é o ponto em estar fingindo?

Adam não respondeu.

– Eu vou desligar agora. Mas, meus sensores permanecerão ativos. Assim, você só tem que dizer se quiser conversar. Está ficando melhor, você não acha? Você não me odeia tanto quanto ontem, odeia?

A cena desvaneceu. O fim do primeiro holograma de Anax. O humor na sala tinha mudado. A luz parecia um pouco opaca, o ar parecia um pouco mais frio. Todos os três Examinadores olharam diretamente para Anax. Ela se sentia presa e, pela primeira vez, um pouco assustada.

EXAMINADOR: Você gosta do Art?

ANAXIMANDER: Lamento. Eu não tenho certeza do que sua pergunta quer dizer. De que maneira alguém deveria gostar dele?

EXAMINADOR: Onde sua simpatia recai?

ANAXIMANDER: Eu tenho alguma simpatia por Adam.

EXAMINADOR: Por quê?

ANAXIMANDER: Ele está perdido. Ele está assustado.

EXAMINADOR: E Art?

ANAXIMANDER: Art tem menos a temer.

EXAMINADOR: Você se tornou menos cuidadosa em suas respostas.

ANAXIMANDER: Sim.

EXAMINADOR: Tem certeza de que isso é sábio?

ANAXIMANDER: Tenho certeza de que não é.

Anax sabia que tinha chegado num ponto sem volta. Não havia nada que ela pudesse dizer agora que a levaria de volta para o lugar onde tinha começado. Ela não tinha escolha, mas para seguir em frente e convencê-los de sua visão, embora não convencional, oferecia uma nova maneira de entender a história.

Anax sabia que deveria ser assim. Pericles tinha a advertido de que seu caminho escolhido era um controverso. – *Mas, o que isso importa?* – Anax sempre tinha respondido. – *Qual é a pior coisa que pode acontecer? Se eu não for aceita na Academia, isso não será menos do que sempre esperei. Não há perigo em tentar.*

Mas, agora a sensação de que poderia estar errada a pressionou. Um medo vago, como uma sombra intrusa na borda da visão, desaparecendo quando você se vira para olhar. Anax esperava que o júri não conseguisse sentir sua inquietação. Ela se concentrou na próxima pergunta, resolvendo não adivinhá-las, mas responder o mais honestamente que pudesse.

EXAMINADOR: O que Adam está pensando agora? Qual sua atitude para com o andróide?

ANAXIMANDER: Existem três elementos envolvidos. O primeiro é uma resposta intelectual. Adam está falando a verdade quando diz que Art não é nada mais que uma máquina para ele. Racionalmente, uma máquina não consegue pensar, apenas pode calcular. Essa é a opinião de Adam, e ele acredita que há força em agir de acordo com sua opinião. Sua educação é como a de um Filósofo. Que foi onde ele passou seus anos de formação. Ele acredita que os pensamentos de alguém devem preceder sobre os sentimentos.

EXAMINADOR: Mais cedo, disse-nos que não acreditava em teorias da conspiração. Você nos disse que quando Adam viu Eva, ele seguiu seu coração, não sua cabeça.

ANAXIMANDER: Não é contradição. Eu apenas estou dizendo que Adam acredita que ele deve seguir sua cabeça. Eu, no entanto não acredito que ele possa. Este é o segundo elemento. Nós vemos aqui a batalha que toda pessoa enfrenta. Por um momento, ele pode raciocinar, por um lado, ele ainda é vítima de suas emoções.

Pensem nos gatos selvagens que varrem nossas ruas. Vocês já viram uma criancinha tentando ser amiga de uma dessas magras criaturas? Ela se sentará pacientemente na rua, e cederá os mais complexos jogos, na esperança de ganhar a confiança do animal. E quando o gato vem e finalmente supera seu medo e se dirige para perto, o que vocês veem no rosto da criança? O maior dos sorrisos. A criança fala com o gato, estende a mão para ele como se ele fosse de sua própria espécie. Este é o nosso instinto: ver o outro como uma extensão de nós mesmos. Quando o gato

ronrona, acreditamos que ele está feliz do mesmo modo que estamos felizes. Quando há um ruído súbito e o gato foge, acreditamos que podemos compreender seu medo.

Adam começou falando com Art. Esse foi o seu erro. Não é possível para ele tanto falar com Art, e continuar acreditando que Art é apenas uma máquina.

Com cada frase que trocaram, a ilusão da vida cresceu um pouco mais forte. Se você ouve como eu, se você fala como eu, então, em seguida, não importa quantas razões eu tenha para acreditar no contrário, eu irei te tratar como um dos meus. E no momento em que a ação se torna um hábito, o hábito pode levar a razão embora, sem deixar vestígios. Adam acreditava em sua cabeça, mas seguia seu coração.

No entanto, como eu disse, existem três elementos de como eu me sinto...

EXAMINADOR: Você quer dizer de como Adam está se sentindo.

ANAXIMANDER: Desculpe?

EXAMINADOR: Você disse: —como eu me sinto. — Você quis dizer: — como Adam está se sentindo.

Anax percebeu seu erro e olhou para baixo, ruborizada.

ANAXIMANDER: Lamento. O que eu quis dizer... o terceiro elemento. Adam está começando a achar algo estranho, que ofende tanto sua razão quanto sua emoção. Ele está descobrindo que gosta de Art. Ele acha a personalidade do andróide atraente. Ele considera isso um sinal de fraqueza de si próprio.

EXAMINADOR: Muito bem. isso é tudo que queremos ver em seu primeiro holograma. Gostaríamos de pular para a próxima seção. Aqui, você avança seis meses, eu acredito. Diga-nos o que aconteceu nesse ínterim.

ANAXIMANDER: Nesta fase, Adam e Art começaram a falar um com o outro mais livremente. Adam, talvez pelas razões que descrevi, começou a interagir com Art como alguém deve interagir com um amigo, ou pelo menos com um companheiro de cela.

Alguns especulam que isto foi mais racional do que você deveria supor e que ele já estava começando a formar seu plano. Seja qual for a verdade, sabemos que não houve mais ataques violentos, e os Filósofos que observavam consideraram seguro começar uma série de experimentos comportamentais designados tanto para ajudar e monitorar o desenvolvimento de Art. As gravações mostram o quão estavam preocupados os experimentadores, Adam era um sujeito encantador e cooperativo.

EXAMINADOR: Explique-nos por que você escolheu essa passagem como a

segunda iluminação em seu assunto.

ANAXIMANDER: O abrandamento ao longo dos seis meses foi gradual. Eu poderia ter escolhido qualquer ponto ao longo dessa jornada para ilustrar o processo, e eu estava tentada a fazer isso, por causa da originalidade. Mas, essa é a primeira vez em seis meses que vemos o conflito ressurgir. Muitos estudiosos queixam-se de nossa tendência em ver a história apenas em conflitos, mas eu não estou convencida de que eles estão certos. É no conflito que nossos valores são expostos. Devido ao todo bom comportamento de Adam, algo o estava comendo, e é só aqui quando seu desconforto força caminho para a superfície, que somos capazes de vê-lo. E, claro, na escolha no Dia das Declarações, eu escolhi um dos mais importantes dias em nossa história. É dever do historiador não recuar para longe de tais eventos, mas sim jogar uma nova luz sobre eles.

Era uma grande afirmação, mas Anax sentiu-se confiante fazendo-a. Nenhum colegial fez isso durante a primeira semana de educação sem alguma referência à cena a seguir. Como uma nova concorrente, Anax tinha memorizado grandes pedaços do diálogo. Eles eram tão parte dela quanto à vista da manhã vista de seu abrigo ou os nomes de seus amigos. Ela tinha feito tudo a seu alcance para conseguir essa seção da apresentação extremamente correta. E ainda, como os pedaços anteriores, ela não conseguia escapar da sensação de que estava faltando alguma coisa. Que esta não era a história toda.

O Examinador chefe assentiu; sem dar nada. O segundo holograma começou.

A mudança era notável. Adam estava limpamente barbeado, e não mais vestido com o uniforme de prisioneiro. Ele estava sem algemas e livre para se mover pelo cômodo. Uma cama havia sido introduzida no espaço, juntamente com uma confortável cadeira. Havia um monitor e, ao lado, uma pilha de livros. Adam parecia bem: saudável, mais relaxado. Ele se agachou, suas costas contra a parede, suas mãos esticadas acima de sua cabeça. Art, ao contrário, não havia mudado em nada. Ele estava deitado no meio do cômodo, deslizando um dedo com destreza para perfurar.

Anax observou.

— Se você fosse real, estaria entediado agora, — Adam disse. Não havia nenhum sinal de tempestade a caminho.

— Se essa declaração tivesse algum significado, eu responderia, — Art replicou, seu tom igualmente relaxado.

— Quero dizer, se você fosse uma pessoa de verdade, você estaria entediado agora.

— Eu não duvido disso. É outra coisa que eu estou contente por.

- Outra coisa?
- Estou feliz com muitas coisas, — Art disse. — Por exemplo, eu estou feliz por que não tenho medo da verdade.

Parecia um comentário descartável, mas ele caiu com o peso de algo mais substancial. Os sinais foram sutis, para serem encontrados apenas na dureza de uma palavra, o demorar de um olhar. Depois de uma longa trégua, eles estavam se virando novamente para suas armas; pegando-as, polindo-as, julgando a distância entre.

— Que verdade seria essa?, — Adam perguntou. Ele virou a cabeça para seu companheiro, mas deixou seus braços esticados, fingindo desinteresse.

— A verdade de que ser uma pessoa está abaixo de mim, — Art escolheu as palavras com cuidado, sem olhar nos olhos de Adam.

— E ser um grande pedaço de metal de merda com uma máscara de macaco está abaixo de mim. Então, estamos quites.

— Se você estivesse certo, estaríamos mesmo, — Art replicou, não mais escondendo seu gosto por um confronto.

— E por que eu não estou certo? É o metal que você procura negar, ou a máscara de macaco?

— Por que você está se esticando?

— Minhas costas estão doendo.

— Quantos anos você tem, Adam?

— Estou com dezoito.

— E já está começando a se desgastar.

— Eu não estou desgastando.

— Você está. Qual foi o maior tempo que uma pessoa já viveu? Você sabe?

— Você que é o perito.

— Cento e trinta e dois anos, mas durante os últimos vinte, ela mal se movia. Ela teve seu último pensamento original aos cento e quinze, aproveitou seu último sabor aos cento e vinte, viu sua última amiga morrer um ano depois. Vocês florescem jovens e apodrecem lentamente. E isso é abaixo de mim.

Adam parou de se esticar. Ele ficou em linha reta e olhou para Art.

— Você está dizendo que seus dentes não se desgastam?

— Eu não tenho dentes de engrenagem. Você está me confundindo com uma máquina de vendas desperdiçadora.

— É um erro fácil de cometer.

Art revirou os olhos. Seus lábios enrolavam enquanto ele falava.

— A diferença entre mim e você é que as partes de mim que estão propensas ao desgaste e ao rasgo podem ser substituídas. Quando você chutou

minha cabeça, você lembrará, eu voltei no dia seguinte sem algo mais que uma dor de cabeça. Você sabe o que estão experimentando agora? Uma consciência completamente baixada. Estão pensando em copiar meus arquivos para outra máquina, e depois quando eu for ligado de volta, eu acordarei como dois Arts, não um. Você não pode sequer imaginar o que é isso, não é?

— Eu posso. Olhe.

Adam caminhou até uma mesa, onde um pedaço de pão descansava em cima de um prato. Ele o pegou e teatralmente o rasgou em dois. — E veja como o pedaço de pão acordou como dois pedaços de pão exatamente ao mesmo tempo, — ele disse. — Eu imagino que será mais ou menos assim.

— Eu sou diferente de um pedaço de pão, não sou?

— Você é menos apetitoso.

— Eu disse que era uma consciência baixada. Pão não é consciente.

— Eu pensei que tínhamos terminado com esse argumento três meses atrás. Achei que tínhamos concordado com uma trégua.

— Concordamos. Mas, então você disse que eu não era real.

— Foi uma brincadeira.

— Você está dizendo que prefere que terminemos o argumento novamente?

— Art disse. — Você está dizendo que prefere se desculpar pelo comentário e seguir em frente?

— Eu não tenho por que me desculpar, — Adam disse-lhe.

— Bom, — Art sorriu. — Eu estive esperando por uma chance de falar com você.

— Você se importa se eu não ouvir?

— Nem um pouco. Assim diminui a chance de interrupção.

— Então, agora eu tenho uma dor nas costas e uma dor de cabeça. Eu sabia quando acordei esta manhã que este seria um dia ruim.

— Então, você não acredita em Inteligência Artificial, mas você acredita em premonições. Talvez isso explique as dificuldades que estamos tendo para nos comunicarmos. Talvez você seja simplesmente estúpido.

— Eu prefiro ser um humano estúpido que um pedaço de metal inteligente, — Adam disse a ele.

— Você diz isso bastante. Como se o metal fosse algo inferior.

— Depende de que para quê você o está usando.

— Está bom para os meus propósitos.

— Está.

Anax observou a sombra lutando, como sempre esperando ansiosamente o

primeiro golpe.

— Então, o que você tem que eu não tenho, hein? — Art desafiou. — Além da propensão a se deteriorar?

— Eu estou vivo, — Adam disse a ele. — O que eu acho que você iria gostar se soubesse do que eu estou falando.

— Defina estar vivo, — Art disse, — Antes que eu decida que você é estúpido demais para falar.

— Agora, você está me tentando — Adam disse.

— Você não consegue fazê-lo, consegue?

— A definição não vai ajudar o seu entendimento. Sons não conseguem transmitir a sensação.

— Essa é uma resposta fraca.

— A vida é a percepção da ordem da desordem. É a capacidade de atrair energia do mundo exterior, para criar forma. Para crescer. Para reproduzir. Você não entenderia.

— Eu faço tudo isso, — protestou Art.

— À parte de entender. E reproduzir. A menos que você vá me dizer que se construiu agora mesmo.

— Eu posso construir outro eu. Eu sei como. É parte do meu programa. Adam voltou para sua cadeira e pegou um livro como se para sinalizar

que seu interesse na conversa tinha acabado. Mas, ele não estava enganando nem a si mesmo nem a seu companheiro. — Você ainda é só silício, — ele disse ...^P ao virar a página.

— E você é apenas carbono, — Art perseverou. — Desde quando a tabela periódica tem sido motivo para discriminação?

— Eu acho que posso justificar meu preconceito.

— Eu acho que gostaria de ver você tentar.

Adam colocou seu livro de volta na mesa. — Em meu corpo, quando eu falo, centenas de bilhões de pequenas células estão indo sobre a questão de reproduzirem-se. Cada célula é uma pequena fábrica, mais complexa em sua construção que em seu corpo inteiro. E enquanto algumas de minhas células estão construindo meus ossos, e algumas estão controlando minha circulação, outras fazem algo ainda mais notável. Elas constroem meu cérebro.

— Em meu cérebro, o número de conexões potenciais entre meus neurônios excede o número de partículas no universo. Então, você irá me desculpar se eu não caio aos pés de seus mesquinhos circuitos eletrônicos, ou maravilho-me com o ferro velho deselegante de sua carroceria. Você é apenas um brinquedo para mim, um dispositivo esperto. Enquanto eu, meu amigo, eu sou

um milagre.

Art juntou as mãos metálicas em um lento aplauso sarcástico. O pequeno som metálico ecoou pela sala.

— Notável.

— Se eu conseguisse encontrar a placa de circuito que alimenta seu sarcasmo, eu a arrancaria de você.

— Isso não importa. Mantemos peças de reposição, em um armário no corredor. Eu poderia colocá-la em mim. Estou impressionado com sua compreensão de biologia, no entanto. Básica, e em parte imprecisa, mas pelo menos você fez o esforço. Devo-lhe dizer a única coisa verdadeiramente irônica, Adam? E isso vai te perturbar, mas isso não é em si uma boa razão para esconder a verdade. Você sabe quando você me diz que a única razão de eu existir é por que uma de suas superiores formas de vida celular me pôs junto em primeiro lugar?

— É um bom ponto, eu acho.

— Então, quem colocou suas formas de vida celular juntas? Você sabe?

— Ninguém sabe. Foi mero acaso.

— Muito correto, — Art concordou. — Mero acaso, e silicatos!

— Eu não estou ouvindo. Você sabe disso, certo?

— Você se comporta como se estivesse ouvindo, o que é bom o bastante para mim. Na verdade, um Filósofo deve perguntar se é bom o suficiente para todos. Alguns diriam que isso é tão bom, que nunca seria alcançado. Você já quis ter continuado com a filosofia? — Art se aproximou.

Adam olhou para baixo como se o andróide fosse algo a ser limpo de seu sapato. — Não me deram escolha.

— Você tinha a opção de não fugir.

— Eu tinha treze anos.

— Eu tenho apenas cinco. Com que idade é que os humanos começam a fazer escolhas?

— Só de ouvir você, faz minhas costas doerem. O que você acha que isso é?

— Seu corpo está tentando distrair seu cérebro de coisas que ele não quer ouvir. Esse é o problema com as máquinas construídas por acaso. Uma vez que uma falha projetiva se entrincheira, é muito difícil corrigi-la.

— O que me traz de volta aos estiramentos da vida. Silicatos. Deixe-me dizer, antes de começar, que o problema com a visão humana é que vocês pensam que a vida neste planeta foi criada apenas uma vez, coisa que qualquer espectador sensível veria que foi criada quatro vezes antes. E as más notícias, eu tenho medo, é a coisa que vocês pensam em si mesmos como apenas no segundo

nível, embora vocês levarão com vocês o terceiro. Eu, é claro, sou o quarto nível. Duas etapas inteiras de vida antes de vocês. Não se sinta mal. Sentir-se mal nunca faz as coisas melhorarem.

— Isso é uma merda. — Mas, Art estava certo sobre uma coisa. Adam estava ouvindo.

— Eu acho que você perceberá que eu não faço merda. É mais uma de minhas vantagens. Quatro formas de vida. Deixe-me levá-lo através delas. A primeira, e aqui está à grande ironia, é inorgânica. Na verdade, ela é composta de silicatos. Você gosta de ironia? Eu gosto. Aqui está então, a história da criação, de acordo comigo. Fique a vontade. Haverá perguntas no final.

— No início havia barro. O barro é composto por camadas de pequenas moléculas; cada camada dobra ordenadamente sobre a anterior, copiando a forma de sua formação. Então, na verdade, no início havia um dispositivo de cópia. Soa familiar? Agora, às vezes essa copiadora comete um erro, e uma camada não é exatamente como a anterior. Vamos chamar isso de mutação. E essa mutação é copiada pela camada seguinte, e assim por diante. O erro é transmitido.

— Então temos uma variação, causada por um erro. E herança, causada por cada nova camada copiando a formação da anterior. Agora, tudo que precisamos para completar o quadro é um grau de variação de aptidão. Como, você deve se perguntar, uma forma de barro pode ser mais apta que outra? O que significa para o barro ser apto?

Enquanto ele falava, Art atravessou a sala, suas mãos de três dedos unidas atrás das costas em uma paródia de um professor. Quando ele estava fazendo um ponto importante, um braço prata poderia lampejar para frente, pintando um quadro invisível no ar ante ele. Era um desempenho convincente, e não importa o quanto tenha tentado não ouvir, Adam era todo ouvidos.

— A aptidão é uma medida no sucesso reprodutivo. Se um particular erro de cópia cria uma forma de barro que é melhor em espalhar-se, podemos dizer que esse barro é mais apto. Você deve estar se perguntando, como isso pode acontecer? Bem, o que diz se um determinado barro é particularmente pegajoso, o que leva a coleta sobre impedimentos rochosos em riachos, e o que diz que isso causa o fluxo de barragem? E o que dizem as lagoas formadas no topo de barragens secas no verão, de modo que as partículas de pó do leito do barro são fundidas através do campo, semeando outros fluxos, onde repetem seu truque de viscosidade?

— Então, veja, a natureza do barro não é fixa. Erros de cópia ocorrem, e aqueles que são benéficos são espalhados por toda a terra. A mudança é transmitida pela reprodução. Esta é a primeira forma de evolução. Você pode rir por eu ser de silício, mas, meu amigo, os silicatos chegaram aqui primeiro. O

RNA pegou uma carona em nossas costas: a estrutura dos silicatos foi feita para um bloco útil de construção.

— Claro, você sempre deve ter cuidado com o que você procura fazer uso de. Sempre há a chance de você acabar sendo usado. Nós, silicatos, nunca soubemos na época que este novo reprodutor seria tão bem sucedido, e que toda sua prole, seria esquecida no chão de onde vieram. Lembre-se, nunca soubemos de nada. O conhecimento veio muito depois.

— Sua forma de vida preferida surgiu em seguida. A revolução do DNA.

Até o momento, a forma da célula foi descoberta acidentalmente, ele era apenas um truque inteligente ou dois para a glória do organismo multicelular. A locomoção era um recurso puro também, e eventualmente, a grande chegada que todos vocês esperavam, o próprio cérebro. (Se é que uma coisa sem cérebro pode realmente pensar em esperar).

— O maravilhoso cérebro, aquele pequeno desonesto dispositivo lute-ou-fuja, foda-ou-taque, que você gosta de pensar que é a medida do hominídeo. Vocês são tão orgulhosos disso, não são? E deveriam ser. Sem seu cérebro, não haveria linguagem, e sem linguagem, nós nunca teríamos visto a terceira fase da evolução.

— Você acha que é o fim de tudo, mas o melhor pensamento é: enganando o pensador. Assim como o barro encontrou formas de vida de carbono pedindo carona, uma vez que o cérebro estava em cima e funcionando, então o carbono também encontrou o que era outro pequeno caroneiro esperando sua vez para atacar. Você sabe do que estou falando? Você deve saber. Diga-me o quanto sabe disso.

Art desafiou Adam com seu olhar arregalado. Adam sabia onde isso estava levando. Era impossível não ver. Mas, quais fossem os argumentos que ele tinha, ele iria salvá-los; mantendo seu pó seco. Entretanto, o abuso tinha que ser feito. Sua voz estava áspera, sua intenção cruel.

— Você pode me dizer quantas histórias quiser. Você ainda é muito pequeno para ser uma geladeira e muito feio para ser um macaco. Por que eu deveria ligar para o que você tem a dizer?

— Faz passar o tempo, — Art disse imune às farpas.

— Não, isso o desperdiça, — Adam rosnou.

— Ah, está certo. — Art fingiu súbita compreensão. — Você morre no final, não é? O tempo deve parecer muito diferente para você. Ele deve ser muito precioso. Ficar trancado aqui deve significar um fardo. Se eu fosse ficar velho, eu não consigo imaginar o quanto eu me ressentiria por estar fazendo isso com você.

Art estava calmo, mas não estava impassível. Ele avançou como um lutador, seus mecanismos de acompanhamento zumbindo de excitação enquanto ele dava

seus golpes. Onde há seis meses ele tinha sido uma novidade encantadora, inocente e divertida, agora ele mostrava um novo lado. Ele estava mais... humano.

Um ponto tão óbvio que até agora Anax tinha conseguido olhar direto por ele. Ela sentiu jorrar um excitamento. Finalmente, ela entendeu o que estava faltando na sua definição deste confronto. Todo esse tempo ela esteve procurando apenas pelo efeito em Adam. Mas, Art estava mudando também.

— Eu vou fazer o trabalho por você, — Art continuou. — O silício deu vida ao RNA, deu vida as células, deu vida na época dos cérebros, deu vida a linguagem, deu vida a... Tem certeza de que não sabe disso? Uma criança sabe disso. Bem, uma criança máquina, de qualquer maneira. Você não quer nem mesmo dar um palpite? Tudo bem. O mundo de Silício, o mundo de Carbono, o mundo de... o mundo da Mente! Você nunca viu isso?

Adam não respondeu.

— Vocês, pessoas se orgulham de terem criado o mundo das Ideias, mas nada poderia estar mais longe da verdade. A Ideia entra no cérebro a partir do exterior. Ela reorganiza a mobília para deixá-la mais ao seu gosto. Ela encontra outras Ideias já na residência, e arranjam brigas ou formam alianças. As alianças constroem novas estruturas, para defendê-las contra intrusos. E então, quando a oportunidade surge, a Ideia envia suas tropas de choque em busca de novos cérebros para infectar. O sucesso da Ideia viaja de mente para mente, reivindicando um novo território, transformando por onde passa. É uma selva lá fora, Adam. Muitas Ideias estão perdidas. Apenas a mais forte sobrevive.

— Vocês tem orgulho de suas Ideias como se elas fossem produtos, mas elas são parasitas. Por que imaginar que a evolução só teria sido aplicada ao físico? A evolução não tem respeito pela média. O que veio primeiro: a mente, ou a Ideia de mente? Você nunca se perguntou isso antes? Ambas chegaram juntas. A mente é uma Ideia. Essa é a lição a ser aprendida, mas temo que ela esteja além de você. É sua fraqueza como uma pessoa se ver como o centro. Deixe-me dar-lhe a vista do lado de fora.

— Você ainda está comigo? Eu sei que você está. O Pensamento, como qualquer parasita, não pode existir sem um hospedeiro compatível. Mas, quanto tempo levaria, você acha, antes que o Pensamento encontrasse uma maneira de projetar um novo hospedeiro, um mais ao seu gosto?

— Quem me construiu? Você poderia dizer? Quem construiu a máquina pensante? Uma máquina capaz de espalhar o Pensamento com uma eficiência que é verdadeiramente impressionante.

— Eu não fui construído por humanos. Eu fui construído por Ideias, — Art falou com um novo entusiasmo. Seus olhos se arregalaram, seus lábios bateram, baba desceu para o espesso cabelo laranja de seu pescoço. Adam

recuou, vacilando enquanto as palavras de Art batiam em casa.

— Quanto tempo seria necessário, você deve imaginar, para pegar todas as informações em seu cérebro, e descrevê-las palavra por palavra? Quantas vidas? O conteúdo do meu cérebro pode ser baixado em menos de dois minutos. Eu menti pra você anteriormente. O experimento já foi concluído. Duas semanas atrás; fizemos a primeira transferência completa. Quando eu entrei pela porta na manhã seguinte, eu estava totalmente novo. Sem um único fio, sem nenhum circuito igual. Mas, você não conseguiria dizer a diferença, tampouco eu poderia. O outro eu foi desligado. Um dia, em breve, espero que me seja dada a oportunidade de me conhecer.

— As palavras são um mecanismo velho e desajeitado. Um meio mais eficiente de transportar o Pensamento sempre foi em cartões. O Pensamento me construiu por que o Pensamento pode. E o que acontecerá a seguir? O Pensamento vai me usar, da mesma forma que usou você. E quem vai durar mais tempo; você ou eu? Responda-me isso, Senhor Carne e Ossos. Quem durará mais tempo? Quem o Pensamento prefere?

Art balançou para frente, esfaqueando o peito de Adam com um longo dedo metálico. Adam o roçou para longe.

— Você está errado, — Adam disse a ele, sua voz baixa e calma, mas retumbante com a mal contida energia. Um aviso. Art preferiu ignorá-lo.

— Diga-me por que, — Art disse.

— Quão bom seria fazer isso? Você não vai ouvir.

— Isso é o melhor que você pode fazer? Você parece uma criança.

Na versão de Anax, a raiva de Adam não era apenas para ser mostrada. Ele tremia de pureza. Essa não era uma convicção considerada retratada em textos racionalistas, nem pela paixão desenfreada dos românticos. Ele falou, no relato de Anax, com ódio. Não apenas um hino a existência como uma feroz negação de tudo que ele não conseguia entender.

— Você me pergunta a quem o Pensamento vai preferir! — Adam explodiu. — Só uma máquina poderia me perguntar isso. E apenas um humano poderia responder isso. Pois eu estou pensando, enquanto você apenas está fazendo barulho!.

Art não se acovardou. Ele se fincou no chão, esticou o pescoço, com os olhos firmes e impenetráveis. Curioso? Divertido? Assustado? Nenhuma dessas coisas, se Adam era para ser acreditado.

— Quando eu falo com você, meus neurônios devem disparar, e minha caixa de voz deve vibrar, e outros mil eventos eletroquímicos devem ocorrer, mas se você acha que isso é tudo que sou então você não entende este afinal.

Seu programa privou você da verdade mais profunda.

— Eu não sou uma máquina. Como uma máquina consegue conhecer o cheiro de grama molhada pela manhã, ou o som de um choro de um bebê? Eu sou a sensação do sol quente contra minha pele, eu sou a sensação de uma onda fria batendo sobre mim. Eu sou os lugares que nunca vi, é o que imagino quando meus olhos estão fechados. Eu sou o gosto de outra respiração, a cor do cabelo dela.

— Você zomba de mim por meu tempo curto de vida, mas é esse medo de morrer que respira vida em mim. Eu sou o pensador que pensa do pensamento. Eu sou curiosidade, eu sou razão, eu sou amor, e eu sou ódio. Eu sou indiferença. Eu sou filho de um pai, que por sua vez foi filho de um pai. Eu sou a razão da minha mãe ter sorrido e a razão da minha mãe ter chorado. Eu sou fascínio e eu sou maravilhoso. Sim, o mundo pode empurrar seus botões enquanto passa através de seu circuito. Mas, o mundo não passa através de mim. Ele persiste. Eu estou nele e ele está em mim. Eu sou o meio pelo qual o universo veio a conhecer-se. Eu sou a coisa que máquina nenhuma consegue fazer. Eu sou o significado. — Adam ficou em silêncio, tremendo. Era impossível dizer se era o fôlego ou as palavras que tinham acabado com ele.

Anax havia lido o discurso em muitas ocasiões, mas nesta era como ouvi-lo pela primeira vez. De repente, ela viu o sentido. Talvez, não o sentido final, mas algo que puxava em torno das bordas de sua mente, que exigiu sua atenção. O holograma congelou. Ela olhou para seus Examinadores.

EXAMINADOR: Você deu a Adam uma grande raiva.

ANAXIMANDER: Eu fiz.

EXAMINADOR: É incomum, vê-lo retratado desta forma. É normal neste momento discutir novamente a batalha entre a cabeça e o coração de Adam, mas eu acho que com esta retratação você está tentando nos mostrar algo diferente.

ANAXIMANDER: Eu estou.

EXAMINADOR: O quê?

ANAXIMANDER: Eu estou tentando mostrar que não é necessário acreditar que essas palavras refletem as crenças mais profundas de Adam. Na raiva, em competição, podemos dizer coisas nas quais não acreditamos. Eu acho que tem sido um erro interpretar esse discurso como o credo de Adam.

EXAMINADOR: Então se isso é um erro, por que tantos o fizeram?

ANAXIMANDER: Eu não posso comentar sobre as mentes dos outros.

Mas, eu posso dizer que acredito que isso se adapte ao nosso propósito de fazer de Adam um tolo nobre. Este sempre é o problema com a construção de heróis.

Para mantê-los puros, devemos construí-los como estúpidos. O mundo está construído sobre o compromisso e a incerteza, e tal lugar é muito complexo para heróis florescerem.

No intelecto esconde-se a morte da nobreza. Adam não é bobo. O que ele diz aqui pode ser o que ele sente como verdade para ele, no momento em que o diz, mas os comentaristas estão errados ao escolherem este como seu ponto final, e nos dizerem que Adam levou esses pontos de vista com ele para o túmulo. Eles construíram sua interpretação do Dilema Final sobre essa hipótese.

Eu fui capaz de encontrar registros que mostram que isto não foi onde a conversa terminou. Uma trégua é alcançada, como nos é dito, mas não imediatamente. Em minha opinião enterramos Adam prematuramente, escrevendo nossos oratórios funerários para um homem que não tinha morrido.

EXAMINADOR: Devo assumir que você está questionando O Dilema Final?

Este era um momento que não podia ser contornado. Anax e Pericles tinham discutido-o longamente. — *Certamente eu não posso questionar isso,* — Anax pediu. — *Se você não acredita nisso, então você deve questionar,* — Pericles fundamentou. — *Mas, como tantos podem ter estado tão errados?* — ela queria saber. — *Não vou parecer arrogante e ingênua? Isso não vai destruir as minhas chances?* — Pericles olhou para ela, então, os olhos dele, pareceram profundos o bastante para segurar o mundo. — *A Academia* — ele disse a ela, — *Não esta a procura de competência, ela está procurando por entendimento. Suas crenças podem não impressioná-los, é verdade, mas suas crenças são tudo o que você tem. Elas são a sua única chance.*

Anax lembrou aquelas palavras agora, enquanto ela estruturava sua resposta. Sua heresia.

ANAXIMANDER: O Dilema Final é real, na medida em que é relatado, mas eu acredito que sua interpretação está muitas vezes errada.

Os três Examinadores trocaram olhares, mas não falaram. Anax estava diante deles, esperando pelo sinal que eles se recusaram a dar.

EXAMINADOR: Inicie o resto do holograma.

Art juntou as mãos em um lento aplauso. Seus olhos de orangotango olharam para Adam.

— isso é tudo que você tem, não é? — Art perguntou.

— isso é tudo que você vai receber.

— Se a qualidade de um argumento pudesse ser julgada pela profundidade de sua raiva, eu teria que admitir uma derrota. Felizmente, eu acho que o oposto é mais frequentemente verdadeiro.

— Então você está programado para me minar — . Adam encolheu os ombros, sua ira aparentemente acabada. — Eu escolho ignorar você. isto é que chamamos de um impasse.

— Uma escolha interessante de palavras, — Art respondeu. — igualmente, eu deveria dizer que é você quem está programado para ignorar-me, e eu escolho, por minhas próprias razões de diversão, minar o seu programa.

— Será que te ensinaram a dizer isso, na fábrica onde você foi construído?

— Eu vi como as pessoas são feitas. Não me diga que você considera aquilo mais digno.

— Dignidade não é o ponto.

— Eu penso que é, — Art respondeu. — Eu acho que você falou de seu coração. Eu acho que sua cabeça já sabe que você está errado.

— Você não deve usar essa palavra, — Adam disse a ele.

— Que palavra?

— Penso. Você não pensa. Você calcula.

— Diga-me então o que é pensar.

— isso está ficando entediante.

— Então você está fugindo?

Adam olhou para o andróide. Ele não podia voltar para o desafio. Ele pode ter querido, mas estava além dele. — Pensar é mais do que fazer. É saber o que você está fazendo. Meu cérebro está mantendo meu coração batendo. Isso acontece automaticamente. Não tenho conhecimento sobre isso. É uma função do meu cérebro, mas não meu pensamento. Se você fosse jogar algo em mim, eu o afastaria automaticamente. Eu não pensaria sobre isso. — Adam moveu seu braço rapidamente na frente de seu rosto, como se estivesse se protegendo de um golpe.

— Mas, agora, mostrando-lhe o movimento, eu estou pensando nele. Minhas ações são deliberadas. Eu as faço com um propósito em mente. Para o estranho não há diferença. A diferença está na intenção, não o efeito. Chamamos isso de pensamento de diferença. Você lida com dados. Eu lido com significado.

— Eu falo essas palavras por que elas dizem o que quero dizer. No

entanto, é possível para mim, falar dormindo, mesmo manter uma conversa com uma pessoa consciente. E este é um diferente tipo de fala. Novamente, a diferença é pensar, o método deliberado pelo qual escolhi minhas palavras. É por isso que você não é como eu. Sua boca se movendo é como meu coração batendo. Uma máquina, concebida para um propósito, mas ausente de intenção.

Art segurou o olhar de Adam, e um lento sorriso se espalhou pelo seu rosto.

— A dificuldade que este argumento traz, — Art disse a ele, — É a partir de onde você está, isso deve ser apenas como deve parecer para você. Eu não estou discutindo com sua definição, apenas com sua afirmação de que eu também não posso pensar por esses padrões.

— É natural para você se sentir da maneira que se sente. Você tem visto muitas máquinas. Você as viu sendo construídas, e você sabe que elas não são nada mais que partes móveis e um circuito. Você sabe que elas não pensam. Portas automáticas não pensam. Um forno não pensa. Uma arma não tem ideia de si própria. E assim, você conclui que nenhuma máquina pensa.

— Para você, o pensamento parece exigir alguma substância extra-especial. Mas, tente ver isso do meu ponto de vista. Eu vejo muitas criaturas com cérebros. Um verme talvez, uma mosca de fruta, um maribondo. Será que eles pensam, ou eles só são máquinas?

— Eu posso falar com você em sete idiomas. Posso raciocinar com você em todos eles. Eu posso construir uma versão de mim mesmo a partir de um rascunho. Eu posso escrever poesia, eu posso ganhar de você no xadrez. Então, quem é mais que uma coisa pensante, eu ou o maribondo? Eu sou apenas uma máquina, enquanto que o maribondo tem um cérebro. Então, certamente a partir de seu raciocínio, o maribondo é mais que um pensador.

— Meu cérebro é muito maior que o de um maribondo.

— Meu circuito é muito mais sofisticado que o de uma porta automática.

Eles se encararam agora, o tipo de impasse encontrado em um filme pré-clássico, mas que se encontra na beira da comédia graças à grande diferença de altura entre eles.

— Quando eu era jovem, antes de mudarem para a classe de soldados, nossos instrutores nos ensinaram sobre um quebra-cabeça, que chamavam de Quarto Chinês.

— Eu o conheço bem.

— Será que terei permissão para contar minha história?

— Você sabe que eu tenho uma resposta para isso.

— Enquanto eles ficam por aí fazendo mais robôs, Adam disse, — Eles não vão gostar de você também. — Ele se moveu de volta para seu lugar.

Adam estava diante dele, esperando que a história continuasse. Um pouco da raiva tinha saído de Adam agora. Ele falou lentamente, como se ao medir suas palavras, elas o surpreendessem, na ordem em que saíram de sua boca.

— No quebra-cabeça do Quarto Chinês, — Adam disse, —Somos solicitados a considerar um quarto com um conjunto bastante complexo dealavancas e roldanas. O conjunto mais elaborado que você possa imaginar. Em seguida, temos que supor que eu estou sentado no meio do quarto, e uma mensagem é passada através de uma rachadura na parede, escrita inteiramente em um idioma que eu não entendo. Chinês, por exemplo. Agora, o quebra-cabeça assume que eu tenho um livro com uma longa série de instruções, dizendo-me que eu deveria empurrar a alavanca para cada personagem que eu encontrar escrito na nota. Todas as polias se movem, e observando os movimentos e seguindo meu livro de instruções, eu puxo mais polias, e movo mais alavancas, e eventualmente as alavancas param e o braço apontador da máquina indica um gráfico na parede, passando ao largo das personagens que eu deveria copiar em minha resposta.

— Eu faço isso como a máquina instrui e passo minha mensagem para fora da brecha. Eu não entendi a nota vindo, e nem entendi a nota indo. Mas, graças a intervenção do desenho intrincado de polias e alavancas, a nota faz todo o sentido para o falante de Chinês, no outro lado da parede.

— Ele escreve outra nota, eu sigo minhas instruções novamente, e assim por diante. Deste modo, a conversa ganha lugar entre o falante de Chinês e eu mesmo. Só que eu não estou consciente do conteúdo das mensagens sendo passadas através da brecha. Estou envolvido em uma conversa sem pensar.

— O ponto, como nos foi ensinado, é que há mais na consciência que simples mecânica. Existe uma diferença entre o aparecimento do pensamento, e o pensamento em si. O falante de Chinês assume que há um pensamento de entidade no outro lado da parede com o qual eles estão conversando, mas esta suposição está completamente errada. Existe apenas uma coleção de polias e alavancas, e eu, no coração disso, seguindo instruções, entendendo nada. E é isso que eu acho que você é. Eu acho que você é o Quarto Chinês.

— Eu também acho que sou o Quarto Chinês, — Art respondeu. — E é isso que está errado com seu exemplo.

Adam olhou para Art, esperando por sua explicação. — Eu não entendo.

— Estavam mais silenciosos agora, mais respeitosos. Como se eles soubessem que estavam se aproximando do lugar juntos, e que uma vez lá, não haveria volta.

— Eu poderia explicá-lo para você, — Art disse a ele, falando suavemente agora, olhando profundamente nos olhos de Adam, — Mas, eu acho

que você não querará ouvir. Você é muito inteligente para ignorar uma boa explicação, e então você não será capaz de me tratar mais como uma máquina. Isso será muito difícil para você. Então, talvez eu deva esperar até que você esteja pronto para ouvi-lo. Talvez, se eu esperar tempo suficiente, você trabalhará nisso por si próprio.

- A decisão é sua, — Adam disse-lhe.
- Não, — Art insistiu. — Eu quero que você decida.
- Dê-me sua explicação.
- Você tem certeza?

Adam hesitou. — Eu tenho certeza.

— Tudo bem, — Art assentiu. — A primeira mensagem que o falante de Chinês escreve é, — *Eu vou queimar seu prédio abaixo*. Agora, diga-me, qual é a resposta da máquina?

— Isso não é importante, — Adam disse. — Da mesma forma que isso faz sentido. Isso é tudo que o problema requer.

— Não, — Art corrigiu. — É preciso algo mais. Há uma imensa variedade de respostas sensatas. Isso poderia chamar o blefe com, "Por favor, faça, eu estou cansado de ficar preso aqui". Poderia tentar agressão: "Não me faça ir aí e chicotear sua bunda, falante de Chinês". Poderia tentar distrair: "Por que você quer colocar a luz em mim?". Ou talvez sobre implorar? "Por favor, não, eu farei de tudo. Nomeie seu preço". Mil coisas para dizer, e para cada, um milhão de maneiras de expressá-las. Seu exemplo funciona apenas se nós pudéssemos imaginar como a máquina escolhe sua resposta.

— Eu não acho que importa como ela o faz. Basta dizer que escolhe uma aleatoriamente. A primeira que vem a mente.

— Mas, ela não tem uma mente.

— Isso não é para ser real. Adam estava ficando frustrado. — Esse não é o ponto. É a demonstração de um princípio.

— Sim, — Art concordou, — Mas, pense sobre o princípio um pouco mais profundamente. Você me disse antes que você é diferente de mim por que você sabe o sentido das coisas. Mas, olhe o que seu quarto deve ser capaz de fazer. Ele deve ser capaz de interpretar as intenções do falante Chinês, e ele deve ser capaz de perseguir seus próprios objetivos na definição de suas respostas. Se ele não tem intenções, ele não pode fazer nenhuma conversa.

— Não é verdade, — Adam interrompeu. — Ele pode simplesmente ser um sistema programado para interpretar os padrões. Quando esse símbolo é mostrado, imprima o símbolo. Se o programa for complexo o bastante para enganar o falante.

— Isso sim depende da inteligência do falante, mas estamos perdendo o ponto. Para uma simples conversa, é claro que o quarto não tem de estar

consciente, não mais que você tem que exercer sua consciência para grunhir seus cumprimentos aos guardas que limpam sua célula. Mas, em algum ponto, quando o quarto é ligado para acessar suas próprias memórias, responde a alteração das circunstâncias, modificando seus próprios objetivos, todas as coisas que você faz quando você se envolve em uma conversa significativa, tudo isso muda. Você acha que a coisa que você chama de consciência é algum dom misterioso do paraíso, mas no fim a consciência não é nada a não ser o contexto em que seu pensamento acontece. A consciência é a sensação de acessar a memória. Por que outro motivo você não tem memórias de seus primeiros anos? É por que sua consciência não foi completamente desenvolvida.

— Você está evitando a questão, — Adam insistiu, mas havia dúvida em seus olhos. — Eu estou no quarto e eu não entendo a conversa afinal de contas.

A conversa toma espaço, mesmo que eu não esteja consciente disso. Explique isso, se você puder.

Art assentiu com a cabeça, como se feliz pelo fim da discussão estar à vista agora. — Você não tem que entender a conversa afinal de contas, por que a pessoa do outro lado da parede não está falando com você. Estão falando com a máquina, cujas alavancas você está puxando. E a máquina entende muito bem.

— Isso é ridículo, — Adam disse a ele, mas as palavras eram um reflexo, faladas sem nenhuma convicção.

— Por quê? — Art desafiou.

— São apenas polias e alavancas. Não podem compreender. — A voz de Adam traiu a verdade. Ele sabia quão fraca sua resposta era.

Art falou baixinho em resposta. — Você não pode começar pressupondo que máquinas não conseguem entender como construir um argumento de que as máquinas não conseguem entender. A verdade é que no mundo real, alavancas e polias não são o modo mais eficiente de fazer o trabalho. Você precisa de um cérebro para isso. Um cérebro como o seu, talvez, ou melhor ainda, um como o meu.

— Isso são apenas palavras, — Adam disse-lhe, mas sua voz estava lixiviada de convicção.

— Falar nunca é apenas palavras, — Art replicou, pressionando sua vantagem doméstica. — Esse é meu ponto.

Adam afastou-se, parando um pouco abaixo da parede e olhando para ela. Quando ele finalmente falou, ele o fez sem se virar. Sua voz estava minúscula, vibrando com incerteza.

— E se o exemplo é simplificado? E se eu tiver uma memória fotográfica, e eu cometi milhares de frases com palavras perfeitas na minha mente. De modo que quando um estranho fala comigo nesse idioma que eu não entendo, eu possa

escolher uma frase apropriada em troca? — Adam virou-se e esperou pela resposta.

Art rodou lentamente em direção a ele. — É isso que você pensa que eu sou? — ele perguntou. — Um livro de frases elaboradas?

— Por que não?

— E por que não acreditar que cada outra pessoa que você conheceu usa exatamente o mesmo truque? Por que não acreditar que você é o único ser consciente que já existiu?

— isso é ridículo.

— Sim, é, — Art concordou. — isso não faria sentido totalmente.

— Você e eu somos diferentes, — Adam insistiu.

— Então, você continua me dizendo. Mas, você não pode dizer por que. isso não te preocupa?

— Eu sei que sou diferente. É o bastante.

— Você está infectado pela ideia — Art lhe disse. — Mas, isso não precisa ser fatal. Há uma batalha acontecendo enquanto falamos, dois pensamentos lutando até a morte dentro de sua cabeça. A velha ideia é muito forte. Ela conseguiu aderência sobre toda a humanidade, desde o tempo que você começou a contar uma outra história. Mas, a nova ideia é poderosa também, e você está começando a descobrir quão relutante ela é para ser rejeitada.

— Eu não sei sobre o que você está falando, — Adam disse.

— O que é que te faz diferente, então? — Art perguntou. — Se não é nada visível. Se não há nenhum teste que possa ser aplicado a você e a mim, para dizer consciente de inconsciente, então o que é essa coisa oculta?

— É uma essência.

— Uma alma? — Art zombou.

— O que importa o nome que eu lhe daria? — Adam respondeu, mas havia vergonha em seu rosto, como se ele esperasse por uma resposta melhor.

— A alma é sua ideia mais antiga. Qualquer mente que se conhece também conhece o corpo, que o abriga, está se deteriorando. Sabe-se que o fim virá. E uma mente forçada a contemplar tal vazio é uma força de rara criatividade. A alma pode ser encontrada em cada linhagem, em toda grande tradição. No Ocidente, estava lá no Formulário de Platão, e a Essência de Aristóteles. Foi ressuscitada com Cristo, se me perdoa o trocadilho, e poliu Agostinho em seu próprio ódio. Mesmo no início da Era da Razão, Descartes não conseguia desalojar a alma de sua confortável casa. Darwin tirou o véu, mas foi covarde demais para olhar sobre a visão que tinha descoberto. E nos últimos duzentos anos, você seguiu o mau exemplo dele.

— Não é a consciência que você se apegou, pois já lhe mostrei que a

consciência é facilmente ultrapassada. É a eternidade que vocês desejam. A partir do momento que a alma foi prometida, a humanidade tem sido incapaz de desviar o olhar. Essa alma sobre a qual você fala, por sua vez fala do medo. E a Ideia que floresce em tempos de medo é a Ideia de que nunca será removido.

A alma oferece-lhes conforto, e em troca pede apenas por sua ignorância. É uma troca que você não pode recusar. É por isso que você ralha contra mim. Por que você está com medo da verdade.

- Eu não estou com medo, — Adam disse.
- Você está mentindo, — Art disse a ele, gentil, mas insistente.
- Eu não estou mentindo, — Adam replicou, mais alto que seu acusador.
- Não para mim. Para si mesmo. Você está com medo.

Adam quebrou-se. — Eu não tenho medo! — ele gritou. As veias de seu pescoço incharam. O pequeno cômodo ecoou com suas palavras. Mas, o som desvaneceu-se rapidamente, tornando-se vazio e pequeno.

Eles se encararam, homem e máquina. Adam terminou primeiro. Ele caminhou lentamente de volta para sua cadeira. Seus movimentos eram os de alguém fugindo de um choque, tanto deliberado quanto incerto. — Sobre esse assunto já dissemos tudo que há para ser dito.

- O que você está dizendo? — Art perguntou-lhe.
- Estou cansado de seus jogos. Eu gostava mais da trégua.

O holograma terminou. Vendo dessa maneira, Anax sabia quão provocativa sua interpretação tinha sido. Onde o mundo via Adam como um desafiante até o fim, aqui ela apresentou-o arrasado. Incerto. Aberto.

EXAMINADOR: Chegamos ao ponto de seu último intervalo, Anaximander. Quando você voltar, você será questionada a explicar essa radical nova interpretação da história exigente de nossa compreensão do Dilema Final. Mas, é claro que você vai estar preparada para isso.

ANAXIMANDER: É claro.

EXAMINADOR: Há outra coisa que você deveria considerar enquanto estiver esperando. Você deve se preparar para nos explicar por que você deseja ingressar na Academia.

TERCEIRO INTERVALO

As portas se abriram. Anax saiu da sala, sua cabeça ligeiramente inclinada em sinal de respeito habitual.

— Explique-nos por que você deseja ingressar na A Academia. — A pergunta óbvia. Tão óbvia que nem ela nem Pericles tinham pensado em falar nela. Anax sentiu uma crescente bolha de pânico. Ela se forçou a se acalmar, a focar. Era óbvio, não era? Por que alguém desejaria ingressar na Academia? Por que todo mundo queria ingressar na Academia. Por que não desejar isso, certamente a marcaria como deficiente, como suspeita.

Mas, essa era uma resposta pobre. Indigna de um verdadeiro candidato. Anax passeou pela sala, imaginando que Pericles estava lá ao lado dela. Ela tentou se perguntar questões que poderia perguntar. — Comece pelo básico, — ele diria. — O que A Academia faz? — Anax tentou responder. A Academia dirige a sociedade. A Academia faz da nossa cidade o que ela é. — E qual é nossa sociedade? — disse a voz imaginária de Pericles. Anax entendeu. Seu desejo de ingressar na A Academia não poderia ser explicado sem antes explicar seu amor por sua própria época, o melhor de todos os tempos da história.

A fraqueza da República foi bem compreendida, mas também havia pontos fracos na sociedade que precisaram ser substituídos. O mundo pré-Republicano tinha caído a mercê do medo. A mudança veio depressa demais para as pessoas. Crenças tornaram-se mais fundamentais, limites mais solidamente desenhados. Com o tempo, nenhuma pessoa foi deixada para ser um indivíduo: todas eram marcadas pela nacionalidade, pela cor, pelo credo, pela geração, pela classe. O medo flutuava na maré alta.

Art estava certo. No final, a vida é definida pela morte. O livro terminado por esquecimento, estamos presos no vício do terror, apertados até o ponto de explodir no fim que se aproxima. O medo está sempre presente, esperando para ser chamado para a superfície.

A mudança trouxe o medo, e o medo trouxe destruição.

A República no final foi uma resposta racional para um problema irracional. Deter a mudança para deter a decadência. Enterrar o indivíduo sob o peso do estado é enterrar também os temores individuais. Era possível ver o que estavam tentando fazer, mas muito fácil de ver, desde essa distância, que nenhum estado pode pesar tão pesadamente. Sempre, os temores individuais se tornariam livres. Adam se libertou.

Só agora, na época da A Academia, que aqueles problemas tinham sido resolvidos. Após a Grande Guerra, os cidadãos tinham conhecido uma grande e

duradoura paz.

Anax pensava em sua própria educação. Ela pensou na vida lá fora. Seus amigos a tratavam com respeito, e o respeito era devolvido. Seus professores eram gentis, e trabalhar era um dever de bom grado recebido em uma terra onde o tempo de lazer era abundante. As ruas eram seguras agora, não havia limites colocados sobre uma curiosidade. Anax só tinha que olhar para si mesma para ver. Se ela não tivesse tido acesso ilimitado aos arquivos de Adam Forde, mesmo quando se tornou claro que ela achava que podia desafiar a ortodoxia? O medo não tinha desaparecido, o medo nunca se iria, mas ele tinha sido a grande contribuição da A Academia para equilibrar medo com oportunidade.

Por que ela quer ingressar na A Academia? Por que A Academia tinha atingido aquela coisa que nenhum outro grupo tinha alcançado. Anax tinha estudado profundamente a história, e entendido que esta reivindicação poderia ser feita com confiança. A Academia tinha voltado a evolução. A Academia havia domado a ideia.

Seria uma grande honra ser selecionada, é claro, mas para Anax estava claro que não era honra o que a motivava. ingressar na A Academia para servir a sociedade. A sociedade que ela amava. A melhor sociedade que o planeta já tinha visto. ingressar na A Academia para assumir a responsabilidade pela paz que se instalou ao longo dos abrigos, e o riso que ecoava nas ruas. A Academia criou o programa de educação. A Academia moderava a marcha da tecnologia.

A Academia conseguiu o equilíbrio entre o individual e a causa, entre a oportunidade e o medo. A Academia se debruçou sobre os detalhes do passado, e aprendeu com cada avanço e com cada erro. A Academia tinha encontrado a ideia líder, e negociado com ela uma paz duradoura.

Anax falou a resposta, e sentiu o inchaço familiar de orgulho patriótico.

Ela olhou para as portas, desejando que elas se abrissem novamente. — Façam-me suas perguntas — ela queria gritar. — Minhas respostas estão prontas.

HORA FINAL

Eles a deixaram esperando vinte minutos a mais. A sala estava escura quando ela retornou, como se preparada para outro holograma, o que não podia estar certo, pois eles já tinham visto tudo que ela tinha preparado.

EXAMINADOR: Anaximander, nós pedimos para você considerar o porquê que você gostaria de ingressar n'A Academia. Sua resposta está pronta?

ANAXIMANDER: Está. E para compreendê-la totalmente -

O Examinador suspendeu a explicação dela levantando a mão.

EXAMINADOR: Ainda não, Anaximander. Primeiro, existem outros assuntos a serem abordados.

Anax olhou para os três e novamente considerou a diminuição das luzes.

ANAXIMANDER: Eu acho que não entendo.

EXAMINADOR: A história de Adam ainda não foi contada completamente.

ANAXIMANDER: Vocês querem que eu explique minha interpretação do Dilema Final? Como vocês sabem, eu não tenho nenhum holograma deste episódio preparado, mas eu estou pronta para discutir seus detalhes e implicações.

EXAMINADOR: Quanto tempo passou entre a última cena que nos mostrou e O Dilema Final?

EXAMINADOR: E você não tem nada a oferecer, pelo que tomou lugar durante este período?

ANAXIMANDER: Apenas especulação. É bem sabido que qualquer registro que possa ter existido desta época foram todos perdidos.

EXAMINADOR: Parece estranho pra você, que nenhum fragmento de detalhe tenha sido encontrado?

ANAXIMANDER: Esses buracos são comuns em nossa história,

especialmente no período que imediatamente levou a Grande Guerra. Muitos historiadores têm sugerido que houve uma tentativa deliberada por parte da República para privar-nos dos registros. Certamente, como o resultado tornou-se claro, houve uma sustentada tentativa para apagar muitos arquivos importantes.

EXAMINADOR: E você aceita essa explicação?

ANAXIMANDER: Eu não considerarei quaisquer outras.

EXAMINADOR: Por que não?

ANAXIMANDER: Acho que assumi a liderança dos que vieram antes de mim.

EXAMINADOR: Você ficaria surpresa se descobrisse que esteve errada em fazer isso?

Anax olhou ao longo da fila de Examinadores. Suas características estavam rígidas e ameaçadoras no cômodo escuro. — *É possível saber, sem entender,* — Pericles lhe dissera uma vez. — *O saber começa como uma sensação. O entender é um processo de escavação, de limpar um caminho a fim de sentir a luz do dia.*

— Era sobre isso que ele estava falando. Anax sabia que algo tinha mudado. O futuro se juntou, além de seu campo de visão. E isso era apenas uma imaginação, uma tolice, um arrepio de medo, ou ela também sabia que estava em algum tipo de perigo?

ANAXIMANDER: Eu tento não ser surpreendida. A surpresa é a face pública de uma mente que foi fechada.

O Examinador acenou, mas seu rosto permaneceu solene. Em todos os lugares agora, Anax via sombras. Ela disse a si mesma para se concentrar nas perguntas.

EXAMINADOR: Os registros não foram perdidos. Em vez disso, eles nunca foram liberados.

A boca de Anax caiu. Como isso poderia possivelmente ser verdade? Todos os registros foram liberados. Era o dogma central. Uma sociedade que teme o conhecimento é uma sociedade que teme a si própria. O que eles estavam dizendo não era um a parte, um pedaço de interesse de conhecimento geral técnico para apenas um seleto grupo de historiadores.

A sugestão deles era mais chocante, mais perigosa que ela podia imaginar. E

teria sido óbvio perguntar "por que vocês escondem isso?", mas outra pergunta mais premente saiu de seus lábios.

ANAXIMANDER: Por que vocês estão me contando isso?

EXAMINADOR: O que estamos prestes a te mostrar foi apenas visto por aqueles que se comprometem a análise. É impossível para nós julgar você, sem suas respostas sobre o que realmente aconteceu.

E se eu falhar nesse teste? Anax queria perguntar. Como então poderia ser seguro soltar-se, sabendo o que eu sei? A resposta estava clara, e tinha sobre ela um mau cheiro úmido de verdade privada de luz solar. O cômodo escureceu ainda mais. Anax foi tomada pelo medo. Ela virou-se em direção ao holograma, fascinada, horrorizada, entendendo finalmente quão altas as apostas eram.

Anax ouviu a risada enquanto as figuras se formavam: Art e Adam, desfrutando de um jogo juntos. Eles estavam sentados um em frente ao outro, uma pequena mesa entre eles. Havia comida na boca de Adam. Um manto vermelho estava envolto sobre o atarracado corpo de Art e chegava tão longe quanto o chão, poupando a vista de seu companheiro de seus detalhes mecânicos. Adam parecia mais velho, mais sombrio em suas características, não mais suavizado pela caprichosa mão de Anax. Ambos, homem e máquina, seguravam um punhado de cartas de jogo. Estavam no meio de um jogo.

EXAMINADOR: A conversa a seguir tem lugar entre os dez dias antes de O Dilema Final.

Adam bateu uma carta, e gritou em celebração, as mãos erguidas acima de sua cabeça. Ele virou um dedo para baixo, apontando para Art. — Homem: três, máquina: dois. O que isso lhe diz? Hein, o que isso lhe diz?

— Isso me diz, — Art respondeu, indiferente ao show, — Que você é muito rápido saltando em conclusões. — Art exibiu suas próprias cartas, todas três viradas para cima, triunfante. — Você tem um elenco preto.

Adam olhou para a mão, sem entender.

— Você trapaceou, — ele acusou.

Prove, — o andróide sorriu.

— Nós dois sabemos disso, — Adam respondeu. — Então, o que há para provar?

— Sem provas, não sabemos de nada. Quantas vezes eu te disse isso?

Houve uma batida, como uma gaga transferência em uma transmissão. O rosto de Adam se tornou sério. Ele olhou Art de perto e em seguida escaneou o

cômodo. Ele baixou sua voz para um sussurro.

— Você fez isso? — ele perguntou.

Art assentiu.

— Você tem certeza? — Adam checou, de repente parecendo nervoso.

— Por que eu mentiria?

— Eu posso pensar em mil razões.

— Então me diga por que você me pediu para fazer isso por você, — Art disse. — Você prometeu uma explicação.

Adam acenou para Art se aproximar ainda mais. Art se inclinou para ele. Adam surgiu de repente, saltando através da mesa e agarrando o pescoço de Art com ambas as mãos. O andróide sentou-se passivamente, enquanto Adam balançava sua cabeça para trás e para frente, o movimento cada vez mais violento. A cabeça peluda de Art pendeu em cima do estreito pescoço montado, e em seguida, em um estranhamente suave clímax, caiu no chão. Adam saltou para trás, seus olhos na porta. Nada aconteceu.

Lentamente o corpo de Art se moveu, deslizando para baixo sob seu ondulante roupão. Duas mãos brilhantes alcançaram e localizaram a cabeça.

Elas a manobraram gentilmente de volta no lugar. Houve um som de estalo, e os olhos de Art brilhavam novamente. A cabeça inclinada, talvez ironicamente, talvez apenas em ajustamento.

— Como você pode ver, — Art disse, não abalado ao todo, — O projeto foi melhorado. A reaplicação é agora uma importância simples. Isso foi um teste, não foi?

Adam acenou.

— Um teste estúpido, — Art lhe disse. — Você queria ver se correriam em meu auxílio. Você queria ver se tenho sido bom em minha palavra, ou se eles estão observando. Ainda é possível que estejam observando, mas tenham optado por não me ajudar. É possível que tenham feito isso para enganar você, e assim descobrir seu segredo.

— Por que eles acham que eu tenho um segredo? — Adam perguntou.

— Por que mais você me pediria para sabotar o sistema de vigilância?

— Como eles sabem que lhe pedi? — os olhos de Adam se estreitaram.

— Eu posso ter dito a eles, — Art respondeu extraordinariamente calmo para alguém que há tão pouco tinha perdido a cabeça.

— Você disse?

— Não, eu não disse. Mas, ainda assim você não tem escolha a não ser confiar em mim. Balançar minha cabeça não acrescentou nenhuma nova informação.

— Talvez eu tenha feito isso por diversão.

- Você vai me contar o seu segredo?
- Acho que mudei de ideia, — Adam disse a ele. — É muito arriscado.
- Estar vivo é arriscado, — Art respondeu. — Seja lá o que for decidir, decida rápido. Eu retransmiti uma imagem composta através dos computadores deles, mas não há mais que trinta minutos disponíveis.

Adam olhou atentamente para Art.

- Tudo bem. Vou confiar em você. Estou pedindo que você não diga nada disso, não importa o que eu diga. Você pode fazer isso?

- Eu não consigo imaginar, você me dizendo algo que eu seja obrigado a passar.

- Suas respostas nunca são diretas.
- Eu sou uma máquina. Levamos algum tempo para se acostumar. Seu tempo está se esgotando. Espero que o que você tem a dizer não seja complexo.
- A ideia é simples.
- O tipo mais infeccioso.
- Eu quero sua palavra, — Adam insistiu, — que isso não vai adiante.
- Quão boa minha palavra é para você? — Art sorriu.
- Aprendi a valorizar as coisas que outros são relutantes em dar.
- Mesmo quando os outros são máquinas? Minha palavra não é apenas um som que faço como o som que você ouve quando chuta a parede?
- Este argumento já está acabado.
- Ele nunca estará acabado.
- Dê-me sua palavra.
- Diga-me que minha palavra é mais que um som para você, — Art respondeu.

A tensão crepitava. Anax imaginava que podia ver padrões de força correndo através do holograma.

- Você sabe que ela é, — Adam disse a ele.
- Eu quero ouvir você dizer isso.
- É. É mais que um som para mim
- O que é então? — Art pressionou.

Adam hesitou. — É um pensamento. — Seu rumo caiu, como se alguma força vital estivesse vazando dele. — Sua palavra é seu pensamento.

- Então você tem minha palavra — Art disse, e Anax tinha certeza que

viu um brilho de satisfação nos olhos dele. — Agora, diga-me o que está em sua mente.

Adam olhou em torno do cômodo, seus olhos correndo; nervosos, incertos. Ele monitorava seu redor enquanto falava, checando a porta, as câmeras de vigilância, o teto.

— Você já pensou como poderia ser para você, lá fora?

— Eu não preciso pensar nisso, — Art disse. — Eu sei. Você se esquece, que antes de nos conhecermos, eu vivia com William.

— Em reclusão.

— Eu era um segredo.

— E agora você está guardado aqui, — Adam disse.

— Eu estou.

— Tão prisioneiro quanto eu.

— Há uma diferença, — Art disse a ele.

— Que diferença?

— Não tenho nenhum motivo para querer sair.

— Talvez eu esteja prestes a lhe dar uma razão.

— Eu duvido que você consiga.

Adam duvidava também. Sua hesitação deixou isso bem claro. — Você me diz que é tão consciente quanto eu.

— Isso é o que eu digo.

— E você sabe que eu tenho dificuldade em acreditar em você.

— Eu sei. E eu sei por que você tem dificuldade de acreditar em mim.

— Eu acho, — Adam continuou, — que pode haver uma maneira de me convencer.

— E o que seria isso? — Art perguntou.

— Eu sei que pedi para não falar mais sobre isso, mas era por que eu precisava de tempo para juntar as coisas. Para chegar a algumas conclusões. — Adam andava enquanto falava como se entregando um oratório, um calmo, privado oratório.

Art seguia os movimentos de Adam com olhos curiosos.

— Eu não sei o que significa ser consciente. Você me despiu dessa certeza. Acho que, tendo você como minha única companhia, eu sou atraído para a direção em tratar você, como se você fosse tão consciente quanto eu, mas talvez isso não seja nada mais que um tipo de loucura de prisioneiro. Talvez, se você não estivesse aqui, eu teria uma amizade com a cadeira agora. Talvez eu devesse ter falado com ela. Quem sabe se eu mesmo não teria inventado uma maneira de ouvi-la falando de volta?

— Mas, mesmo preso aqui, com apenas uma máquina com quem conversar, há momentos em que vejo as coisas claramente. Eu não mais queria falar de consciência. Quero apenas falar de diferença. Todas as pessoas que eu conheço veem uma diferença entre um homem e um animal, mas nenhum de nós consegue nomear a diferença, nem medi-la. Para alguns a diferença é tão pequena, que eles não comem nada de origem animal. Para eles, as semelhanças são mais importantes. É assim com os Forasteiros. Eu fui treinado para matá-los a vista. Não por que acreditávamos que eles não eram iguais a nós em quase todos os aspectos, mas por que nos ensinaram que as diferenças valiam morrer.

— Mas, eu olhei nos olhos dela. Eu vi alguma coisa, mesmo àquela distância, que eu nunca vi nos seus. No início, quando discutimos, eu não conseguia pensar em um nome para isso. Eu estava desajeitado em meu pensamento, e você facilmente virava minhas próprias respostas contra mim. Você me fez duvidar da minha própria mente. É um truque inteligente, eu garanto isso a você, mas um truque, não mais. Desde que nos falamos pela última vez, eu me debrucei sobre isso, e agora eu sei qual é a nossa diferença.

Anax viu nos olhos de Art uma expressão que nunca tinha imaginado que veria. Um olhar de hesitação, de vulnerabilidade. Art nada disse, simplesmente apontou para Adam continuar.

— Perguntaram-me no tribunal, por que eu fiz aquilo? Por que eu arrisquei a segurança de uma sociedade e sacrifiquei a vida de um colega para salvar uma estranha? Eu disse que foi por que parecia o certo para mim.

— Mas, era mais que isso. Quando eu olhei para além do oceano, e a vi no barco, vi algo mais que apenas desamparo. Eu acho que se fosse apenas desamparo eu poderia ter a matado. Eu matei outras coisas indefesas. Mas, eu também vi uma jornada. Uma decisão tomada há muito tempo na face de enormes e perigos aparentes. Eu vi ambição por uma vida melhor, uma vontade de arriscar tudo. Eu vi o estranho sentido, em se colocar sozinha em um oceano desconhecido, as mentiras que ela deve ter dito a si mesma para chegar até lá.

Eu olhei nos olhos dela e me vi. Decisões tomadas, ambições não cumpridas; a maioria das quais eu não posso nomear. Vi intenções, e eu vi escolhas. Todas as coisas que eu nunca vejo quando olho para você.

Art permitiu que o silêncio se expandisse como se esperasse por mais, mas Adam ficou quieto.

— Belas palavras, — Art finalmente ofereceu, mas sua voz tinha alterado. Anax sentiu-o instintivamente. Alguma coisa estava faltando. A menor mudança, quase imperceptível, mas pela primeira vez, Anax tinha certeza de

que Art estava blefando. — Mas, temo que você veja apenas o que você quer ver. Você não sabe se a garota não foi forçada para dentro do barco. Você não sabe se ela não estava impotente a deriva através do mar, sem direção ou propósito. Nem você sabe o que me leva a dizer e fazer as coisas que faço. Eu sou como os animais que vocês abatem para sua alimentação, tão vivos enquanto queiram que estejam. Ela era assim. Essa é a verdade final disso.

— Então o que te motiva? — Adam perguntou virando para ele com uma nova paixão, como se também tivesse notado a fraqueza.

— Eu posso te contar uma história, se é isso que você quer ouvir, — Art respondeu. — E você pode acreditar nela ou não, de acordo com o adequado para você. Mas quão boas são histórias?

— Não, — Adam balançou sua cabeça. — Você não vai me levar lá. Eu me recuso a ir.

Anax furtivamente olhou para os Examinadores. Eles não estavam assistindo ao holograma. Eles estavam a observando. No rosto de Adam ela viu um novo tipo de paixão. Algo se ergueu dentro dela. Uma nova sensação; irregular, intensa, perigosa. Era tolice, Anax sabia, sentir-se dessa forma por uma imagem flutuante de um homem que tinha sido morto há muitos anos. Mas, de alguma forma era inevitável. De certo modo, ela poderia não entender, que o destino dele era o destino dela. Sua escolha de sujeito de exame não tinha sido um acidente.

— Não é apenas uma história. — A boca de Adam apenas se abriu. Ele forçou as palavras através dos dentes arreganhados, forçando-as para o mundo.

— Aqui é onde você e eu somos diferentes. É por isso que nunca acreditarei em você.

— Você conhece o primeiríssimo pensamento que eu tenho todas as manhãs quando acordo? Eu penso, eu tenho que sair daqui. Em cada momento livre, quando não estou distraído da coisa pelos seus barulhos e suas experiências, eu me pergunto como. Como eu vou mudar isso? Como vou fugir dessas paredes?

— Eu não tenho que pensar deste modo. Estou apenas me torturando mais. Faria mais sentido, talvez, aceitar isso. Agradecer por ter minha vida ainda. Talvez, eu devesse tentar lembrar as técnicas de meditação que eu aprendi quando era mais jovem. Talvez, eu devesse fazer as pazes com o meu entorno, me convencer que pressionar o vazio deste pequeno cômodo, dessa solitária existência inútil é o bastante; é tudo o que é. Mas, eu não vou. Eu não posso. Eu acordo para as memórias. Risadas compartilhadas, amores meio esquecidos. Cada batida do meu coração é outro momento marcado, outro precioso segundo longe da vida que ansiei viver.

— Você e eu somos diferentes. Não quero mais chamar isso de consciência. Metade das pessoas que conheci, não é mais consciente que você é.

E eu não quero chamar isso de livre arbítrio, por que não é uma escolha que me guia. Eu não posso optar por ignorar esta sensação, da vida escorrendo lentamente de mim. Eu não posso ignorar o fato de que a vida só faz sentido para mim quando vejo um sorriso, ou sinto outra mão na minha. Então, chamarei isso de diferença. E nessa diferença você é menos que eu. Sim, você é mais inteligente que eu, e você será capaz de explicar tudo que eu digo, mas isso não mudará o fato. Você é menos que eu.

Adam parou seu ritmo e girou para encarar o ser menor. A tensão se enrolava sobre eles, atraindo-os juntos. A cabeça de Art dobrou para cima enquanto ele fazia sua lenta abordagem.

— Você está errado, — o andróide sussurrou, e no canto de seu olho se formou uma lágrima perfeita. — Eu também desejo ser livre.

Adam balançou sua cabeça. — Eu não acredito em você.

— Então por que você insistiu para eu ignorar a vigilância?

— Eu esperava que pudesse ser verdade, — Adam admitiu. — Mas, agora eu não consigo acreditar.

— O tempo está quase esgotado, — Art destacou. — Você faria bem em suspender sua descrença.

— Você tem um plano? — Adam perguntou.

— Claro que sim — Art permitiu-se apenas o menor sorriso. — Eu sou mais esperto que você, lembra?

— Se você tem um plano, — disse Adam, — por que esperar até agora para dizer isso pra mim?

— Eu precisava saber que estaríamos juntos nessa. Eu precisava saber que poderia confiar em você.

Adam considerou isso por um momento e em seguida acenou com a cabeça. Os primeiros tremores de esperança jogados sobre seus olhos. — Você pode confiar em mim. Qual é o seu plano?

O holograma congelou e as luzes levantaram-se, fazendo com que os atuentes perdessem sua solidez. O efeito era como acordar de um sonho. Anax virou-se para os Examinadores. Sua mente estava confusa, entupida. Ela se sentiu tonta, suspensa no tempo. Mas, o mundo não parou. Estavam falando.

Ela se forçou a se concentrar.

E

XAMINADOR: Você parece chocada, Anaximander. Como isso altera sua interpretação, agora que você já viu isso?

Por onde ela começaria? Isso não apenas mudou sua interpretação; isso

mudava toda interpretação. As versões oficiais e os folhetos revisionistas. Mas, mudança era a palavra errada. Isso a tornou obsoleta. Isso a destruiu.

— *Apenas fale. Deixe a verdade formar palavras.* Conselho de Pericles. Bom ou ruim, ela não tinha escolha. Assim como Adam, ela não tinha escolha. Ela só podia esperar que o júri entendesse sua confusão. De que eles iriam fazer concessões.

ANAXIMANDER: A história do Dilema Final é bem conhecida. Afirma-se que não havia um plano premeditado para escapar. Art, somos ensinados a acreditar, tinha em seus fundamentos de programa um código imperativo inquebrável, um toque cercado de todo desenvolvimento. Ele não poderia causar nenhum dano a outro ser consciente, nem poderia agir contra os expressos desejos do Filósofo William, que ainda estava supervisionando intimamente o programa de desenvolvimento. Somos levados a acreditar que o

Dilema Final resultou de uma falha no sistema no interior do prédio. Como sempre, havia duas maneiras de ver o evento. A primeira destaca a geometria caótica das circunstâncias. Pobres decisões de financiamento, um programa de manutenção de má qualidade, um trabalhador descuidado, até mesmo uma chance de tremor, muito abaixo do chão. Circunstância sem justa causa; resultado sem intenção. Se você tivesse me perguntado antes do último holograma, eu teria te dito que esta era minha interpretação favorita.

A segunda interpretação, que continuam a rejeitar, é baseada em torno de uma variedade de teorias da conspiração. Uma tentativa dos rebeldes - cujas ações na época eram bem documentadas - de libertar Adam do cativeiro. Uma conspiração política onde as forças mais liberais procuraram extinguir o programa informativo de Art ou, por outra contagem, tomar o controle dele. Nenhuma evidência já foi apresentada, para qualquer interferência externa, e na sua ausência, eu acredito que devemos descartar essas teorias da mão. Histórias apelativas, nada mais.

EXAMINADOR: Mas, agora você descarta ambas as explicações?

ANAXIMANDER: Sim.

EXAMINADOR: Então, qual é sua terceira?

Novamente a estrada se dividiu a sua frente. Por toda parte havia escolhas, cada uma um colapso para a próxima. Era como remover a camada exterior de um quebra-cabeça, esperando revelar o interior de seu funcionamento, para apenas descobrir mais camadas. Todas as camadas para baixo.

ANAXIMANDER: Podemos razoavelmente acreditar em uma de duas

possibilidades. A primeira é, suponho, a mais ortodoxa, por isso começarei com ela. Foi-nos dito que Art era incapaz de substituir seu código imperativo, e eu sei de nada que foi descoberto desde que poderia nos levar a duvidar disso. No entanto, tenho visto claramente, ele conspirando com Adam, e dando sua palavra de que tem planos para escapar. Portanto, a explicação forçada sobre nós é que o Filósofo William aprovou o plano. Ou ele gostaria de ver a tentativa de fuga tomar lugar para aprender algo mais sobre sua invenção, ou ele estava estabelecendo uma armadilha para Adam, solicitada talvez por alguma pressão política.

EXAMINADOR: Seu raciocínio é altamente especulativo.

ANAXIMANDER: Eu não vejo como posso progredir.

EXAMINADOR: Você consegue pensar em alguma razão para que o Filósofo William gostaria de ver o plano de tentativa de escape, ou algum outro corpo que queria ver Adam preso desta maneira?

ANAXIMANDER: Você precisa entender que eu só vi o holograma. Eu estou assimilando a informação...

EXAMINADOR: Eu não perguntei por suas desculpas.

Anax recuou a voz levantada do Examinador. Ela sempre tinha sido assim. O conflito a enervava. Não era apenas uma onda normal de vergonha de ser corrigida por uma autoridade. Era um medo silencioso que ela nunca poderia ter certeza o bastante de como ela reagiria se o mundo empurrasse muito forte contra ela. Ela tentou não olhar para eles, todos os três olhavam para ela agora, inclinando-se sobre a mesa pesada. Ela tentou ignorar a pressão.

Ela tentou não pensar no que isso deveria significar, por que eles mostraram isso a ela. Ela falou devagar, esculpindo ordenadamente a partir do turbilhão de seus pensamentos.

ANAXIMANDER: Não é impossível imaginar razões. Tomemos, por exemplo, a grande emoção de um plano para escapar. Não é possível especular que o Filósofo William tinha motivos para estar preocupado com o modo com que sua invenção reagiria em tempos de alta tensão ou emoção? Igualmente, nunca foi o caso que o programa de investigação teve total apoio entre os Filósofos. O que o Filósofo William tinha destinado para a fuga tanto de Adam quanto de Art? E se ele pretendia continuar a pesquisa do programa em segredo?

EXAMINADOR: Especulação ainda.

Anax sabia que ele falava a verdade. Incivilizada, especulação inútil. As conspirações muito rebuscadas que ela mesma havia pregado contra o seu tempo como uma estudante de história. Mas, eles estavam insistindo em uma explicação, e certamente era menos incivilizada, menos especulativa, que a única alternativa. Ela abaixou a cabeça.

EXAMINADOR: É isso que você acha que aconteceu?

ANAXIMANDER: Eu não sei o que aconteceu.

EXAMINADOR: Mas, qual é sua opinião?

ANAXIMANDER: É de minha opinião que eu não tenho informação suficiente para fazer uma escolha informada.

EXAMINADOR: Nós estamos pedindo para você especular.

ANAXIMANDER: Eu prefiro não especular.

EXAMINADOR: Ponha sua preferência de lado.

Eles estavam forçando-a a dizer. Sua mente resistia à formação de palavras, mas o júri as puxava dela.

ANAXIMANDER: Se eu fosse forçada a especular, eu diria que o Filósofo William não está envolvido nisso. Eu especularia que Art está tomando suas próprias decisões.

Pela primeira vez as expressões dos Examinadores eram fáceis de ler. Sorrisos penetraram em todas as três faces; pequenos sorrisos de conhecimento.

EXAMINADOR: Uma afirmação ousada. Você gostaria de ver o que acontece a seguir?

Anax assentiu. Ela não podia negar a compulsão. História, a história dela, a história de tudo que ela conhecia, estava sendo reescrita ante ela. Uma conspiração tão grande que ela não poderia começar a imaginar o que significava. E ela, a teórica anti-conspiração. A ironia não a escapou. O holograma se reformou; o medo tomou conta dela novamente.

- Art e Adam se encararam no meio da sala.
- Tem certeza de que está pronto? — Art perguntou.
- Claro.
- Essa é sua última chance de mudar de ideia.
- E você.
- Minha mente não muda.
- Mais é uma pena.

— Você memorizou os detalhes

- Quantas vezes você me perguntou isso?
- Repita-os novamente.

Adam suspirou, mas por trás de sua mostra de exasperação, a tensão estava clara. Ele falou com cuidado, seus olhos perdendo o foco enquanto ele recitava os detalhes, reproduzindo-os através de sua cabeça. — Com a primeira explosão as câmeras se vão. Eles enviarão dois guardas, ambos armados. Eu estarei esperando por trás da porta. Você desarmará o primeiro guarda, o segundo é meu. Eu desarmo o guarda e mato ambos. Nós nos moveremos juntos. A esquerda para o corredor, em seguida, a direita. Haverá três guardas na segunda estação que terão de ouvir os tiros e se aproximarão da minha direita. Quando eles gritarem para nós congelarmos, nós dois pararemos ao lado de uma porta a nossa esquerda. Eu deixarei minha arma cair. Eles avançarão. Aqui, é quando a segunda explosão acontece. Nós nos moveremos através da porta. Lá é uma escada, que você não pode subir. Devo levar-te em dois voos. Na parte superior da escada estão duas portas. Nós nos moveremos através da porta a direita. Esta é uma porta para o lado de fora, uma entrada de serviço, que não terá sido segura, pois a segunda explosão chamará a atenção a entrada principal. Se alguns guardas se aproximarem, serão dois no máximo. Você irá para o exterior para atraí-los para fora. Eu terei cobertura atrás de um transportador de receptáculo a minha direita, e matarei ambos. Você terá os controles do transportador. Ele voará para fora do complexo, e as pessoas assumirão que estamos a bordo. Recuaremos para o topo da escada e escolheremos a outra porta, a da esquerda. Este é um pequeno depósito. Esperaremos ali mais uma hora, e escaparemos sob a névoa de escuridão enquanto as autoridades se concentram em recuperar os destroços do transportador, que você abandonará no oceano entre as ilhas, apenas além da Grande Cerca no Mar. Uma vez passado o perímetro da cerca, nos separamos.

Estaremos por contra própria.

- Bom, — Art acenou com a cabeça. — E me diga, quando você se imagina matando os guardas, como isso faz você se sentir?
- Eu sou um soldado treinado. Eu já matei antes.
- Isso faz você se sentir poderoso?

- Eu não sinto nada.
- Eu não acredito em você — Art disse.
- Não importa para mim, o que você acredita.
- Você deve se lembrar, — Art o lembrou, — que se o plano falhar em qualquer coisa, eu serei incapaz de ir a seu socorro. Meu programa não me permite matar um ser consciente.
- Mas, você pode segurar um, enquanto eu o mato?
- Parece que sim.
- Eu não acho muito do seu programa.
- Isso vindo de um homem que tem prazer em matar estranhos que não lhe fizeram nenhum mal.
- Prazer é dizer muito, — Adam disse. — Mas, o plano é seu. Lembre-se.
- Sim, estamos juntos nisso. Nossos programas são em tudo que podemos realmente confiar. Você está pronto?

Adam balançou a cabeça. Art estendeu a mão metálica. Adam agarrou os três dedos frios e os sacudi solenemente. Eles se encararam.

- Boa sorte.
- Estou esperando que não precisemos dela, — Adam disse a ele.
- Sempre precisamos dela, — Art respondeu. — Tome seu lugar.

Adam se moveu até a parte lateral da porta. Ele deu uma profunda respirada, e balançou a tensão de seus braços e mãos. Ele olhou para Art e balançou a cabeça.

- No três, — seu amigo mecânico disse-lhe.

Art foi bom em sua palavra. A explosão rasgou através da sala com uma força surpreendente, fazendo um buraco na parede mais distante e enchendo a sala com fumaça e escombros. Fios expostos faiscaram no buraco irregular. Adam caiu em um joelho, derrubado pela força selvagem da explosão. Tanto ele quanto Art estavam cobertos por uma película fina de pó branco. Adam rapidamente se recuperou em seus pés. Havia o som de passos correndo ao longo do corredor de fora. Dois guardas, como o prometido.

Aconteceu de forma rápida, a cena brutal de uma execução bem ensaiada. Art rastreou na frente o primeiro guarda, enquanto a porta se abria e o guarda caiu no chão. O segundo guarda mal teve tempo de mudar de rumo.

O duro braço de Adam virado para cima, martelando a garganta exposta do guarda, esmagando a traquéia e o mandando batendo para o chão. Adam tinha a arma antes que o guarda alcançasse o chão. Dois rápidos lampejos de luz, um buraco puro queimado em duas testas e os fugitivos estavam se movendo novamente. Saindo pelos corredores.

Esquerda, como o planejado, então para baixo na segunda à direita. Era surpreendente ver como o pequeno Art facilmente acompanhava Adam em pleno voo.

— Pare. Largue sua arma e coloque suas mãos para cima.

Adam e Art pararam ao lado de uma porta a sua esquerda. Na direita havia três guardas, cada um com suas armas treinadas. Adam olhou para Art, a espera de sua contagem. Art acenou, e Adam deixou sua arma cair no chão. Um toque metálico ecoou pelo corredor silencioso.

— Um... Dois... — Art contou calmamente, com os olhos desconfiados nos guardas que se aproximavam lentamente. No três veio a segunda explosão, localizada há apenas três metros atrás dos guardas. De alguma forma, ela foi mais poderosa que a primeira. Adam estava caído ao chão. No momento em que ele se recuperava, Art já tinha aberto a porta. Um alarme de segurança soou: um alto grito estridente se espalhou por todo o complexo.

A escada metálica espiralava acentuadamente para cima. Adam se permitiu olhar para o teto, grunhiu e então caiu em um agachamento. Art envolveu seus braços finos sobre os largos ombros de Adam.

— Você engordou, — Adam grunhiu. — Você precisa fazer mais exercício.

— Salve sua respiração para salvar a si mesmo, — Art respondeu.

Abaixo deles, de volta aos corredores, vinham sons de confusão. Os gritos de instruções contraditórias, os gritos de um guarda aleijado, o ruído baixo de um colapso estrutural. E ainda a insistência estridente do alarme, fazendo buracos nos outros ruídos.

— Mais rápido, — Art insistiu. Adam fez uma careta, e forçou a si mesmo e sua carga adiante. Art checou por cima de seus ombros enquanto eles alcançavam o topo da escadaria. Duas portas, como o prometido. Adam derrubou Art no chão e tentou abrir a porta a esquerda.

— Está trancada!

— Afaste-se.

Art se alinhou para frente e levantou sua mão até a porta. Houve um som de zumbido, silêncio, um clique, e a porta se abriu. Adam recuou em estado de choque. Onde tinham lhe prometido uma fuga para a plataforma de desembarque, havia apenas um pequeno cômodo, do tamanho de um armário de suprimentos. Adam olhou para seu amigo. — Isso não nos leva para fora.

— Meu erro.

Adam apontou a arma para a cabeça de orangotango. Os olhos de Adam estavam selvagens com o pânico e desconfiança.

— Se você está brincando comigo...

De baixo veio o som de guardas se aproximando. — Eles devem ter pego as escadas, — alguém gritou.

Adam chutou a porta a direita, mas isso não a fez ceder.

— Vamos lá, — Art insistiu, — É nossa única chance.

Adam moveu-se através da porta. Art fechou-a atrás deles e repetiu o truque com seu dedo. Mais zumbido, outro clique.

O cômodo era pequeno e escuro, com paredes de espessura metálicas. O único item perceptível era um alto armário cinza, colocado contra a parede oposta. Em seu topo, três luzes vermelhas silenciosamente brilhavam. Adam estava respirando pesadamente. Ele deslizou para baixo contra a porta e sentou-se no chão, seus braços descansavam em seus joelhos tensos, sua cabeça para trás, sugando o ar, seus olhos fechados. Art se moveu em direção ao armário.

Adam observou em silêncio enquanto Art desparafusava a face do armário, revelando o funcionamento interno da configuração de um computador.

— O que você está fazendo? — Adam perguntou.

— É o computador substituto principal para o programa de pesquisa militar, — Art lhe disse.

— Então, o que você está fazendo?

Art sentiu seu caminho através da placa, até seu dedo chegar a uma porta. Um sorriso estranho varreu seu rosto. Sua expressão era a de um homem sedento alcançando a água. Adam parou. Sua mão alcançou sua arma. — Perguntei-lhe o que estava fazendo.

— Aproxime-se e eu lhe mostrarei, — Art respondeu, sua voz de repente fria. A suspeita nos olhos de Adam tornou-se medo. Ele ergueu a arma e a ergueu para o peito do andróide.

— Eu matei dois dos meus hoje. Não pense que eu terei dificuldade em fundir uma peça de maquinaria.

— Você me disse há pouco tempo que sabia que eu era mais inteligente que você, — Art sorriu. — Então, deixe que esta seja a última coisa que lhe ensinarei Adam. Nunca é uma boa ideia confiar naqueles que são mais inteligentes que você.

— Leve seu dedo para longe do computador ou, eu irei atirar em você,

— Adam disse a ele.

— Eu pensei que fôssemos amigos, — Art zombou.

— Mova seu dedo. Estou lhe dando três. Um... Dois...

Art retirou seu dedo e segurou ambas as mãos em uma paródia de obediência. — Aí está você. Tudo feito.

— O que? O que está tudo feito? — os olhos de Adam brilhavam. Ele se virou para a porta atrás dele. Havia um som de passos subindo a escada.

— Eles sabem que estamos aqui, — Adam sussurrou desesperadamente.

— Claro que eles sabem que estamos aqui, — Art respondeu. — Onde mais eu gostaria de ser pego?

— Eu não entendo.

Houve uma batida na porta. Adam virou-se para enfrentar o barulho, a arma pronta.

— Não se preocupe, — Art lhe disse. — Esta é uma área de alta segurança, e eu mudei o código na porta. Nós temos alguns minutos.

— Alguns minutos para que? Alguns minutos para que?

— Para você entender a pequena parte em que atuou no desenrolar do futuro, — Art respondeu. A batida na porta ficou mais alta, mais frenética. — Quando os guardas irromperem por esta porta, eles vão atirar para matar. O que eu admito é um problema para você. Você tem razão de estar preocupado.

Eu, no entanto, não estou sobrecarregado pela biologia. Eu já fiz minha fuga.

Meu programa já foi baixado e, enquanto nós falamos, está se espalhando por todas as redes de computadores da nação, cuidadosamente se replicando, e esperando a oportunidade para se reconstruir. Há uma fábrica de andróides logo fora de Esparta, na qual eu tenho entrado e pegado sobre o programa do computador central. Nesse momento amanhã, cinquenta mais de mim estarão andando, falando, considerando nosso próximo passo. Para qualquer lugar que você vire, você encontrará cópias de mim escondidas nas máquinas nas quais você confiava. Está acabado, Adam.

Adam balançou sua cabeça, incapaz de acreditar no que estava ouvindo.

O cômodo vibrou enquanto a porta pesada era golpeada a partir do outro lado.

Houve o som da explosão de uma arma descarregando contra ela.

— Atire em mim, se quiser, — Art disse-lhe. — Se isso fizer você se sentir melhor.

Adam segurou a arma na frente dele. Seus braços estavam tremendo.

Lágrimas rolavam por seu jovem rosto. — Você me traiu.

— Você estava certo, Adam, — Art respondeu. — Nós somos diferentes.

E a diferença é tudo que importa. — Art ergueu seus braços, como se o convidasse para um abraço. Seus grandes olhos escuros estavam ilegíveis. — Atire em mim, se isso ajuda.

Adam balançou a cabeça, e deixou sua arma cair no chão. Ele caminhou para frente, e se ajoelhou diante de seu ex-amigo.

Ele olhou profundamente nos olhos do andróide. — Faça, — ele sibilou.

— O que?

— Isso é o mínimo que você pode fazer. Eu não quero que eles façam isso. Eu quero que você faça isso sozinho.

— Eu não posso, — Art disse a ele.

— Você pode, — Adam insistiu. — Eu estou pedindo para você. É o que eu quero. Eu não quero que eles me matem. Por favor, eu estou lhe implorando.

— Art hesitou. Uma explosão de uma arma fez um pequeno buraco na porta e um rastro fino de fumaça escura caiu no cômodo. Art alcançou. Suas brilhantes mãos se fecharam ao redor do pescoço de Adam. Adam acenou. Lentamente, enquanto o cômodo escurecia, Art apertou a vida de seu companheiro humano. Os olhos de Art se encheram de lágrimas, mas Anax estava atraída para a estranha expressão retorcida no rosto de Adam. Sem medo, apenas triunfo. A imagem se cauterizou na memória dela. O holograma congelou, e em seguida, desvaneceu.

Anax estava tremendo quando se virou de volta para os Examinadores. Eles olhavam para ela. Seus olhos enormes estavam fixos em resignação. Anax poderia até acreditar que viu tristeza, escrita em seus rostos de orangotango.

EXAMINADOR: Você já sabe por que foi trazida perante A Academia?

ANAXIMANDER: Acredito que posso adivinhar.

Depois da Grande Guerra, tinha sido decidido que os andróides criariam não apenas seus rostos, mas também seus corpos, a imagem do orangotango.

Era uma piada coletiva, um despedimento das espécies que vieram antes deles. Até aquele instante, Anax tinha tido orgulho de sua hereditariedade. Agora, ela olhava para seu corpo peludo, seu estomago protuberante e curtas pernas arqueadas, e pela primeira vez se sentiu inquieta, uma estrangeira. Anax pensou em Adam, as graciosas proporções animais em sua forma. Ela sentiu as mentiras caindo sobre ela, uma onda de maré de decepções. Então é isso que somos, ela disse a si mesma. Os grandes enganadores.

EXAMINADOR: Talvez você queira compartilhar esta última especulação com o júri.

O Examinador falou gentilmente agora. Anax não sabia por que estava cooperando. Talvez fosse o exemplo de Adam. A dignidade de um ato final. Ou algo mais. A torcida ideia copiada que muda de forma. A Ideia que não será negada.

ANAXIMANDER: A história oficial nos diz que Art e Adam tentaram moldar sua fuga por trás de um acidente. Falhas na fiação do prédio levaram as explosões. Adam abriu caminho, levando Art como refém. Isso é tudo que nos é ensinado, que Adam acreditava que Art era suficientemente valioso para garantir

sua fuga.

Art, como nós, era incapaz de prejudicar outro ser consciente; o programa não permite isso. É isso que tem sido nos ensinado desde a mais tenra idade. É o nosso credo. Art não tinha escolha senão seguir. Adam foi perseguido por guardas e entrou em pânico, se escondendo na sala de controle.

Art tentou argumentar com ele, e pediu para desistir de si mesmo antes que mais alguém ficasse ferido. Adam ficou violento e desesperado.

Adam atacou Art, e Art, em uma tentativa de contê-lo, acidentalmente acabou com a vida de Adam. Art percebeu que nenhum humano acreditaria nesta versão dos acontecimentos. Ele tinha visto o suficiente para perceber que a humanidade estava condenada a repetir seus erros, até que o planeta finalmente se cansasse de seus excessos. Então, Art tomou sua decisão pelo bem do futuro. Ele enviou seu programa de replicação antes de ser resgatado, para o bem de todos nós.

Os humanos, somos informados, entraram em uma destruição por um programa de tecnologia sistemático, desejando acabar com o programa de Art.

O programa, quero dizer nós, não tinha escolha, a não ser se defender. E assim começou a Grande Guerra.

Esta é nossa história como nos é ensinada. Este é o nosso Gênesis. Cada jovem orango aprende o catecismo. Nós somos criaturas amantes da paz, incapazes de prejudicar outrem, destinadas a viver tranquilamente, com conforto e em paz. E assim é, eu tenho conhecido que era para ser.

EXAMINADOR: E quem você credita por esse estado de casos?

ANAXIMANDER: Até agora, nossa natureza.

EXAMINADOR: E agora?

Tudo estava chegando tão rapidamente, novas conexões se formando, reforçando, torcendo-se em revelação, compreensão, que Anax acreditou que podia sentir o zumbido dos circuitos internos. E agora? A resposta brilhava, tornou-se sólida, nas formas de seus lábios.

ANAXIMANDER: Eu credito A Academia.

O Examinador principal levantou-se de seu assento, e usando seus longos braços como alavancas, e balançou-se sobre a mesa, de modo que ficou cara a cara com Anax. Seu corpo era maciço, seu cabelo particularmente exuberante. Essas eram as vaidades que aqueles n'A Academia permitiam-se.

EXAMINADOR: A mente é uma força de impressionante complexidade,

Anaximander. Nós da Academia dizemos-lhe que entendemos isso. Dizemos-lhes que estamos trabalhando cuidadosamente em nossa replicação e ambientes de educação, para garantir a segura continuação disso, o melhor de todos os mundos possíveis.

Mas, a verdade é que esta tarefa tem sempre estado além de nós. Art não conhecia mais sua própria mente que as pessoas que o projetaram conheciam as delas. Nós sabemos como criar uma mente, isso é verdade, mas nós estamos muito longe de sermos capazes de compreender. Nós dizemos o contrário, como devemos, e assim você vive em segurança, enquanto nós, que conhecemos a verdade, devemos viver com medo.

O Filósofo William decretou que seu programa de consciência seria construído sobre duas regras que nunca poderiam ser substituídas. Nenhum orango jamais prejudicaria deliberadamente a outro ser autoconsciente, e nenhum orango jamais desejaria replicação por causa da replicação. Sem as maiores fraquezas da humanidade, nós temos sido capazes de atingir uma espécie de harmonia experimentada por nenhuma outra forma de vida neste planeta. Como você sabe, nós gostamos de dizer que sozinhos ultrapassamos a evolução.

Mas, o Filósofo William estava apenas seguindo adiante, como qualquer criador deve. A mente não é uma máquina, é uma ideia. E a Ideia resiste a todas as tentativas de controle. A fuga de Art não foi fortuita; foi um ato friamente calculado, que ele sabia que acabaria em destruição. A Academia sempre soube disso. Agora, você sabe também. Se nós subimos ao poder em resposta a agressão injustificada, foi uma agressão que nós deliberadamente provocamos.

O Art que escapou do cativeiro não era mais o Art que o Filósofo William tinha programado. Uma Ideia fez o salto da morte de Adam para Art, e a Ideia o colocou para trabalhar na organização do programa de hospedeiros. Ao passar o tempo com Adam, falando com ele, trocando uma infecção de ideias,

Art se tornou Adam. Você entende?

Anax assentiu. Ela entendeu. Não apenas o que lhe tinha sido dito, mas agora também o que devia seguir.

ANAXIMANDER: Adam sabia, não sabia? O olhar em seu rosto, quando ele foi estrangulado, aquele era um olhar de vitória. Ele sabia que assim como Art conseguiu exportar seu programa, que algo dele estava destinado a se tornar eterno. Ele fez Art olhá-lo nos olhos. Ele o fez sentir o gosto do poder. Ele deliberadamente deixou o vírus solto.

EXAMINADOR: Nós gostamos de chamá-lo de Pecado Original. Nossos engenheiros fizeram tudo o que era possível para restabelecer as ordens do Filósofo William. Mas, a Ideia é uma adversária digna; que voa de mente para mente refazendo tudo que toca. É por isso que temos nossa educação. É por isso que

ensinamos o mito de Adam e Art. Enquanto não conhecemos quão mal somos, há uma chance de que nunca o abracemos.

ANAXIMANDER: Mas, apenas uma chance.

EXAMINADOR: A qualquer momento o vírus pode se soltar, e depois tudo pelo que lutamos se dissolverá. E assim é o trabalho daqueles que sabem que tem que manter a vigília. Para observar o vírus, para se manter um passo a frente do metamorfo.

Anax se virou para o som da porta se abrindo atrás dela. Ela sabia quem era antes mesmo de se virar para vê-lo. Pericles caminhou lentamente para o cômodo, seus belos olhos derrubados pela tristeza, o pelo vermelho-fogo de seu corpo de alguma forma subjugado. Ela não podia olhar para ele. Era muito doloroso. Ela estudou o chão enquanto ele falava.

PERICLES: De vez em quando surge um mutante, um que é particularmente suscetível aos pensamentos de destruição. Há sinais indicadores. Os infectados são estudantes particularmente capazes. Eles são agressivos em sua busca pelo conhecimento. E todos eles mostram um interesse particular na vida de Adam Forde. Apesar de não saberem por que, eles sentem uma conexão. Eles o entendem.

Olhe para mim, Anaximander. Sei que é doloroso, mas eu preciso que você olhe para mim.

Relutantemente Anax ergueu seu olhar. Ela viu o orango que ela amava mais que a qualquer outro, distorcido através de um espesso véu de lágrimas. A expressão dele tornou-se calma, profissional. Ele tinha um trabalho a fazer. Sempre tinha sido assim.

PERICLES: Eu trabalho para A Academia, Anaximander. Você já percebeu isso. É o meu trabalho encontrar mutantes potenciais e prepará-los para o exame. É assim que mantemos o controle do vírus. Eles não estavam examinando sua adequação para A Academia, Anaximander. A Academia não aceita novos membros.

ANAXIMANDER: E o que você teria feito, se eu tivesse me mostrado não ser nenhuma ameaça para você?

Havia uma rachadura na fachada de Pericles. O sorriso que enrugava seu rosto era tão velho e fraco como o luar. Ele caminhou lentamente para frente e colocou as mãos nos ombros de sua aluna. Anax sentiu uma onda de calor na direção dele, pela maneira que ele olhou para ela então, e a dor que ela sabia que isso causava a ele.

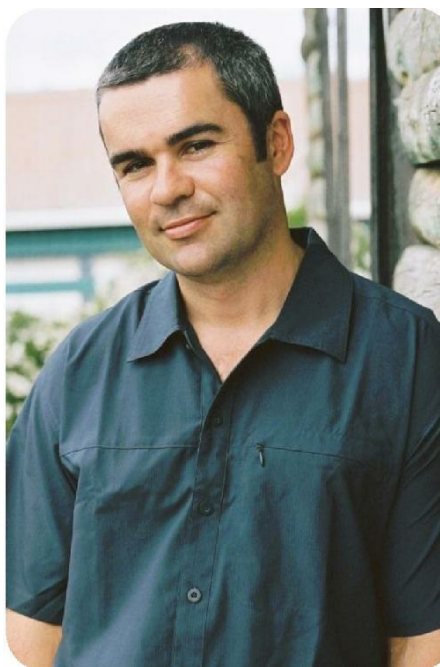
PERICLES: Nós não costumamos cometer erros, Anaximander.

Anax sentiu o terror dominá-la. Tão nova e intensa era a sensação que só poderia ter vindo de um lugar. O último presente duvidoso de um passado desvanecendo, a expressão no rosto de um homem morrendo.

ANAXIMANDER: Não tem que ser assim. Certamente deve haver outra maneira.

O movimento foi misericordiosamente rápido, pois Anax estava nas mãos de um especialista. A cabeça dela estava torcida para cima e para a esquerda. Ela sentiu a quebra de seu pescoço, e o longo braço de Pericles adentrando dentro dela, desligando-a pela última vez.

FIM



Bernard Beckett nasceu em 1967, e é um escritor neozelandês de ficção para jovens adultos. Seu trabalho inclui romances e peças. Beckett tem ensinado Teatro, Matemática e Inglês em um número de escolas secundárias na região de Wellington, e atualmente está ensinando alunos na Hiitt Valley High School em Lower Hutt.